



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO
MESTRADO EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO

JESSICA SOUZA FERREIRA MARQUES

A LEITURA DO FEMININO EM *ANNE DE GREEN GABLES* E *ANNE COM E*

FORTALEZA

2023

JESSICA SOUZA FERREIRA MARQUES

A LEITURA DO FEMININO EM *ANNE DE GREEN GABLES* E *ANNE COME*

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Estudos da Tradução. Área de concentração: Processos de Retextualização.

Orientador: Prof. Dra. Izabel Cristina Cordeiro Lima Costa.

Coorientador: Prof. Dr. Rafael Ferreira da Silva

FORTALEZA

2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Sistema de Bibliotecas

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

M3181 Marques, Jessica Souza Ferreira.
A leitura do feminino em "Anne de Green Gables" e "Anne com E" / Jessica Souza Ferreira Marques. – 2023.
128 f. : il. color.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós- Graduação em Estudos da Tradução, Fortaleza, 2023.

Orientação: Profª. Dra. Izabel Cristina Cordeiro

Lima Costa. Coorientação: Prof. Dr. Rafael Ferreira da Silva.

1. Estudos da Tradução. 2. Tradução Intersemiótica. 3. Teoria da Adaptação. 4. Feminino. 5. Lucy Maud Montgomery. I. Título.

CDD 418.02

JESSICA SOUZA FERREIRA MARQUES

A LEITURA DO FEMININO EM *ANNE DE GREEN GABLES* E *ANNE COME*

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal do Ceará como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Estudos da Tradução. Área de concentração: Processos de Retextualização.

Aprovada em: 29/09/2023.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dra. Izabel Cristina Cordeiro Lima Costa (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Rafael Ferreira da Silva (Coorientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profª. Dra. Priscila Nogueira da Rocha
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Profª. Dra. Tatiana Arze Fantinatti
Universidade Federal da Bahia (UFBA)

A Deus.

Aos meus pais, meu esposo, filhos, irmãos e familiares.

AGRADECIMENTOS

À Profa. Dra. Izabel Cristina Cordeiro Lima Costa, pela excelente orientação.

Ao Prof. Dr. Rafael Ferreira da Silva, pela excelente coorientação.

Às professoras participantes da banca examinadora, Profa. Dra. Priscila Nogueira da Rocha e Profa. Dra. Tatiana Arze Fantinatti, pelo tempo, pelas valiosas colaborações e sugestões.

Aos colegas da turma de mestrado, pelas reflexões, críticas e sugestões recebidas.

"Só é possível conhecer o presente na medida em que se conhece o passado" (Plaza, 2003).

RESUMO

O presente estudo visa a investigação da retextualização do feminino em *Anne de Green Gables* (2019) na primeira temporada da série *Anne com E* (2017). O livro foi escrito por Lucy Maud Montgomery e publicado pela primeira vez no ano de 1908 no Canadá, a edição utilizada para observação foi publicada no Brasil em 2019 e aborda a história da personagem Anne Shirley e suas vivências. A série intitulada de *Anne com E* é uma adaptação intersemiótica criada pela canadense Moira Walley-Beckett e disponibilizada pela plataforma de *streaming* Netflix. A personagem Anne Shirley fornece aos leitores e telespectadores mensagens com teor de mudança, reflexão e ação; desse modo, qual a leitura do feminino no livro e na série televisiva? A metodologia empregada foi a análise qualitativa dos objetos por meio de pesquisa bibliográfica, utilizando as teorias: Tradução Intersemiótica (Plaza, 2010); Teoria da Adaptação (Hutcheon, 2013); Intermidialidade (Clüver, 2011); Estudos femininos (Hooks, 2022); Memória (Bosi, 2022) e (Elias, 1998). Foi necessário organizar a análise em subtópicos: A Sociedade, A educação e A cultura, destacando a cidade fictícia de Avonlea como foco. Os questionamentos suscitados são: Como a mulher é representada na sociedade? Qual é a perspectiva em relação à educação feminina? Quais são os comportamentos sociais apresentados no *corpus*? Os resultados obtidos foram significativos e demonstraram a importância da tradução intersemiótica no estabelecimento de ligações entre as culturas, promovendo a disseminação de informações, ideologias, histórias. Além de apresentar a personagem principal como vanguarda em seu contexto sócio-histórico, por fim, é preciso investigar e traduzir os escritos de Montgomery no Brasil.

Palavras-chave: Estudos da Tradução; Tradução Intersemiótica; Teoria da Adaptação; Feminino; Lucy Maud Montgomery; Anne de Green Gables; Moira Walley-Beckett.

ABSTRACT

This study aims to investigate the retextualization of the feminine in *Anne of Green Gables* (2019) in the first season of the series *Anne with an E* (2017). This book was written by Lucy Maud Montgomery and published for the first time in 1908 in Canada, the chosen edition for was published in Brazil in 2019 and covers the story of the character Anne Shirley and her experiences. The series titled *Anne with an E* is an intersemiotic adaptation created by Canadian Moira Walley-Beckett and made available on the Netflix streaming platform. The character Anne Shirley provides readers and viewers with messages of change, reflection and action; So, what is the interpretation of the feminine in the book and in the television series? The methodology used was the qualitative analysis of objects through bibliographical research, using the following theories: Tradução Intersemiótica (Plaza, 2010); Teoria da Adaptação (Hutcheon, 2013); Intermidialidade (Clüver, 2011); Estudos femininos (Hooks, 2022); Memória (Bosi, 2022) e (Elias, 1998). It is fundamental to organize the analysis into subtopics: Society, Education and Culture, highlighting the fictional city of Avonlea as the focus. The raised questions are: How are women represented in society? What is the perspective regarding female education? What are the social behaviors presented in the corpus? The results obtained were: the importance of intersemiotic translation in establishing links between cultures, promoting the dissemination of information, ideologies, stories. In addition to introducing the presentation of the main character as a vanguard in her socio-historical context. As per conclusion, it is necessary to investigate and translate Montgomery's writings in Brazil.

Keywords: Translation Studies; Intersemiotic Translation; Adaptation Theory; Feminine; Lucy Maud Montgomery; *Anne of Green Gables*; Moira Walley-Beckett.

LISTA DE FIGURAS

| | |
|--|----|
| Figura 1 - Localização da Ilha do Príncipe Edward no Canadá | 18 |
| Figura 2 – Fotografia da escritora na infância | 19 |
| Figura 3 – Foto de Montgomery em 1908 | 19 |
| Figura 4 – Capa da autobiografia de Lucy Montgomery | 21 |
| Figura 5 – Contracapa da autobiografia de Lucy Montgomery | 22 |
| Figura 6 – Captura de tela do website com informações sobre Montgomery | 24 |
| Figura 7 – Capa | 30 |
| Figura 8 – Contracapa | 30 |
| Figura 9 – Capa da Série publicada em 2017 | 33 |
| Figura 10 – Anne questiona Marilla acerca da diferença no tratamento entre meninos e meninas | 34 |
| Figura 11 – Anne pergunta a Marilla sobre suas capacidades 1 | 34 |
| Figura 12 – Anne pergunta a Marilla sobre suas capacidades 2 | 34 |
| Figura 13 – Apresentação metodológica | 37 |
| Figura 14 – Marilla coloca uma caixa em seu colo e segura alguns objetos | 42 |
| Figura 15 – Marilla lê cartas que estavam na caixa em seu colo | 43 |
| Figura 16 – Marilla lê o primeiro trecho da carta | 43 |
| Figura 17 – Marilla sorri e chora ao continuar sua leitura | 43 |
| Figura 18 – Marilla não consegue controlar suas emoções | 44 |
| Figura 19 – Ao final da carta, há uma mensagem amorosa do emissor | 44 |
| Figura 20 – Marilla chora ao ler o final da carta | 44 |
| Figura 21 – Marilla está em seu quarto com a carta na mão | 45 |
| Figura 22 – Matthew é questionado por Rachel | 50 |
| Figura 23 – Matthew responde Rachel sobre sua reflexão | 51 |
| Figura 24 – Rachel e Marilla conversam sobre expandir seus ideais | 51 |
| Figura 25 – Matthew vai até a estação de trem | 55 |
| Figura 26 – O chefe da estação conversa com Matthew | 55 |
| Figura 27 – O chefe da estação fala sobre a órfã que foi deixada na estação | 55 |
| Figura 28 – O chefe da estação continua falando sobre a menina | 56 |
| Figura 29 – Matthew afirma que não foi pegar uma menina | 56 |
| Figura 30 – Matthew anda pela estação | 56 |
| Figura 31 – Matthew e o chefe da estação dialogam | 56 |

| | |
|---|----|
| Figura 32 – O chefe da estação comenta sobre a senhora Spencer | 57 |
| Figura 33 – O chefe da estação comunica o recado da senhora Spencer | 57 |
| Figura 34 – O chefe da estação encerra o diálogo com Matthew | 57 |
| Figura 35 – Diálogo na escola 1 | 61 |
| Figura 36 – Diálogo na escola 2 | 61 |
| Figura 37 – Diálogo na escola 3 | 61 |
| Figura 38 – Diálogo na escola 4 | 62 |
| Figura 39 – Diálogo na escola 5 | 62 |
| Figura 40 – Diálogo na escola 6 | 62 |
| Figura 41 – Marilla está pensativa | 66 |
| Figura 42 – Anne fala sobre o que consegue fazer 1 | 66 |
| Figura 43 – Anne fala sobre o que consegue fazer 2 | 67 |
| Figura 44 – Anne fala sobre o que consegue fazer 3 | 67 |
| Figura 45 – Anne fala sobre o que consegue fazer 4 | 67 |
| Figura 46 – Anne e Marilla conversam a caminho da residência da Senhora Spencer | 68 |
| Figura 47 – Anne segura um bebê | 70 |
| Figura 48 – Marilla dialoga com Matthew acerca dos afazeres domésticos restritos só a ela | 70 |
| Figura 49 – Rachel observa o movimento da rua dentro de sua residência | 71 |
| Figura 50 – Rachel espia por sua janela | 71 |
| Figura 51 – Reunião das Mães Progressistas 1 | 73 |
| Figura 52 – Reunião das Mães Progressistas 2 | 73 |
| Figura 53 – Marilla conversa com Rachel sobre a decisão de adotar um órfão | 75 |
| Figura 54 – Primeiro encontro de Marilla e Anne 1 | 75 |
| Figura 55 – Primeiro encontro de Marilla e Anne 2 | 76 |
| Figura 56 – Primeiro encontro de Marilla e Anne 3 | 76 |
| Figura 57 – Primeiro encontro de Marilla e Anne 4 | 76 |
| Figura 58 – Primeiro encontro de Marilla e Anne 5 | 76 |
| Figura 59 – Primeiros momentos de <i>Anne em Green Gables</i> 1 | 77 |
| Figura 60 – Primeiros momentos de <i>Anne em Green Gables</i> 2 | 77 |
| Figura 61 – Anne conversa com Josephine Barry | 80 |
| Figura 62 – Anne dialoga com a senhora Barry 1 | 80 |
| Figura 63 – Anne dialoga com a senhora Barry 2 | 81 |
| Figura 64 – Marilla é convidada para participar das reuniões do grupo de mães progressistas 1 | 82 |

| | |
|---|----|
| Figura 65 – Marilla é convidada para participar das reuniões do grupo de mães progressistas 2 | 82 |
| Figura 66 – Marilla é convidada para participar das reuniões do grupo de mães progressistas 3 | 82 |
| Figura 67 – Marilla é convidada para participar das reuniões do grupo de mães progressistas 4 | 83 |
| Figura 68 – Marilla é convidada para participar das reuniões do grupo de mães progressistas 5 | 83 |
| Figura 69 – Reunião do CCMP 1 | 84 |
| Figura 70 – Reunião do CCMP 2 | 85 |
| Figura 71 – Reunião do CCMP 3 | 85 |
| Figura 72 – Reunião do CCMP 4 | 85 |
| Figura 73 – Reunião do CCMP 5 | 86 |
| Figura 74 – Reunião do CCMP 6 | 86 |
| Figura 75 – Reunião do CCMP 7 | 86 |
| Figura 76 – Reunião do CCMP 8 | 87 |
| Figura 77 – Reunião do CCMP 9 | 87 |
| Figura 78 – Reunião do CCMP 10 | 87 |
| Figura 79 – Reunião do CCMP 11 | 88 |
| Figura 80 – Reunião do CCMP 12 | 88 |
| Figura 81 – Continuação da Reunião do CCMP 1 | 89 |
| Figura 82 – Continuação da Reunião do CCMP 2 | 89 |
| Figura 83 – Continuação da Reunião do CCMP 3 | 89 |
| Figura 84 – Linha do tempo mostrando a trajetória de lutas das mulheres brasileiras | 91 |
| Figura 85 – Reunião do Clube de Contos 1 | 92 |
| Figura 86 – Reunião do Clube de Contos 2 | 93 |
| Figura 87 – Primeiro encontro de Anne e Diana 1 | 95 |
| Figura 88 – Primeiro encontro de Anne e Diana 2 | 95 |
| Figura 89 – Anne corre no topo de uma montanha após o primeiro encontro com a Senhora Lynde | 97 |
| Figura 90 – Anne para no topo de uma montanha após o primeiro encontro com a Senhora Lynde | 97 |
| Figura 91 – Anne está com olhar triste e vago sob a montanha após o primeiro encontro com a Senhora Lynde | 97 |

| | |
|--|-----|
| Figura 92 – Anne fecha os olhos no cume da montanha após o primeiro encontro com a Senhora Lynde | 98 |
| Figura 93 – Anne chora no topo da montanha após o primeiro encontro com a Senhora Lynde | 98 |
| Figura 94 – Marilla visita a casa de uma das mães progressistas | 99 |
| Figura 95 – O padre visita os Cuthberts para aconselhá-los acerca de Anne não querer ir para a escola | 100 |
| Figura 96 – Anne conta sobre sua história para Marilla (Episódio 1) | 100 |
| Figura 97 – Anne pede desculpas à senhora Lynde 1 | 101 |
| Figura 98 – Anne pede desculpas à senhora Lynde 2 | 101 |
| Figura 99 – Anne pede desculpas à senhora Lynde 3 | 102 |
| Figura 100 – Anne dialoga com Diana 1 | 103 |
| Figura 101 – Anne dialoga com Diana 2 | 103 |
| Figura 102 – Piquenique em Avonlea 1 | 104 |
| Figura 103 – Piquenique em Avonlea 2 | 104 |
| Figura 104 – Piquenique em Avonlea 3 | 104 |
| Figura 105 – Piquenique em Avonlea 4 | 105 |
| Figura 106 – Piquenique em Avonlea 5 | 105 |
| Figura 107 – Piquenique em Avonlea 6 | 105 |
| Figura 108 – Anne ajuda no incêndio na casa da família Gillis | 106 |
| Figura 109 – Marilla pergunta a Anne sobre o fogo e o motivo de suas atitudes | 106 |
| Figura 110 – Anne explica como ajudou no incêndio na casa da família Gillis | 107 |
| Figura 111 – Reunião da comunidade de Avonlea para ajudar a família Gillis. | 107 |
| Figura 112 – Anne está emocionada após ser convidada a assinar o livro da família Cuthbert | 108 |
| Figura 113 – Marilla pede para Anne se acalmar, pois está emocionada pela sua adoção oficial pelos irmãos Cuthbert | 108 |
| Figura 114 – Anne afirma que nunca esteve tão feliz em sua vida | 108 |
| Figura 115 – Anne faz suas orações | 109 |
| Figura 116 – Anne pergunta se Diana poderia gostar dela | 110 |
| Figura 117 – Diana responde Anne que sim | 110 |
| Figura 118 – Diana e Anne fazem votos de amizade | 111 |
| Figura 119 – Anne está com chapéu cheio de flores selvagens | 112 |
| Figura 120 – Diana questiona as flores silvestres no chapéu de Anne | 112 |

LISTA DE QUADROS

| | |
|--|-----|
| Quadro 1 – Títulos do livro <i>Anne de Green Gables</i> | 30 |
| Quadro 2 – Títulos dos episódios da primeira temporada da série <i>Anne com E</i> | 33 |
| Quadro 3 – Trechos do livro mostrando alguns usos do recurso de destaque itálico nas falas | 114 |

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

| | |
|------|--|
| TF | Texto-fonte |
| TA | Texto Adaptado |
| CCMP | Círculo de Costuras das Mães Progressistas |

SUMÁRIO

| | |
|---|------------|
| 1 INTRODUÇÃO | 14 |
| 2 LUCY MAUD MONTGOMERY | 18 |
| 2.1 A obra <i>Anne de Green Gables</i> | 27 |
| 2.2 A adaptação <i>Anne com E</i> | 31 |
| 3 AS TEORIAS ANALISADAS EM <i>ANNE COM E</i> | 37 |
| 3.1 Metodologia | 37 |
| 3.2 Intermidialidade | 38 |
| 3.3 Tradução Intersemiótica | 45 |
| 3.4 A teoria da adaptação | 48 |
| 3.5 O tempo e a memória | 52 |
| 4 ANÁLISE DO TEMPO E DA MEMÓRIA EM <i>ANNE COM E</i> | 63 |
| 4.1 A sociedade | 64 |
| 4.2 A educação | 81 |
| 4.3 A cultura | 95 |
| 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS | 117 |
| REFERÊNCIAS | 121 |
| ANEXO | 123 |

1 INTRODUÇÃO

Os estudos de tradução nos possibilitam realizar conexões entre culturas, ideias e realidades; principalmente, com o avanço da globalização, podemos perceber a grande difusão de traduções e adaptações em todo o mundo. A leitura é o principal impulsionador desse movimento por meio dos livros e das bibliotecas que armazenam a memória e o tempo.

Estamos cercados de signos e, por meio deles, construímos nossa existência devido a sua constituição material (significante) e conceitual (significado). O signo linguístico é uma parte do sistema complexo da linguagem e, por meio dele, podemos realizar comunicação. A tradução busca a troca de códigos linguísticos no objetivo de transmitir mensagens e transcender fronteiras.

Jakobson (1959) distribui a tradução em três categorias, sendo elas: a tradução intralinguística a tradução interlingual e a tradução intersemiótica. Respectivamente, tradução intralinguística ocorre dentro de uma mesma língua, como a adaptação do livro *Harry Potter e a Pedra Filosofal* em português para crianças entre cinco e oito anos de idade; a tradução interlingual decorre por meio da transferência de um texto para outro idioma, como tradução do livro *O Sítio do Picapau Amarelo* para o Inglês; e a tradução intersemiótica, quando acontece a transformação do signo verbal para um não-verbal, como a história de *Peter Pan* para mangá. O presente estudo utiliza a tradução intersemiótica como ferramenta norteadora, devido a transformação da análise do livro *Anne de Green Gables* (2019), em linguagem verbal, para a série televisiva *Anne com E* (2017), em linguagem não-verbal.

O texto-fonte e a tradução são artes que possuem a capacidade de transmitir informações, formar vínculo com um público, auxiliar na formação de opinião e difundir a cultura. A intermedialidade busca estudar a relação entre as mídias, como a própria etimologia da palavra já explica: auxilia no desenvolvimento de pesquisas envolvendo questões de influências, intertextualidade, adaptação, dentre outros.

A teoria da Adaptação circula nas sociedades por meio de diversas mídias, promovendo o acesso a obras provenientes de outras culturas e fornecendo novas perspectivas para um mesmo objeto. Ao lermos a obra original *Anne of Green Gables*, na Língua Inglesa, formamos contexto de compreensão acerca da construção da adaptação para peça teatral. É possível compreender como foi a construção da adaptação, se ocorreram mudanças, quais foram as estratégias utilizadas para comunicar as mensagens.

A tradução está inserida na sociedade e, por meio dela, temos acesso a fatos que ligam a memória e o tempo de culturas e civilizações, como exemplo, a presença da luta da mulher por espaço e suas conquistas na coletividade. A influência do tempo e da tradução tem auxiliado mulheres e simpatizantes na obtenção de informações por meio de notícias, publicações acadêmicas de outras culturas e movimentos na busca da sororidade.

A escritora canadense Lucy Maud Montgomery desenvolveu, em seus escritos do início do século XX, questões modernas que dialogam com a sociedade contemporânea. A narrativa mais conhecida é *Anne de Green Gables*, publicada em 1908 nos Estados Unidos, em Boston, pela editora L.C. Page. Segundo o *website The Canadian Encyclopedia*, foram vendidos um total de 19.000 cópias nos primeiros meses¹. Vale ressaltar que, somente após trinta e cinco anos, houve edição canadense da primeira obra de Lucy.² Devido ao sucesso da personagem, várias adaptações em diversos países ocorreram, sendo elas: programas de rádio, anime, teatro, curta-metragem, websérie online na plataforma *Youtube*, *grafic novel*, filme, adaptações televisivas, cinematográficas e outras mídias.

Os livros de Lucy chegaram ao Brasil pela primeira vez em 1939 por meio da editora Companhia Nacional, traduzida por Yolanda Vieira Martins com um total de 429 páginas. O primeiro volume da coletânea foi reeditado em 1956, 2009, 2015, 2019, 2020, 2021, 2022 e 2023. Para as novas gerações, a história de Anne obteve sucesso por meio da adaptação intitulada *Anne com E*, disponível na plataforma Netflix, constituindo três temporadas lançadas entre os anos de 2017 e 2020. Em função do grande sucesso da série, houve interesse das editoras em republicar os livros e publicar pela primeira vez a autobiografia da escritora em 2020. Percebemos, após o lançamento da série televisiva, o volume de publicações subsequentes crescente.

Anne de Green Gables chegou ao Brasil em 1939 com contexto histórico e político brasileiro de caráter restritivo e controlado por meio da coleção *Biblioteca das moças*. Por meio do livro a autora faz o público refletir e questionar o próprio comportamento, proporcionando mudanças no grupo social.

Ramalhete e Sten (2018) informam que

[...] tinha como objetivo sedimentar os “bons costumes” e cristalizar uma visão frágil e reducionista da mulher, restrita apenas ao âmbito doméstico e/ou romantizado. Considerando, todavia, o caráter subversivo da protagonista Anne Shirley, essa

¹ Released in June 1908, the book sold more than 19,000 copies in its first five months. It was reprinted 10 times in its first year. Fonte: <https://www.thecanadianencyclopedia.ca/en/article/montgomery-lucy-maud>.

²<https://www.saltwire.com/prince-edward-island/lifestyles/anne-of-green-gables-1st-edition-sells-at-auction-for-us37500-a-new-record-108844/>.

produção literária destoa de muitos livros da coleção mencionada e direciona uma crítica perspicaz a uma sociedade machista e falocêntrica (Ramallete e Sten, 2018, p.433).

O objetivo da pesquisa consiste na leitura do feminino em *Anne de Green Gables* (2019) e *Anne com E* (2017). Anne é uma adolescente de treze anos que foi adotada pelos irmãos Marilla Cuthbert e Matthew Cuthbert. O enredo é repleto de temas atemporais, como a luta da mulher por espaço na sociedade patriarcal canadense do século XX. Como informado anteriormente, o livro *Anne de Green Gables*³ possui várias edições no Brasil e a utilizada para análise foi publicada em 2019 pela editora Ciranda Cultural, com o total de 336 páginas, traduzido por João Sette Camara, com ilustrações de Beatriz Mayumi. A motivação da escolha por essa edição está no acesso completo à sequência da coletânea.

A adaptação escolhida para análise é uma série televisiva intitulada *Anne com E*, lançada em 19 de março de 2017, composta de três temporadas criadas pela escritora e diretora Moira Walley-Beckett, e que, apesar de ter obtido muito sucesso em todo o mundo, não houve continuação. Seu roteiro é baseado nos escritos da canadense Lucy Maud Montgomery. Somente a primeira temporada da série é utilizada para análise devido à necessidade de recorte da pesquisa e da correlação com o texto-fonte. O cerne da série *Anne com E* (2017) retrata as experiências de vida da jovem personagem Anne Shirley após ser adotada pela família Cuthbert. A série promove diversas reflexões sociais incluídas por Moira, tais como: o papel da mulher na sociedade e seu lugar ativo sob as escolhas do seu próprio futuro em busca de uma ação libertadora.

A constituição de uma sociedade é formada por: saúde, educação, moradia, valores, cultura, dentre outros, e a relação entre eles define uma comunidade. Desta forma, é necessário um recorte temático para desenvolver a análise do feminino em três categorias: a sociedade, a educação e a cultura. Para aprofundar o estudo, é necessário estabelecer questionamentos dentro dos subtópicos para explorar o feminino e sua representação: como a mulher é representada na sociedade? Qual é a perspectiva em relação à educação feminina? Quais são os comportamentos sociais apresentados no *corpus*? É importante ressaltar que consideramos a cidade fictícia de Avonlea, onde as narrativas acontecem, o centro da análise do presente estudo.

A dissertação está estruturada com a introdução e quatro capítulos. O primeiro capítulo tratará o histórico pessoal e profissional da escritora Lucy Maud Montgomery, o livro *Anne de Green Gables* e a série *Anne com E* adaptada por Moira Walley-Beckett. Como base nessas

³ Título original: *Anne of Green Gables*. Fonte: <https://www.gutenberg.org/ebooks/45>

leituras, a dissertação está organizada nos seguintes capítulos: Introdução, com exposição acerca da composição do trabalho, o objetivo, a relevância da pesquisa para os Estudos da Tradução. No capítulo 2, *Lucy Maud Montgomery* possui informações biográficas sobre a autora que criou a coletânea *Anne* e está subdividido em dois subtópicos: 2.1 *A obra “Anne de Green Gables”*, com o resumo da obra e informações extras; 2.2 *A adaptação “Anne com E”*, que apresenta curiosidades sobre adaptação televisiva e detalhes sobre o processo criativo de Moira Beckett.

O objetivo do capítulo 3, *As teorias analisadas em “Anne com E”*, é a apresentação do alicerce teórico do estudo. No subtópico 3.1 *Metodologia* é apresentado como está estruturado o trabalho, quais foram as ferramentas, e os caminhos seguidos para obter os resultados e as teorias fundamentais utilizadas na pesquisa estão dispostas em subtópicos 3.2 *Intermedialidade*, 3.3 *Tradução Intersemiótica*, 3.4 *A teoria da adaptação* e 3.5 *O tempo e a memória*.

O capítulo 4, *Análise do tempo e da memória em Anne com E*, está subdividido em 4.1 *A sociedade*, 4.2 *A educação* e 4.3 *A cultura* e consiste na apresentação de trechos da obra usada como fonte com *print screens* da série acrescidos de reflexões teóricas. Em *Considerações Finais*, perfaz-se o resumo da pesquisa e promove uma mensagem final, expondo os resultados obtidos. Por fim, as *Referências* são as fontes que foram consultados durante a elaboração do estudo.

Para nos auxiliar na análise e na obtenção dos resultados, foram utilizadas as teorias: Tradução Intersemiótica (Plaza, 2010); Teoria da Adaptação (Hutcheon, 2013); Intermedialidade (Clüver, 2011); Estudos femininos (Hooks, 2022); Memória (Bosi, 2022) e (Elias, 1998). Dissertações, artigos científicos, resenhas, pesquisas em *websites* foram complementares na obtenção dos resultados.

O processo de retextualização do livro e da série coloca em foco a figura da mulher por meio da protagonista *Anne* e nos faz questionar se as características da personagem contribuem com a sociedade contemporânea.

2 LUCY MAUD MONTGOMERY

Lucy Maud Montgomery nasceu no dia 30 de novembro de 1874 na cidade de New London, no Canadá, na região de Clifton, localizada na província Ilha do Príncipe Edward⁴. Ela foi casada e teve três filhos, exerceu as profissões de jornalista, escritora, professora e revisora. Faleceu em 24 de abril de 1942 em Toronto, Canadá.

Figura 1 - Localização da Ilha do Príncipe Edward no Canadá



Fonte:

https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/6/68/Prince_Edward_Island_in_Canada_%28special_marker%29.svg/280px-Prince_Edward_Island_in_Canada_%28special_marker%29.svg.png

A perda da mãe na infância e sua tutoria ter sido estabelecida com seus avós fez com que o amadurecimento de Lucy fosse precoce. Ela amava o mundo da leitura desde criança:

Eu já sabia ler e escrever quando fui para a escola. Deve ter havido um momento que aprendi, como um primeiro passo para um mundo encantado, que A era A; mas por tudo que me lembro, posso ter nascido com a capacidade de ler, tanto quanto de respirar e comer” (Montgomery, 2020, p.25).

Desta forma, ela foi construindo sua carreira e o sonho de ser escritora dia após dia.

⁴ Ilha do Príncipe Eduardo (em inglês: *Prince Edward Island*; em francês: *Île-du-Prince-Édouard*) é uma província canadense e uma das três províncias marítimas. É a menor província do Canadá, tanto em área quanto em população, mas é a mais densamente povoada.

Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Ilha_do_Pr%C3%ADncipe_Eduardo

Figura 2 – Fotografia da escritora na infância



Fonte: [https://th-thumbnailer.cdn-si-edu.com/uQ4Gsebk_3YTUajmjLVXtu0voXc=/1000x750/filters:no_upscale\(\):focal\(400x301:401x302\)/https://tf-cmsv2-smithsonianmag-media.s3.amazonaws.com/filer_public/47/6c/476c617b-1732-439d-8cf7-36d45b944040/lm_montgomery.jpg](https://th-thumbnailer.cdn-si-edu.com/uQ4Gsebk_3YTUajmjLVXtu0voXc=/1000x750/filters:no_upscale():focal(400x301:401x302)/https://tf-cmsv2-smithsonianmag-media.s3.amazonaws.com/filer_public/47/6c/476c617b-1732-439d-8cf7-36d45b944040/lm_montgomery.jpg)

Montgomery possui uma ampla bibliografia que inclui poesia, diário, não-ficção, autobiografia, crítica literária, obras póstumas, contos, romances e crônicas. A sua coletânea de livros (com um total de sete livros publicados entre os anos de 1908 e 1939) mais famosa mundialmente é intitulada *Anne de Green Gables*, categorizada na literatura como leitura para crianças e adolescentes.

Figura 3 – Foto de Montgomery em 1908⁵



⁵ Segundo o site Smithsonianmag, a foto abaixo foi tirada no ano que Anne foi publicada, ou seja, em 1908.

Fonte: [https://th-thumbnailer.cdn-si-edu.com/qeitPe4xvFaZdNv8qyW8jaeQhrc=/fit-in/1072x0/filters:focal\(426x596:427x597\)/https://tf-cmsv2-smithsonianmag-media.s3.amazonaws.com/filer_public/cf/5d/cf5d8db7-7ea1-474a-9b57-07f818de13de/aprmay2023_f03_prologue.jpg](https://th-thumbnailer.cdn-si-edu.com/qeitPe4xvFaZdNv8qyW8jaeQhrc=/fit-in/1072x0/filters:focal(426x596:427x597)/https://tf-cmsv2-smithsonianmag-media.s3.amazonaws.com/filer_public/cf/5d/cf5d8db7-7ea1-474a-9b57-07f818de13de/aprmay2023_f03_prologue.jpg)

Os livros de Lucy chegaram ao Brasil pela primeira vez em 1939⁶ pela Companhia Editora Nacional, sendo reeditados em 1956 (Editora Martins Fontes), 2009 (Editora Martins Fontes), 2015 (Pedrazul Editora), 2017 (Pedrazul Editora), 2019 (Ciranda Cultural), 2020 (Excelsior; Autêntica), 2021 (Editora Principis), 2022 (Editora Principis) e 2023 (Camelot Editora). Existem edições brasileiras em *graphic novel* (Editora Principis) e quadrinhos (Editora Principis) publicadas, respectivamente, em 2021 e 2022.

Para as novas gerações, a história de Anne obteve sucesso por meio da adaptação intitulada *Anne com E*, disponível na plataforma Netflix, constituindo três temporadas lançadas entre os anos de 2017 e 2020. Em função do grande sucesso da série, houve interesse das editoras brasileiras em republicar os livros e lançar, pela primeira vez, a autobiografia da escritora.

O caminho do Alpino: a história da minha carreira, texto escrito por Montgomery, possui como foco principal detalhes da sua vida que envolvem desde sua infância até sua fase como escritora profissional. Lucy mostra como sua memória apurada é aliada à caneta, ao papel e à tinta e, por meio deles, revela com acurácia o seu olhar repleto de imaginação e talento. A autobiografia da escritora canadense foi publicada no Brasil em 10 de agosto de 2020 pela Editora Principis, traduzida por Patricia Rasmussen⁷.

A narrativa de sua vida inicia com suas primeiras memórias ainda na infância e remontam aproximadamente à época em que tinha cinco anos. Os relatos iniciais de suas origens são memórias contadas por seus familiares e descrevem com leveza e objetividade o processo de imigração da sua família da Escócia ao Canadá com objetivo de ali se estabelecer definitivamente.

Lucy passou por muitas perdas, desafios, frustrações, alegrias e aventuras. Sua infância e adolescência foram alimentadas pela leitura e pelo desejo de escrever. Em *O caminho do Alpino*, a autora nos conta com bastante humor sobre suas experiências no universo da escrita e como realizou mudanças positivas em suas aspirações e na vida:

Quando a editora da revista *Everywoman's World*⁸ me pediu para escrever “A História da Minha Carreira”, eu sorri, meio incrédula, meio alegre. Minha carreira? Uma

⁶ https://pt.wikipedia.org/wiki/L._M._Montgomery

⁷ Patricia Rasmussen é tradutora brasileira.

⁸ *Everywoman's World* - https://www.canadiana.ca/view/occihm.8_06802 (Link de edições da revista entre os

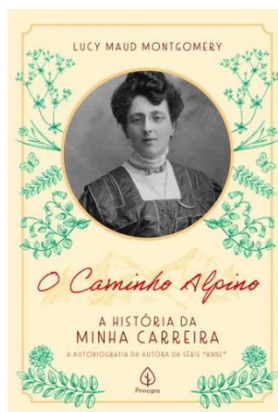
carreira não seria... não deveria ser... algo esplêndido, maravilhoso, no mínimo espetacular, uma coisa movimentada e excitante? Será que a minha árdua escalada ao longo de tantos anos monótonos e sem grandes acontecimentos podia ser considerada uma “carreira”? Nunca havia me ocorrido chamar assim a minha trajetória; e, num primeiro momento, não me pareceu que houvesse muita coisa a ser dita sobre essa minha tediosa batalha. Mas a editora parecia fazer questão que eu contasse o pouco que havia ser contado; e, durante aqueles mesmos longos anos, eu adquiri o hábito de ceder aos caprichos dos editores, de tal maneira que nunca consegui contrariá-los. Por isso, contarei com muita alegria a minha pacata história. Se não servir para outra coisa, poderá ao menos encorajar alguém que esteja lutando para seguir a trilha exaustiva que percorri em direção ao sucesso (Montgomery, 2020, p.8).

Montgomery escreveu em seu diário sentimentos e determinações sobre o início de sua carreira como escritora, e há trechos dele em sua autobiografia que considera “como uma espécie de marco para mostrar essa minha jornada” (Montgomery, 2020, p.61). Esse relato determina o quanto se esforçou para obter suas publicações e reconhecimento. É importante citar ainda o seguinte trecho que foi escrito em 21 de março de 1901:

[...] Escrevi dois poemas esta semana. Eu não teria como escrevê-los um ano atrás, mas agora eles vêm naturalmente. Isso me encoraja a ter esperança de que no futuro eu poderei alcançar algo que valha a pena. Não espero ser famosa. Quero apenas ser reconhecida e ocupar um lugar entre os bons na profissão que escolhi. Isso, acredito sinceramente, é felicidade, e quanto mais difícil vencer, mais doce e duradoura é a vitória.

Podemos observar a determinação como uma característica principal de personalidade em meio às situações de adversidades. Sua persistência foi essencial para a conquista de seus sonhos. As figuras 4 e 5 mostram a capa e a contracapa da edição brasileira intitulada de *O caminho Alpino: a história da minha carreira*⁹.

Figura 4 – Capa da autobiografia de Lucy Montgomery



Fonte: <https://cirandacultural.fbifstatic.net/img/p/o-caminho-alpino-a-historia-da-minha-carreira-70979/257496-1.jpg?w=520&h=520&v=no-change&qs=ignore>

anos de 1915 e 1923.)

⁹ Na edição original o título em inglês é *The Alpine Path: The Story of My Career*.

Figura 5 – Contracapa da autobiografia de Lucy Montgomery



Fonte: <https://cirandacultural.fbtsstatic.net/img/p/o-caminho-alpino-a-historia-da-minha-carreira-70979/257496-1.jpg?w=520&h=520&v=no-change&q=ignore>

É interessante observar que a autora retira trechos e referências dessa obra para compor o livro *Anne de Green Gables* quando a autora afirma que “Os leitores de *Anne de Green Gables* irão se lembrar da Mata Assombrada. Era um lugar apavorante para nós três, pequenos traquinas” (Montgomery, 2020, p.28) e

Escrevi extensivamente sobre os incidentes e o ambiente da minha infância porque eles tiveram uma influência marcante no desenvolvimento do meu dom literário. Um ambiente diferente teria resultado em um viés diferente. Não fossem aqueles anos em Cavendish, penso que *Anne de Green Gables* nunca teria sido escrito” (Montgomery, 2020, p.50).

Macedo (2021, p.18) faz referência entre a similaridade de aspectos da vida de Anne e Lucy: “Nos estudos sobre Montgomery e sua mais renomada personagem, comenta-se sobre essas semelhanças e sobre a interligação das vidas de ambas em alguns aspectos”. Ledwell e Michell apontam essa coincidência:

Na personagem e na experiência de Anne Shirley, os leitores descobriram experiências com as quais se relacionam, se identificam e se comovem. Essa heroína infantil, nascida da imaginação de L. M. Montgomery e influenciada por aspectos de sua experiência, foi adotada como um ícone da infância ao longo do tempo e das culturas”¹⁰ (Ledwell e Mitchell, 2013, p.4).

¹⁰ Tradução Macedo (2021). Texto original: “In the character and experience of Anne Shirley, readers have discovered experiences they relate to, identify with, and are moved by. This girl-child heroine, born of L.M. Montgomery imagination and inflected with aspects of her experience, has been adopted as an icon of childhood across time and across cultures.”

Essa similaridade de acontecimentos entre as histórias dessas duas mulheres, a real e a fictícia, estabelece um estreitamento de laços e aumenta a ligação do leitor com elas. No artigo *The Author of ‘Anne of Green Gables’ Lived a Far Less Charmed Life Than Her Beloved Heroine*¹¹, Montgomery cita, em carta com destino a um amigo, que não existe similaridade entre sua biografia e Anne, mas reconhece semelhanças com a personagem Emily.

As pessoas nunca estavam certas ao dizerem que eu era “Anne,” ela disse a um colega escritor, Ephraim Weber, em uma carta de 1921, “mas, em alguns aspectos, elas irão estar certas se me descrevem como Emily.” Ela estava se referindo a Emily da Lua Nova, um romance posterior, o primeiro em uma série acerca da dificuldade de se estabelecer como uma jovem escritora mulher¹² (Braganza, 2023, n.p., tradução do autor).

Braganza¹³ (2023) declara que Montgomery enfrentou dificuldades até conseguir se estabelecer como escritora, pois as leis canadenses não privilegiavam as mulheres nessa profissão. Esse pode ser um dos motivos pelos quais a edição canadense de Anne só foi publicada trinta e cinco anos após a primeira edição nos Estados Unidos.

[...] é importante lembrar dos obstáculos que as escritoras mulheres do início do século XX enfrentaram – mesmo aquelas que, como Montgomery, desafiaram as normas e colocaram a frente as aspirações de muitas mulheres. Durante esse período, as leis canadenses frequentemente não reconheciam as mulheres como “pessoas”, impedindo-as de participar da vida política e limitando acentuadamente sua independência financeira¹⁴ (Braganza, 2023, n.p., tradução do autor).

Apesar dessas dificuldades, Lucy Maud Montgomery conquistou muitos leitores ao redor do mundo. No Brasil, ainda não há muitos pesquisadores interessados em debruçar-se na obra.

A figura 6 apresenta a imagem do *website* com informações sobre a vida pessoal e literária de Montgomery. O objetivo do site é ajudar pesquisadores e leitores a aprimorar o conhecimento de suas obras e apreciar as diversas faces da escritora canadense. Nele, podemos encontrar discussões, notícias e críticas sobre sua obra.

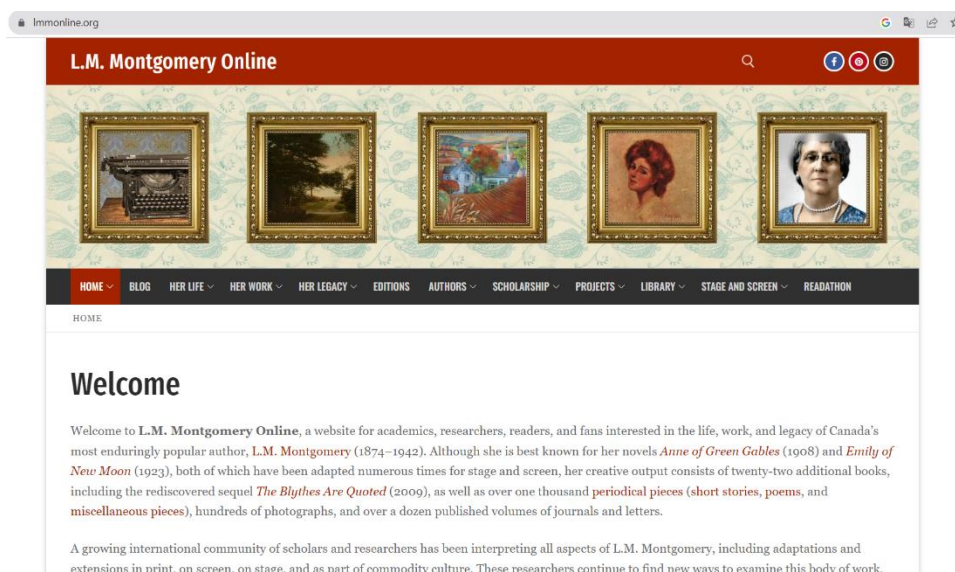
¹¹ <https://www.smithsonianmag.com/arts-culture/lm-montgomery-anne-green-gables-life-180981839/>.

¹² People were never right in saying I was ‘Anne,’” she told a fellow writer, Ephraim Weber, in a 1921 letter, “but, *in some respects*, they will be right if they write me down as *Emily*.” She was referring to *Emily of New Moon*, a later novel, the first in a series about the difficulty of making it as a young female writer.

¹³ Vanessa é historiadora na Universidade de Harvard.

¹⁴ [...] is a poignant reminder of the obstacles early 20th century women writers faced – even those who, like Montgomery, defied the norms that curtailed the aspirations of many women. During this era, Canadian law often did not recognize women as “persons,” barring them from participating in political life and sharply limiting their financial independence.

Figura 6 – Captura de tela do website com informações sobre Montgomery



Fonte: <https://lmonline.org/>

O trecho a seguir foi retirado da seção de apresentação da página no *website*¹⁵.

Seja bem-vindo ao L.M. Montgomery Online, um website para acadêmicos, pesquisadores, leitores e fãs interessados na vida, no trabalho e no legado da mais popular escritora canadense, L. M. Montgomery (1874-1942). Embora seja conhecida pelo romance *Anne of Green Gables* (1908) e *Emily of New Moon* (1923), ambas tem sido adaptadas inúmeras vezes para o teatro e tela, a sua produção criativa consiste em vinte e dois livros adicionais, incluindo a sequência redescoberta *The Blythes Are Quoted* (2009), bem como mais de mil peças periódicas (contos, poemas e peças diversas), centenas de fotografias e mais de uma dúzia de volumes publicados de diários e cartas.

Uma crescente comunidade internacional de estudiosos e pesquisadores tem interpretado todos os aspectos de L. M. Montgomery, incluindo adaptações e extensões impressas, na tela, no palco e como parte da cultura de consumo. Esses pesquisadores continuam a descobrir novos caminhos para examinar o corpo do trabalho, a construção dos termos, nação, sexualidade e repressão. performance e resistência, paródia e alusão, espaço e lugar, memória e esquecimento, bem como apelo e recepção nacional e internacional ¹⁶ (Tradução do autor).

¹⁵ Disponível em: <https://lmonline.org/>.

¹⁶ Welcome to L.M. Montgomery Online, a website for academics, researchers, readers, and fans interested in the life, work, and legacy of Canada's most enduringly popular author, L.M. Montgomery (1874–1942). Although she is best known for her novels *Anne of Green Gables* (1908) and *Emily of New Moon* (1923), both of which have been adapted numerous times for stage and screen, her creative output consists of twenty-two additional books, including the rediscovered sequel *The Blythes Are Quoted* (2009), as well as over one thousand periodical pieces (short stories, poems, and miscellaneous pieces), hundreds of photographs, and over a dozen published volumes of journals and letters. Fonte: <https://lmonline.org/>.

A growing international community of scholars and researchers has been interpreting all aspects of L.M. Montgomery, including adaptations and extensions in print, on screen, on stage, and as part of commodity culture. These researchers continue to find new ways to examine this body of work, in terms of empir e and nation, sexuality and repression, performance and resistance, parody and allusion, space and place, memory and forgetting, as well as national and international appeal and reception. Fonte: <https://lmonline.org/>

Montgomery informa em trecho do seu diário o período de dois anos que trabalhou como professora e escreveu intensamente. Há destaque para a preferência na produção de histórias infantojuvenis, além de informações adicionais acerca das dificuldades climáticas e físicas que passou devido ao frio e ao cansaço extremo. No último parágrafo, percebemos o discurso irônico que a escritora profere ao rememorar a fala de pessoas que a interpelam, denominando seu esforço e dedicação com a escrita como um “dom”.

Trabalhei quase que de maneira industrial o verão inteiro e criei histórias e versos em dias tão quentes que achei que minha medula derreteria e que minha massa cinzenta ficaria irremediavelmente cozida. Mas ah, eu amo o meu trabalho! Adoro tecer histórias, adoro sentar junto à janela do meu quarto e transformar em versos uma fantasia de fadas imaginárias. Produzi bastante neste verão e acrescentei vários novos periódicos à minha lista. São bem variados, para atender a todos os gostos. Escrevo muitas histórias infanto-juvenis. Gosto desse gênero, mas gostaria mais se não precisasse incluir uma “moral da história”. É uma regra, não vendem se não tiver um ensinamento. Portanto, lá colocamos a moral, geral ou sutil, de acordo com a preferência de cada editor. O tipo de história infantojuvenil que eu mais gosto de escrever, e de ler também, é aquele conto interessante, envolvente, “arte por arte”, ou melhor, “diversão por diversão”, sem uma moral insidiosa escondida como se fosse um comprimido disfarçado em uma colher de geleia!

Não fazia calor o tempo todo enquanto eu escrevia. Durante um daqueles invernos em que eu estava lecionando, me hospedei numa casa de fazenda muito fria. À noite, depois de um dia extenuante na escola, estava cansada demais para escrever. Então eu acordava religiosamente uma hora mais cedo de manhã para isso. Durante cinco meses, me levantava às 6 horas todo dia e me vestia à luz do lampião. As lareiras ainda não estavam acesas, e a casa estava muito fria. Mas eu vestia um casaco pesado, me sentava com as pernas dobradas sob o corpo para que os pés não congelassem e, com os dedos tão duros que eu mal conseguia segurar a caneta, escrevia minha “dose” do dia. Às vezes, era um poema no qual eu louvava alegremente o céu azul, riachos ondulantes e campos floridos! Depois eu descongelava as mãos, comia o desjejum e ia para a escola.

Quando as pessoas me dizem, como fazem ocasionalmente, “Ah, como eu invejo esse dom, como gostaria de saber escrever como você”, fico imaginando, não sem certo divertimento interior, até que ponto elas teriam me invejado naquelas manhãs frias e escuras de inverno que me serviram de aprendizado (Montgomery, 2020, p.59-60).

Sabendo da importância do texto memorialista na história, podemos considerar que o trecho do diário de Montgomery nos fornece relatos importantes sobre sua rotina de escrita e contexto social vividos. O relato abaixo informa a relação que a escritora possuía com os admiradores da obra de Anne. Alguns acreditavam na existência da personagem no mundo real.

Lucy recebia cartas em sua residência, tendo como destinatário o nome da personagem de *Anne de Green Gables*. O teor das cartas era diversificado, variando entre temas engraçados e sugestivos, demonstrando interesse em auxiliar a escritora com seu fluxo criativo.

Recebi centenas de cartas do mundo inteiro por causa da série Anne. Cerca de uma dúzia delas vieram endereçadas, não a mim, mas à “Senhorita Anne Shirley, de Green Gables, Avonlea, Ilha do Príncipe Edward”. Eram escritas por meninas que acreditavam tão piamente na existência real em carne e osso de Anne eu tinha dó de desmentir. Algumas cartas eram decididamente divertidas. Uma delas começava de maneira impressionante: “Meu querido tio há muito perdido”, e a remetente passou então a se dirigir a mim como se fosse o Tio Lionel, que aparentemente havia desaparecido anos atrás. Ela me pediu para escrever para minha “afetuosa sobrinha” e explicar o motivo do meu longo silêncio. Várias pessoas me escreveram dizendo que suas vidas dariam histórias bem interessantes, e que se eu concordasse em escrever e dar a elas metade do lucro, me contariam “os fatos”! Respondi somente a uma dessas cartas, escrita por um rapaz que havia mandado selos para a resposta. Para não magoá-lo, expliquei que não necessitava de material, pois já tinha livros planejados que levariam pelo menos dez anos para serem escritos. Ele respondeu de volta dizendo que era muito paciente e que não se importava de esperar dez anos; que voltaria a escrever depois desse tempo. Portanto, se a minha criatividade se esgotar, sempre posso recorrer ao que esse moço me garantiu ser “uma história de vida emocionante!” (Montgomery, 2020, p.75).

Os trechos a seguir relatam o processo de produção e escrita de *Anne de Green Gables*, percebemos as inúmeras adversidades percorridas desde o processo criativo até a publicação nos Estados Unidos.

Eu tinha um caderno no qual sempre anotava, à medida que me ocorriam, ideias de enredos, incidentes, personagens e descrições. Na primeira de 1904, estava lendo esse caderno à procura de uma ideia para uma série curtinha que queria escrever para a publicação periódica de uma Escola Dominical. Encontrei uma anotação meio desbotada, escrita muitos anos antes: “Casal de idosos solicita ao orfanato a adoção de um menino. Por engano, eles mandam uma menina”. Achei que aquilo serviria. Comecei a separar os capítulos, a selecionar incidentes e a caracterizar minha heroína. Anne, cujo nome não foi planejado, surgiu naturalmente em minha imaginação, inclusive com o “e”, começou a se expandir de tal maneira que logo parecia uma pessoa real para mim e passou a fazer parte do meu dia a dia, com uma intensidade fora do comum. Ela me atraía, e achei que seria uma pena desperdiçá-la em uma série curta e efêmera. Então surgiu o pensamento: “Escreva um livro. Você já tem a ideia central, tudo que precisa fazer é espalhá-la por um número de capítulos suficiente para ser um livro.”

O resultado foi *Anne de Green Gables*. Escrevia à noite, depois do trabalho, na maioria das vezes junto à janela na água-furtada do quarto que havia sido meu por tantos anos. Comecei, como já disse, na primavera de 1904. Terminei no outono de 1905.

[...] Qualquer artista sabe que retratar *exatamente* uma pessoa da vida real é dar uma impressão falsa. *Estudar* a vida, sim, é o que o artista deve fazer, copiar traços, características, idiosincrasias pessoais ou mentais, “fazer uso do real para aperfeiçoar o ideal” (Montgomery, 2022, p. 69-70).

A criação de Anne foi iniciada a partir das anotações criativas de Montgomery, com trechos envolvendo a temática principal da obra em um velho caderno onde buscava registrar a

criação de personagens. Percebendo a expansão das ideias, decidiu ampliar a escrita do enredo para que constituísse um livro.

Após ter finalizado o manuscrito, várias editoras negaram a publicação, informando que, embora a estória possuísse méritos, seriam insuficientes para aceitação. Isso frustrou Lucy: “Guardei *Anne* em uma caixa velha de chapéu dentro do armário, decidindo que um dia, quando tivesse tempo reduziria para os sete capítulos originais” (Montgomery, 2022, p. 73).

De acordo com a escritora, em seu diário escrito em 20 de junho de 1908:

Hoje foi, como a própria Anne diria, “uma época em minha vida”. Meu livro chegou hoje, “novo em folha”, da editora. Confesso sinceramente que foi para mim um momento maravilhoso, de orgulho e muita emoção. Ali, nas minhas mãos, estava a realização material de todos os sonhos, esperanças e ambições de toda minha existência consciente – meu primeiro livro. Não um grande livro, mas meu, meu, meu, algo que eu havia criado (Montgomery, 2022, p. 75).

Embora Montgomery tenha recebido o primeiro exemplar físico da obra em 1908, apenas um ano depois ocorreu a disponibilização do livro para os leitores, depois de vários percalços na busca por editoras que aceitassem a publicação.

2.1 A obra *Anne de Green Gables*

O livro narra a história de Anne Shirley Cuthbert, garota ruiva e sardenta, que nasceu em Bolingbroke, Nova Escócia. Seus pais, Walter Shirley e Bertha Shirley, eram professores e faleceram quando ela ainda era um bebê de três meses. Durante a infância, Anne viveu com muitas famílias, trabalhando em troca de comida e teto, aprendendo a ler após estar no orfanato.

A Senhora Spencer era a pessoa responsável pela adoção de órfãos em Avonlea quando foi informada de que os irmãos Cuthbert, moradores de Green Gables, desejam uma criança do sexo masculino para adoção, mas a informação chegou a ela de maneira equivocada.

Anne chega à Avonlea e fica surpresa pela fria recepção dos irmãos Cuthbert. Marilla Cuthbert e Matthew Cuthbert eram idosos, proprietários de Green Gables, e procuravam um menino para auxiliar nos afazeres da fazenda.

A coletânea que narra a história pessoal de Anne Shirley possui um total de cinco volumes, sendo eles: *Anne de Green Gables* (1908), *Anne de Avonlea* (1909), *Anne da Ilha* (1915), *Anne de Windy Poplars* (1936), *Anne e a Casa dos Sonhos* (1917), *Anne de Ingleside* (1939). Além desses, há três outros títulos que são narrativas acerca da história de seus filhos: *Vale do Arco-Íris* (1919) e *Rilla de Ingleside* (1921), e *Os contos dos Blythes* (2009), obra póstuma.

A obra é categorizada por Romance e Literatura Canadense; entretanto, de acordo com os dados de catalogação, está no âmbito da literatura infantojuvenil do Canadá.

Para além dos títulos supracitados, existem várias adaptações das obras de Lucy Maud Montgomery, que é muito conhecida por sua literatura engajada em questões sociais do início do século XX, como, por exemplo as questões dos imigrantes, do trabalho infantil, da orfandade, do direito de a mulher poder estudar, dentre tantas outras reflexões.

Nesse trabalho, utilizamo-nos de três dissertações sobre a autora, únicas pesquisas existentes no Brasil até o presente momento: *Anne de Green Gables: análise imagético-textual entre livro e novela gráfica pela tradução intersemiótica* (2021), de Jéssica Thaiany Silva Neves; *Anne Shirley do século XXI: a adaptação da personagem na série Anne with an E* (2021), de Kátia Barros de Macedo; e *Anne with an E por meio da transposição midiática e do feminismo* (2022), de Luciane Marlova Fontanela Puehler.

Neves ¹⁷ (2021) expõe a diversidade de adaptações de *Anne de Green Gables*. Ela aborda o histórico da obra e suas adaptações e reflete sobre o impacto na sociedade canadense, revelando em detalhes a sua diversidade, como: quadrinhos, série televisiva, cinema, *Graphic Novels* e vídeos curtos disponíveis na plataforma *Youtube*.

A tradução de um texto, nesse caso de uma obra literária, para diferentes meios, como o da novela gráfica, torna-se possível devido, principalmente, ao surgimento da tecnologia da informação e da internet, ocasionando uma mudança na perspectiva dos estudos da tradução. Anteriormente, as traduções eram produzidas considerando o texto verbal, com a tradução de um dado texto escrito para outro, interlingualmente. A partir do momento que outras questões surgiram como pontos de destaque para a tradução, como fatores políticos, questões culturais, o contexto e ambientação e a própria tecnologia, a tradução passa a incorporar elementos semióticos até então ignorados na construção de sentidos. Na sociedade multimodal de hoje, torna-se essencial a interação da palavra com imagens em movimentos, diagramas, músicas, tipografias e layouts de página, provocando o interesse por trabalhos que envolvam a adaptação de uma obra literária em interação com outros elementos semióticos e tradutológicos, não apenas de texto escrito para texto escrito” (Neves, 2021, p.15).

Para Rodrigues (2012) é através da adaptação ou tradução de uma obra para outro formato e outra cultura que o contato entre povos se torna possível. Nesse sentido, a tradução desempenha papel importante na construção das culturas na sociedade, logo, ela é considerada um processo de transferência modelado pela cultura receptora. Sendo parte da cultura que a produz, ela está inserida dentro desse complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes, hábitos ou capacidades adquiridas pelo sujeito como membro de uma sociedade (Laraia, 2001). Para o referido autor, a cultura é responsável por determinar e justificar o comportamento humano e suas realizações (Neves, 2021, p.13).

¹⁷ Jéssica Thaiany Silva Neves é mestra em Linguagem e Ensino pelo Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino (PPGLE) da UFCG, com a dissertação *Anne of Green Gables: Análise Imagético-textual entre livro e novela gráfica pela tradução intersemiótica* (2021).

Já Kátia Barros de Macedo¹⁸ dedica um capítulo do seu trabalho para tratar do panorama histórico da obra mais adaptada de Lucy e afirma que: “As adaptações da obra de Montgomery vão de filmes a mangás, passando por programas de rádio e séries de TV – estas últimas as mais conhecidas entre as adaptações” (Macedo, 2021, p.34).

Puehler¹⁹ faz uma análise da construção da personagem Anne pela produtora Moira Walley Beckett com os teóricos Simone de Beauvoir, Hutcheon e Clüver. Puehler (2022) e propõe uma reflexão sobre a procura do texto de Montgomery e a série televisiva estarem vinculadas ao público telespectador, pois não conheciam a obra *Anne Green Gables*, tão pouco a escritora canadense antes de terem sido apresentados à obra *Anne com E*. (Puehler, 2022, p.27).

A escritora canadense Budge Wilson desenvolveu um romance a partir dos moldes de Lucy, intitulada de *Before Green Gables*, que foi publicada em 2008 no Canadá. A autora aborda vivências extras de Anne antes de sua chegada a Green Gables:

Em 2008, a autora Budge Wilson homenageou os 100 anos de publicação da obra com um romance considerado uma *prequel* (obra que conta as origens de uma história ou personagem) de *Anne of Green Gables*, sobre a vida de Anne antes de seu encontro com Marilla e Matthew Cuthbert” (Macedo, 2021, p.16)

No Brasil, a Editora Ciranda Cultural está publicando livros inspirados na personagem Anne com autoria da canadense Kallie George²⁰. Os títulos disponíveis são *A chegada de Anne* (2021) e *A melhor amiga de Anne* (2021), sendo o público juvenil como alvo. Em consulta ao site pessoal da escritora²¹, podemos perceber outras edições na língua inglesa: *Goodnight, Anne* (2018), *If I Couldn't Be Anne* (maio 2020), *Anne's Kindred Spirits* (2020), *Merry Christmas, Anne* (2021), *Anne's Tragical Tea Party* (2022) e *Anne Dares* (2023).

Macedo (2021) também apresenta considerações relevantes no contexto internacional sobre a obra de Lucy, uma vez que não foi valorizada em seu país de origem, Canadá.

No Canadá, Anne é uma figura emblemática na literatura e está inserida em quase todas as grades curriculares: “O livro ocupa um lugar de destaque no Canadá, onde Green Gables é ensinado na escola e exibido em selos postais – uma exportação cultural igualada apenas pelo hóquei e pelos policiais da guarda real conhecidos como Mounties” (PASKIN, 2017). Não à toa, o próprio governo canadense dispõe de

¹⁸ Kátia Barros de Macedo mestra brasileira e *Anne Shirley do século XXI: a adaptação da personagem na série Anne With An E* (2021).

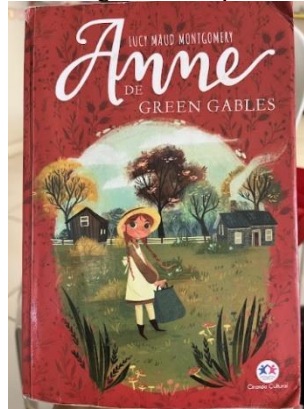
¹⁹ *Anne with an E por meio da transposição midiática e do feminismo* (2022) é Me. Luciane Marlova Fontanela Puehler pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná.

²⁰ Para mais informações, acesse <https://www.kalliegeorge.com/>.

²¹ <https://www.kalliegeorge.com/>.

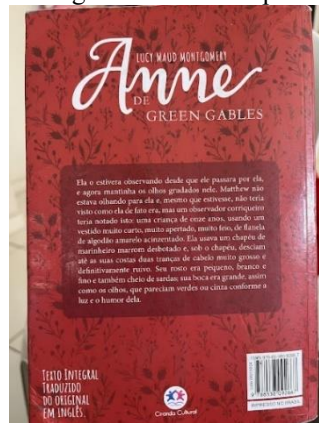
material educativo baseado na obra de Montgomery no website de sua biblioteca nacional, um projeto chamado “Refletindo sobre *Anne of Green Gables*, de L.M. Montgomery” (“*Reflecting on Anne of Green Gables by L.M. Montgomery*”), que tem por intuito introduzir Anne de Green Gables para alunos antes de sua visita à biblioteca. Constatam sugestões para atividades escritas e orais, além de jogos de tabuleiro e práticas envolvendo artes visuais (Macedo, 2021, p.23-24).

Figura 7 – Capa



Fonte: Arquivo pessoal

Figura 8 – Contracapa



Fonte: Arquivo pessoal

O quadro abaixo mostra os capítulos da obra de origem *Anne de Green Gables* (TF), publicada em 2019, em que podemos conhecer a sequência narrativa da obra.

Quadro 1 – Títulos do livro *Anne de Green Gables*

- | |
|---|
| <p>Capítulo 1 - A senhora Rachel Lynde é surpreendida</p> <p>Capítulo 2 - Matthew Cuthbert é surpreendido</p> <p>Capítulo 3 - Marilla Cuthbert é surpreendida</p> <p>Capítulo 4 - Manhã em Green Gables</p> <p>Capítulo 5 - A história de Anne</p> <p>Capítulo 6 - Marilla se decide</p> <p>Capítulo 7 - Anne faz suas orações</p> <p>Capítulo 8 - Começa a educação de Anne</p> <p>Capítulo 9 - A senhora Rachel Lynde fica devidamente horrorizada</p> <p>Capítulo 10 - O pedido de desculpas de Anne</p> <p>Capítulo 11 - As impressões de Anne sobre a escola dominical</p> <p>Capítulo 12 - Um voto e uma promessa solenes</p> |
|---|

Capítulo 13 - As delícias da expectativa
 Capítulo 14 - A confissão de Anne
 Capítulo 15 - Uma tempestade no copo d'água da escola
 Capítulo 16 - Diana é convidada para o chá com resultados trágicos
 Capítulo 17 - Um novo interesse na vida
 Capítulo 18 - Anne ao resgate
 Capítulo 19 - Um concerto, uma catástrofe e uma confissão
 Capítulo 20 - Uma boa imaginação mal-aventurada
 Capítulo 21 - Um novo desvio em aromatizantes
 Capítulo 22 - Anne é convidada para o chá
 Capítulo 23 - Anne sofre um infortúnio em um assunto de honra
 Capítulo 24 - A senhora Stacy e seus alunos organizam um concerto
 Capítulo 25 - Matthew insiste em mangas bufantes
 Capítulo 26 - O clube de Contos se forma
 Capítulo 27 - Vidade e vexação de espírito
 Capítulo 28 - Uma desafortunada donzela do lírio
 Capítulo 29 - Uma época na vida de Anne
 Capítulo 30 - A classe da Queen's é organizada
 Capítulo 31 - Onde o riacho e o rio se encontram
 Capítulo 32 - Sai a lista de aprovados
 Capítulo 33 - O concerto do hotel
 Capítulo 34 - Uma aluna da Queen's
 Capítulo 35 - O inverno na Queen's
 Capítulo 36 - A glória e o sonho
 Capítulo 37 - O ceifador cujo nome é Morte
 Capítulo 38 - A curva na estrada

Fonte: Livro *Anne de Green Gables* (2019).

A autora cria vínculos com o leitor a partir da escolha dos capítulos do seu livro por sua capacidade de dialogar com a essência do humano, de suas fraquezas e superações.

Silva e Guimarães (2019), no trecho a seguir, fazem considerações importantes sobre a protagonista e sua capacidade de transformar os desafios em oportunidades para a construção do futuro, independente da complexidade da situação.

Aliás, no aspecto das relações humanas, Anne se sobressai dos demais por encarnar um caráter único e complexo que perpassa pela sensibilidade e o enfrentamento das diversidades. Ao mesmo tempo em que se põe disposta a se envolver, empaticamente, nas diversas questões da comunidade de Avonlea ou das pessoas do seu círculo mais restrito, Anne, também, se insurge contra os regramentos de coerção social deste mesmo cenário, desafiando padrões impostos ao gênero, faixa etária e origem social, objetos de constante ridicularização a sua pessoa (Silva e Guimarães, 2019, p.115).

2.2 A adaptação *Anne com E*

As adaptações fazem parte da nossa cultura e permeiam a nossa história. Por meio delas, podemos acessar um sem-número de registros. A série *Anne com E* foi lançada na emissora CBC Television, no Canadá, e na plataforma de streaming Netflix, em 2017. Moira

Walley-Becket é a produtora, atriz, roteirista e escritora canadense que idealizou a adaptação. Em sua biografia, contamos catorze filmes e muitas séries lançadas.

Em trecho de entrevista no *website Collider*, em maio de 2017, Moira Beckett faz considerações sobre a adaptação do livro e afirma que o público precisa tomar ciência do passado de Anne para poder conhecê-la e compreender seus desafios:

Tudo que eu sei sobre o histórico de Anne está incorporada no livro. L. M. Montgomery fala sobre o abuso que Anne sofreu em lares estranhos, onde ela trabalhava. Anne fala tudo isso de forma explícita nos livros. Então, eu pensei que era muito importante dramatizar isso. Eu realmente queria representar isso na tela porque a história de origem é uma história de origem, é importante para o personagem. Se nós não entendermos completamente quem é Anne, de onde veio, quais são os seus obstáculos, como nós podemos investir profundamente com quem ela é agora, o que está superando, o que deseja e precisa?²² (Page, 2017, n.p., tradução do autor).

Em entrevista à *TIME*, a produtora contou o porquê de ter escolhido retratar o aspecto desafiador da vida de Anne na série devido à percepção que tem da identificação do público com as lutas diárias e superações enfrentadas na vida real.

As pessoas, independentemente de suas circunstâncias, classe ou raça, podem se relacionar com esse jovem que superou tantos obstáculos e que é marginalizada e que não se encaixa”, diz ela. “Como ela é tão franca, otimista e destemida à sua maneira, nós nos projetamos nela e esperamos que talvez as coisas melhorem para nós”, finaliza. Fonte: <https://www.metroworldnews.com.br/entretenimento/2020/06/04/anne-e-criadora-da-serie-explica-o-motivo-pelo-qual-mostrou-um-lado-mais-sombrio-de-anne.html>.

A figura 9 é a capa utilizada para divulgação da primeira temporada. Nela podemos perceber vários elementos textuais e não textuais que antecipam o teor da história: a personagem principal, o espaço físico, as flores silvestres e as características físicas, que representam o gosto pessoal da protagonista.

Uma interpretação mais aprofundada pode ser realizada a partir do momento em que iniciamos a leitura da obra: uma jovem garotinha de cabelos ruivos, com tranças e sardas no rosto; características físicas consideradas um estigma social na sociedade canadense que denunciava as suas raízes estrangeiras. A menina apresenta aspecto simples em suas

²² “[A]ll I know is that Anne’s backstory is built into the book. L.M. Montgomery talks about her abuse at the hands of strangers and in the homes of where she worked, and Anne talks about it expositionally in the books, so I thought it was important to dramatize it. I strongly wanted to represent it on the screen because backstory is backstory, it’s important to character. If we don’t fully understand who Anne is, where she came from, what her obstacles are, how can we invest as deeply in who she is now, what she’s overcoming, what she wants and needs?” Fonte: <https://collider.com/anne-with-an-e-moira-walley-beckett-interview/>

vestimentas de tons neutros e está em uma região campestre, tem olhos claros e vivos, que estão fixos como quem transita entre a imaginação e a realidade.

A personagem aparenta gostar de flores silvestres, já que enfeitou seus cabelos com elas. As flores são elementos de cores não neutras que contrastam com os demais elementos do pôster, misturando-se aos tons laranja e amarelo, que simulam o pôr do sol. O detalhe final é a variação de cor no sentido horizontal: as cores mais escuras do céu e da paisagem vão progressivamente se tornando mais claras à medida que olhamos para o lado direito da imagem, onde a protagonista aparece.

Figura 9 – Capa da Série publicada em 2017



Fonte: <https://cdn.fstatic.com/media/movies/covers/2017/04/anne-of-green-gables-netflix-poster.png>

A primeira temporada retrata as primeiras experiências de Anne após adoção e possui um total de sete episódios que variam em relação à duração, por volta de 44 e 47 minutos. O quadro abaixo mostra os títulos dos episódios que propõe reflexões e resumo temático.

Quadro 2 – Títulos dos episódios da primeira temporada da série *Anne com E*

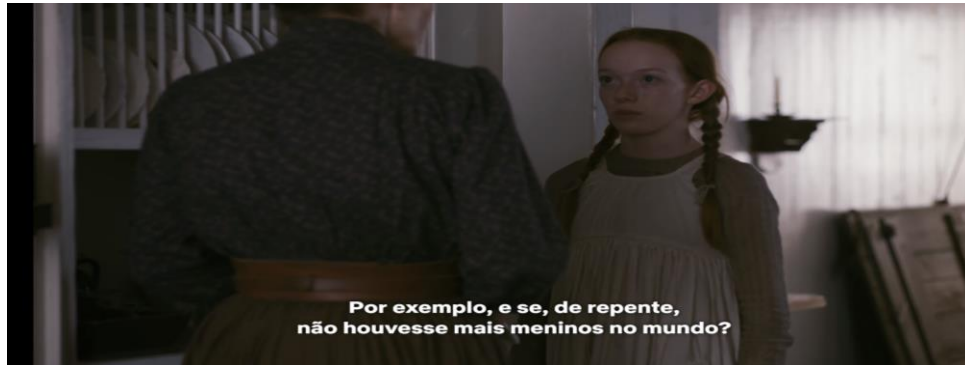
| Episódio | Título |
|----------|-------------------------------------|
| 1 | "Sua determinação dita seu destino" |
| 2 | "Sou livre e nada me prende" |
| 3 | "Obstinada como a juventude" |
| 4 | "Um tesouro vindo da alma" |
| 5 | "Um laço de amizade" |
| 6 | "O remorso é o veneno da vida" |
| 7 | "Onde você estiver, será meu lar" |

Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Anne_with_an_E

É importante mencionar que os episódios transmitem mensagens sobre a vida de um modo geral por meio das falas da protagonista, que compartilha seus pensamentos, sua sensibilidade e sua visão de mundo, tendo como base sua experiência de vida.

As figuras 10 e 11 ocorrem no primeiro episódio:

Figura 10 – Anne questiona Marilla acerca da diferença no tratamento entre meninos e meninas



Fonte: Netflix (2017).

Figura 11 – Anne pergunta a Marilla sobre suas capacidades 1



Fonte: Netflix (2017).

A jovem protagonista havia chegado recentemente a Green Gables e, durante uma conversa com Marilla, procurava apresentar argumentos para justificar os motivos pelos quais seus serviços deveriam ser aceitos, fundamentando-se na convicção de que uma mulher é competente para desempenhar qualquer tarefa. Em seguida, no sexto episódio, Anne questiona as habilidades de Marilla, ratificando a confiança que a protagonista tem em si mesma.

Figura 12 – Anne pergunta a Marilla sobre suas capacidades 2



Fonte: Netflix (2017).

Após conversar com a Senhora Barry²³, Anne compartilha com Matthew e Marilla sobre suas convicções de vida, afirmando que sua história será escrita somente por ela, não por outra pessoa. Tal afirmação promove o discurso inicial que anteciparia as questões feministas abordadas na série.

O roteiro da série apresenta semelhanças com o texto-fonte (TF), e podem ser notadas tanto no discurso quanto nas personagens. No entanto, a protagonista vivencia experiências adicionais em novas situações que foram acrescentadas para abordar questões sociais relevantes para a atualidade. Entre essas questões, destacam-se as reflexões sobre a luta das mulheres por espaço na sociedade, a realidade dos imigrantes, a presença de traumas e suas marcas individuais, as quais são apresentadas por meio do recurso *flashbacks*.

Macedo (2021) comenta a trajetória de criação da série pelo olhar da adaptadora e sua relevante contribuição ao incorporar questões contemporâneas no texto adaptado (TA).

Nem todos os episódios correspondem a capítulos do livro. Isso porque o conteúdo dos 27 episódios da série não é todo encontrado no livro de Montgomery. *Anne with a Plan* levanta questões relacionadas ao racismo (inclusive o tratamento de populações indígenas), à homofobia e ao feminismo que não estão presentes no romance de 1908. Há inserções de enredos e personagens e uma estratégia geral de atualização dos temas abordados, como foi declarado pela própria produtora. Walley-Beckett explica o seu posicionamento, salientando que ela e outros produtores viram o fim dos anos 2010 como o momento ideal para a adaptação de *Anne de Green Gables* (Macedo, 2021, p.54).

A presença de elementos modificados no TA não afeta a compreensão do TF. No trecho a seguir, Silva e Guimarães (2019) reforçam a ideia de que as alterações contribuem para fortalecer a conexão entre o público e os personagens, uma vez que busca acompanhar o desenvolvimento e as realizações de Anne em diversos contextos.

²³ A Senhora Josephine Barry é uma senhora integrante da família de Diana, amiga de Anne, que ama leituras e compartilhar ideias. Em trechos da série e do livro Anne afirma que ela é uma alma irmã.

Da infância à adolescência, sua história nos remete a um universo de aprendizados, explícito no processo de amadurecimento e descobertas. Entrelaçados a isso, insurge um contexto de enfrentamentos, esboçados nas figuras das personagens que vão surgindo ao longo dos episódios, que enfrentam questões em torno da sexualidade, de questões étnico-raciais, além das discussões de gênero, um debate central na série (Silva e Guimarães, 2019, p.116).

Por fim, Macedo (2021) cita um trecho do discurso da diretora, em que afirma ter seguido as sugestões de uma amiga na construção da série.

Minha colega de produção, Miranda de Pencier, foi a primeira a achar que estes são o momento e o clima ideais para Anne. Foi assim que começamos a conversar a respeito, especulando sobre o que faríamos caso de fato colocássemos em prática e sobre o que poderíamos atualizar. Ao falar sobre isso, percebemos que todas os temas do mundo de hoje são inerentes e construídos nas histórias de L.M. Montgomery, a temas do mundo de Anne, devo dizer. Temas como feminismo, *bullying* e igualdade de gênero, assim como, igualdade e preconceito contra aqueles que vêm de fora, e pareceu tudo tão oportuno. Então foi isso que nos deixou entusiasmadas. Anne era uma espécie de feminista acidental (Page, 2017, n.p.).

Na série, a história se inicia com o casal de irmãos Cuthbert que vive em *Green Gables*, Avonlea, interior do Canadá. Como o trabalho na fazenda é pesado, eles decidem adotar um menino órfão de outro país. Ocorre um equívoco quanto ao sexo do adolescente e a pessoa responsável pela adoção envia uma menina de nome Anne. Os irmãos ficam surpresos e um tanto insatisfeitos, mas acabam por aceitá-la.

A série também apresenta diversas lembranças negativas em forma de *flashes*, representando momentos traumáticos vividos por Anne antes de chegar aos Cuthbert. Esses gatilhos aparentam estar ligados aos sentimentos de tristeza, angústia, desespero, dor, insegurança e revolta experienciados pela protagonista.

Assim como no livro, Anne frequenta a escola, faz amizades com várias garotas e estabelece um grupo de escritoras que se reúnem na floresta com o propósito de estimular a imaginação e a escrita, explorando as infinitas possibilidades do mundo. Na reta final da primeira temporada, a família Cuthbert enfrenta a luta para evitar a perda de *Green Gables* devido a dificuldades financeiras. Anne oferece assistência de várias maneiras aos irmãos, e juntos conseguem salvar a fazenda.

3 AS TEORIAS ANALISADAS EM *ANNE COM E*

3.1 Metodologia

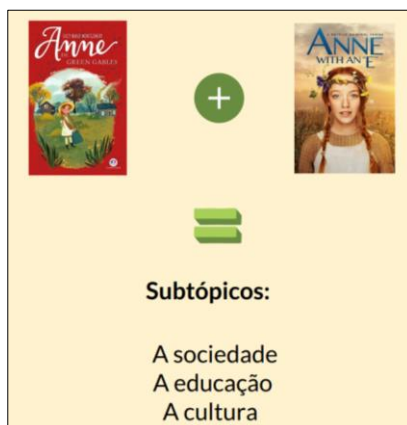
No início do século XIX as condições de publicação eram limitadas para as mulheres devido a questões políticas do governo, que restringia a carreira de mulheres. Por isso, sua primeira publicação ocorreu primeiramente nos Estados Unidos, em Boston. Diversas edições do livro foram lançadas no Brasil a partir de 1939, sendo a edição de 2019, publicada pela editora Ciranda Cultural, a selecionada para fins de estudo da presente dissertação.

A escolha da adaptação de Moira como objeto desta pesquisa é justificada por ser a mais recente versão no formato de série televisiva, bem como pelo seu notável êxito junto ao público telespectador em ampla escala. Além disso, observa-se a inclusão de questões relevantes e pertinentes na narrativa da adaptação.

A dissertação tem como objetivo investigar a retextualização do feminino no livro *Anne de Green Gables* (2019) e na série *Anne com E* (2017). A escolha dessa temática se justifica pela escassez de estudos acadêmicos no Brasil sobre a escritora, assim como afinidade com a escritora.

A metodologia empregada é a análise qualitativa que busca estabelecer uma conexão entre o feminino no TF e na sua releitura no TA. A construção dos dados foi elaborada utilizando trechos da obra e capturas de telas com o objetivo de relacionar cena e teoria para fundamentar os resultados. A figura 13 demonstra a organização do presente trabalho.

Figura 13 – Apresentação metodológica



Fonte: Elaborado pela autora.

Os objetivos específicos estão delineados nos subtópicos e servem como uma estrutura para orientar a análise e alcançar uma compreensão mais aprofundada do conceito de feminino presente nas obras, sendo eles: *A sociedade*, *A educação* e *A cultura*. Ressaltamos que as categorias acima estão circunscritas na cidade fictícia de Avonlea. Os questionamentos a seguir estão inseridos nas categorias acima, respectivamente: *Como a mulher é representada na sociedade? Qual é a perspectiva em relação à educação feminina? Quais são os comportamentos sociais apresentados no corpus?*

Para alcançar os resultados da pesquisa, foi imprescindível realizar a leitura da obra *Anne de Green Gables* e conduzir uma análise detalhada da primeira temporada da série televisiva *Anne com E*. Além disso, foram efetuados fichamentos de artigos científicos, autobiografia, blogs, jornais, dissertações e livros teóricos, abordando as áreas da Tradução Intersemiótica, Teoria da Adaptação, Memória, Feminismo e Tempo. Também foi conduzida uma extensa pesquisa em *websites* disponibilizados em formato de vídeos relacionados à Montgomery e suas obras.

Os pressupostos teóricos utilizados para fundamentar esta pesquisa são textos-base das áreas dos Estudos da Tradução, sendo eles: Tradução Intersemiótica, (Plaza, 2010); Teoria da Adaptação (Hutcheon, 2013); Intermidialidade (Clüver, 2011); Sociologia Figuracional (Elias, 1998); Estudos femininos (Hooks, 2022); e Memória (Bosi, 2022). Além de dissertações e artigos de pesquisadores que investigaram acerca do trabalho de pesquisadores que se debruçaram sobre o trabalho de Lucy Maud Montgomery.

3.2 Intermidialidade

Claus Herbert Clüver (2011)²⁴ é pesquisador e professor de renome internacional, com diversos trabalhos publicados sobre intermedialidade e intersemiótica. Seu estudo envolve apresentação e aprofundamento das relações entre textos diversificados e suas possibilidades de tradução nos signos e mídias, bem como são definidos, classificados e apresentados de forma globalizada.

O ensaio intitulado *Intermedialidade* (2011) possui como tema as diferentes concepções de mídia e a sua função nos contextos em que ocorre; ele aborda a polissemia dos sentidos. De um modo geral, a assertiva se constrói com as relações entre as mídias e um objeto linguístico característico, e pode-se atribuir e reconhecer elementos intersemióticos para concluir a mensagem entre as culturas.

A relação entre TF e TA pode exemplificar a teoria de Clüver (2011), pois fornecem ao público um produto pertencente à várias culturas, influenciando-as e proporcionando o compartilhamento de novos signos linguísticos em função da globalização digital.

Nesse cenário, é essencial destacar como as conexões e elementos comuns entre os signos revelam aspectos socioculturais manifestados no livro TF e nas múltiplas adaptações. A cada novo trabalho lançado, ocorre a utilização da tradução intersemiótica, como Clüver (2011) destaca: “A informação comunicada por um texto escrito à mão pode ser rica em relação à personalidade do indivíduo que o escreveu, como também à época e ao lugar onde foi escrito” (Clüver, 2011, p.13).

Estudos decorrentes da análise de dados comerciais são realizados com o propósito de viabilizar a publicação de livros no Brasil. Essas pesquisas têm como objetivo identificar as tendências populares, bem como sugerir características do produto, visando maximizar o retorno do investimento empregado. Desse modo, o TA estabelece uma comunicação efetiva com o público, abordando assuntos contemporâneos, como a perspectiva da mulher, a capacidade da personagem em superar desafios e a construção da identidade feminina. Esses temas possibilitam uma conexão significativa com o público e contribuíram para a construção da mídia em questão. Desse modo, o sucesso alcançado pela adaptação da série *Anne com E* proporcionou que a coletânea *Anne de Green Gables* pudesse ser reeditada novamente.

²⁴ Claus Clüver é especialista em estudo das linguagens artísticas, envolvendo as relações entre literatura, artes visuais, música, poesia visual e outras formas "híbridas" de textos. Seus outros estudos envolvem a literatura comparada e o moderno teatro épico. Clüver também estuda a poesia concreta brasileira. Entre outras atividades, tem participado da Associação de Estudos de Literatura Comparada dos Estados Unidos, *Modern Language Association* e na Associação Internacional dos Estudos da Palavra e da Imagem. Fonte: <https://ppgipc.fcs.ufg.br/n/39309-a-leitura-nos-tempos-do-dominio-da-imagem>.

Puehler (2022) se utiliza da concepção de Stam (2006) com o intuito de validar a afirmação de correlação entre adaptação e o mercado publicitário:

[...] a adaptação pode ser vista como uma orquestração de discursos, uma construção “híbrida”, mesclando mídia e discursos, pois, ao recontar uma história, ajustes se fazem necessários, uma vez que harmonizar o que foi escrito exige seleção do que pode ser significativo na nova mídia. O adaptador tem o árduo trabalho de selecionar cenas, personagens, diálogos em detrimento de outros, visando sempre o fim mercadológico, dado que o filme tem investidores e eles esperam retorno de suas aplicações e para atingir esse fim, a história contada na tela deve ter uma dinâmica que atraia o público-alvo (Puehler, 2022, p.29).

Os elementos presentes no TF e no TA nos revelam as características da intermedialidade, conforme declarado por Clüver (2011) nas palavras de Rajewsky, em *Border talks*: “Intermedialidade implica cruzamento de fronteiras”, sendo essas fronteiras de caráter variável, uma vez que a instabilidade local e social de sua produção é real. Por exemplo, *Anne de Green Gables*, quando traduzida para o português pela primeira vez pela Editora Companhia Editora Nacional em 1939, difere da versão traduzida pela Editora Ciranda Cultural em 2019. Oitenta anos separam essas edições e, ao longo desse período, as traduções incorporaram características de contextos sociais e culturais distintos em relação ao texto original publicado em 1908.

De acordo com Stam, mudanças sempre ocorrem entre as mídias: “A transposição para outra mídia, ou até mesmo o deslocamento dentro de uma mesma, sempre significa mudança, ou, na linguagem das novas mídias, ‘reformatação’. E sempre haverá perdas e ganhos” (Stam, 2000, p.62).

Outra característica da intermedialidade são as referências intermediáticas definidas, nas quais diferentes mídias coexistem no contexto de outra, destacando traços de “influência”. Ao assistirmos *Anne com E*, percebemos uma variedade de referências sócio-históricas e literárias que a protagonista transmite em atitudes e falas. Em uma cena da primeira temporada, Anne coloca um lenço na cabeça e se olha no espelho ao mesmo tempo em que encena como se fosse uma princesa, assumindo o pseudônimo de Cordelia²⁵. Em outro momento, Anne cita frases de trechos de obras clássicas, fazendo referências explícitas. Por ser uma mídia, vários exemplos presentes na série demonstram a riqueza das relações estabelecidas em uma obra adaptada, pertencendo à tradução intersemiótica. Clüver (2011, p.14) afirma que “Esse fenômeno é tão comum que já declarei em outro lugar que a ‘intertextualidade sempre significa também intermedialidade’”

²⁵ O pseudônimo Cordelia está grafado sem acento agudo no texto-fonte.

[...] usando ‘intertextualidade’ em referência a todos os tipos de texto; é uma forma condensada de dizer que entre os ‘intertextos’ de qualquer texto (em qualquer mídia) sempre há referências (citações e alusões) a aspectos e textos em outras mídias (Clüver, 2011, p.17).

A transposição midiática é fator importante e Clüver (2011) cita a definição de “Irina Rajewsky²⁶, sendo o processo 'genérico' de transformar um texto composto em uma mídia em outra mídia de acordo com as possibilidades materiais e as convenções vigentes dessa nova mídia” (Clüver, 2011, p.18).

Em função disso, surge a questão da adaptação, teoria fundamental centrada nos estudos de intermedialidade. A série *Anne com E* é um produto adaptado do TF *Anne de Green Gables* e, em ambas as mídias, encontramos trechos similares, pois abordam a mesma temática: a história da garota Anne após chegar em Avonlea. No entanto, a adaptação é recriada devido a contextos adicionais que variam conforme o público, o espaço e o tempo.

Outro elemento característico da mídia é a *écfrase*²⁷, que observamos na série nos momentos em que Anne verbaliza a figura presente em sua imaginação, o que pode ser observado com riqueza de detalhes pelo espectador no Clube de Contos fundado pela protagonista e suas amigas.

Nesse sentido, Clüver (2011) se posiciona em relação ao reconhecimento de que “[...] só podemos ler o texto verbal como ‘tradução’ se verificamos a relação olhando o original ou uma reprodução (ou pelo menos consultando a nossa memória)” (Clüver, 2011, p.19).

Em algumas cenas, há a presença de elementos que estimulam o telespectador por meio do uso das cores e de estratégias cinematográficas que Clüver (2011) denomina de Sinestesia e Multissensorialidade na construção do signo visual. Macedo (2021) cita:

Elizabeth Hillman Waterston nos guia no processo dos cinco “Fs” que Montgomery adotou, inconscientemente, para construir Anne e suas aventuras. Ela começa dizendo que o sucesso de muitas ficções vem dessa estratégia de fatos, foco, *flash*, frenesi e fixação (facts, focus, flash, frenzy, fix). Ao analisar cada palavra iniciada com “F”, a estudiosa nos conduz ao que fez Anne ser até hoje uma das personagens mais bem-sucedidas na literatura canadense do século XX (Macedo, 2021, p.29).

²⁶ Irina Rajewsky é “Professora Associada de Literaturas Francesa e Italiana na Freie Universität, Berlim, em associação com o Instituto de Línguas e Literaturas Românicas. Suas principais áreas de pesquisa são as teorias sobre inter e transmedialidade literárias. Atualmente dirige o projeto de pesquisa *Midialidade, Transmedialidade, Narração: perspectivas de narratologia transgenérica e transmidial.*” Fonte: http://www.letras.ufmg.br/padroao_cms/?web=intermidia2017&lang=1&page=1489&menu=827&tipo=1.

²⁷ “A *écfrase* é um procedimento retórico e descritivo que visa descrever visualmente um objeto ou evento como se ele estivesse ocorrendo diante dos olhos do receptor do discurso.” Fonte: <https://revistas.ufrj.br/index.php/CODEX/article/view/32875#:~:text=A%20%C3%A9cfrase%20%C3%A9%20um%20procedimento,olhos%20do%20receptor%20do%20discurso.>

No início do sexto episódio, Anne é despertada por Diana, que solicita sua assistência para socorrer sua irmã, Minnie May, que está sofrendo de mal-estar. Na sequência, observamos a cena de John Blythe, o pai de Gilbert²⁸, enfrentando graves problemas de saúde, demonstrando sinais de dor extrema, vindo a falecer ao final do episódio, o que abala profundamente a comunidade de Avonlea. Após o enterro, Marilla retira-se para seu quarto e, depois de um breve período de reflexão, vai até seu armário e pega um objeto cuidadosamente guardado. Eram cartas dentro de uma caixa. Ela respira profundamente e, em seguida, senta-se para ler esses velhos textos.

Ao abrir a primeira carta, ela lê a saudação afetuosa contendo as palavras, “My dearest Mar”, significando “Minha querida Mar”. Logo no início, ela se depara com a seguinte pergunta: “Won’t you reconsider? Please, yes”, que pode ser compreendida como “Você não reconsideraria? Por favor, sim”. Um sorriso se desenha em seu rosto após ler essas palavras, mas logo depois as lágrimas começam a rolar. Ao fim da carta, podemos observar a despedida de John nas palavras “Always, John”, traduzidas como “Sempre, John”.

Nas cenas subsequentes (figuras 14 a 21), ocorre no sexto episódio da primeira temporada, intitulado ‘O Remorso é o Veneno da Vida’. Percebemos que o tema *remorso* está presente na sequência de ações referente à Marilla Cuthbert e seu passado. Nota-se o sentimento de arrependimento da personagem e suas lembranças de uma história de amor pelo pai de Gilbert que foi sufocada por suas escolhas. Fica evidente o quanto ela ainda abriga sentimentos inconfessos que jamais serão compartilhados devido ao falecimento de John.

Na figura 14, observamos que o foco da ação está em Marilla: o local onde ela se encontra, o objeto em suas mãos e seu autocontrole emocional. As cores e o reflexo, presentes apenas em seu rosto e no objeto, são elementos que merecem uma análise cuidadosa.

Figura 14 – Marilla coloca uma caixa em seu colo e segura alguns objetos

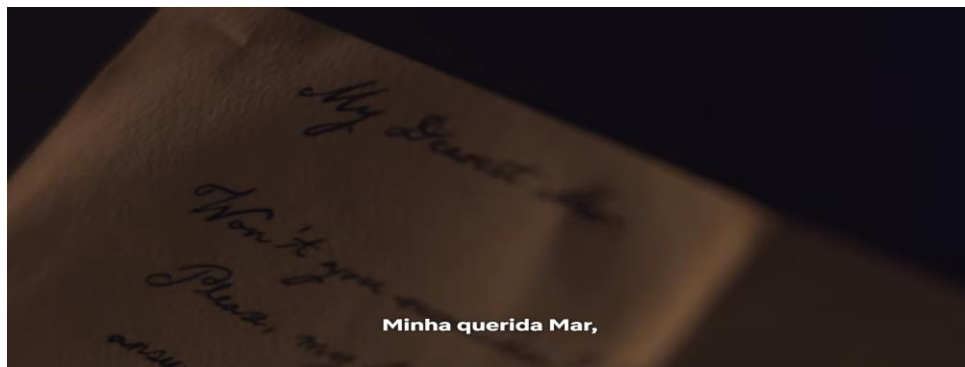


Fonte: Netflix (2017).

²⁸ Gilbert é um colega que Anne conhece na escola e mora em Avonlea.

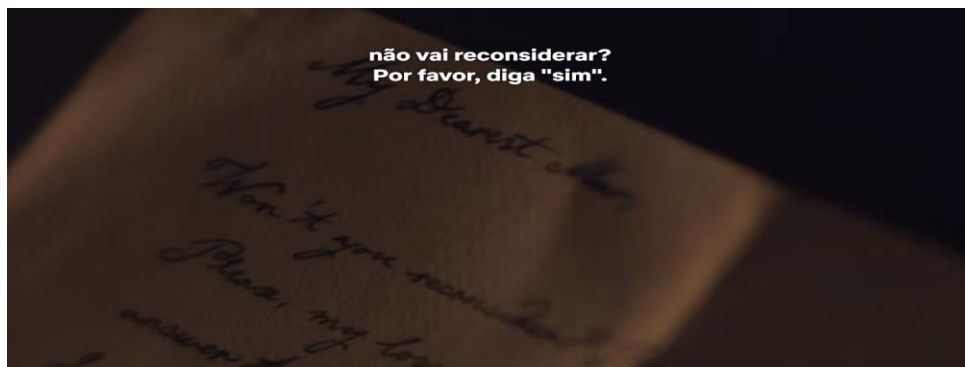
À medida que a cena ocorre, podemos perceber uma mudança de foco em direção ao objeto segurado por ela, ou seja, a carta, e as palavras escritas nela, conforme ilustrado nas figuras 15 e 16 com cenas do sexto episódio. A sensação experimentada pelo telespectador é a de estar vendo a cena sob a perspectiva física da personagem.

Figura 15 – Marilla lê cartas que estavam na caixa em seu colo



Fonte: Netflix (2017).

Figura 16 – Marilla lê o primeiro trecho da carta



Fonte: Netflix (2017).

A mudança de foco ocorre nas figuras 17 e 18, através de um close no rosto de Marilla. A iluminação intensificada destaca sua fisionomia, transmitindo ao telespectador sentimentos de tristeza, dor e remorso.

Figura 17 – Marilla sorri e chora ao continuar sua leitura



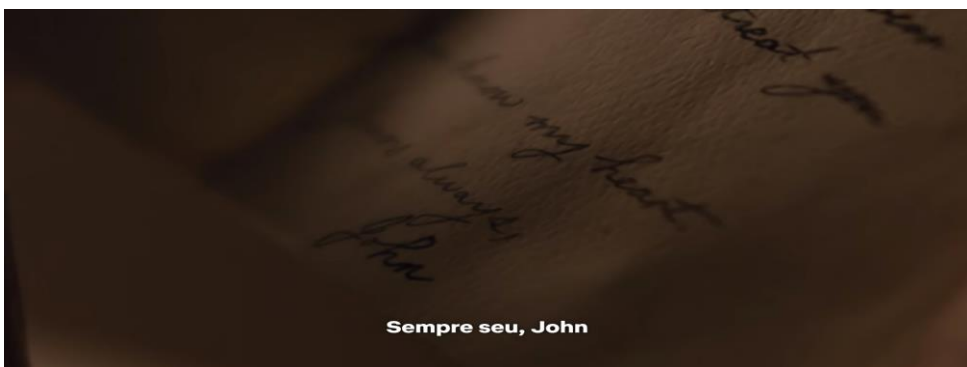
Fonte: Netflix (2017).

Figura 18 – Marilla não consegue controlar suas emoções



Fonte: Netflix (2017).

Figura 19 – Ao final da carta, há uma mensagem amorosa do emissor



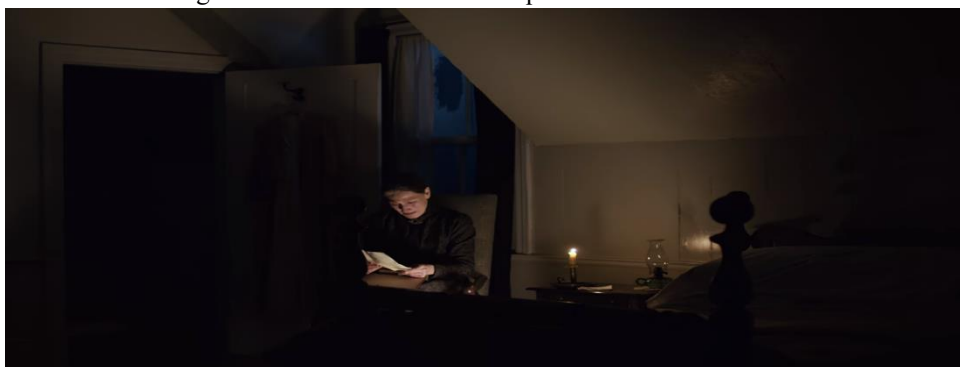
Fonte: Netflix (2017).

Figura 20 – Marilla chora ao ler o final da carta



Fonte: Netflix (2017).

Figura 21 – Marilla está em seu quarto com a carta na mão



Fonte: Netflix (2017).

Na figura 19, observamos o encerramento da mensagem, que inclui uma dedicatória de amor de John Blythe, acompanhada de intensa expressão de choro e tristeza por parte de Marilla. No desfecho da cena, a câmera começa a se afastar de Marilla, deixando-a na escuridão de seu quarto com o foco de luz em seu rosto e na área vazia ao seu lado, retratando-a solitária no aposento.

As cenas descritas anteriormente não têm origem no TF. Elas ilustram o potencial que a mídia audiovisual pode oferecer ao expandir e aprofundar a narrativa. Os *fatos*, *foco*, *flash*, *frenesi* e *fixação* estiveram presentes em todos os momentos. Tais elementos moldaram a atmosfera de cada cena, transmitindo uma mensagem profunda e rica em sentimentos ao telespectador, mesmo sem diálogos diretos.

A importância do adaptador no processo de criativo do texto-fonte resulta na criação de uma nova mídia, que ocorre por meio da transcodificação do TF para o TA. Observa-se a presença da intermedialidade na retextualização da série *Anne com E*.

3.3 Tradução Intersemiótica

A semiótica é o estudo dos signos, por meio dos quais podemos estabelecer relações que envolvem a compreensão do mundo e se ramificam em múltiplas chaves de leitura. Charles Sanders Peirce foi um expoente linguista estadunidense que revolucionou os estudos da semiótica. Sua contribuição tornou-se um dos pilares dos Estudos da Tradução. Segundo Roman Jakobson²⁹, as traduções classificam-se da seguinte forma: tradução intralingual (ocorre dentro do mesmo sistema linguístico), tradução interlingual (entre línguas diferentes) e tradução intersemiótica (signo verbal para signo não verbal).

O livro *Anne de Green Gables* e a série *Anne com E* são signos que podemos traduzir a partir de padrões observados na sociedade. Julio Plaza³⁰ confirma essa teoria ao afirmar: “A arte não se produz no vazio” (Plaza, 2010, p.2). Observamos que essa análise de Julio Praza se aplica nos trechos a seguir:

Anne é profundamente influenciada pelo ambiente de Avonlea. Suas descrições vívidas da paisagem, das estações do ano e da natureza mostram como a arte, no caso a escrita e a imaginação de Anne, é inspirada pelo lugar em que ela vive.

Os olhos amantes da beleza de Anne se demoraram sobre tudo aquilo, absorvendo todas as coisas avidamente. Ela havia olhado para muitos lugares nada adoráveis em sua vida, coitadinha; mas este era tão adorável quanto qualquer coisa que ela jamais sonhara.

Ela ficou ajoelhada ali, concentrando-se apenas na beleza à sua volta, até que levou um susto quando a mão de alguém encostou em seu ombro. Marilla havia entrado sem que a pequena sonhadora a escutasse.

- É hora de você se vestir - disse bruscamente.

Marilla de fato não sabia como falar com a criança, e sua ignorância incômoda a tornava mordaz e brusca quando essa não era a sua intenção.

Anne se levantou e respirou fundo.

- Oh, não é maravilhoso? - disse ela acenando para todo o mundo bom do lado de fora.

- É uma árvore grande - falou Marilla - e dá muitas flores, mas as frutas nunca são muito boas: são pequenas e bichadas.

- Ah, não falo apenas da árvore. É claro que ela é adorável...sim, é *radiantemente* adorável... ela floresce como se quisesse... mas estou falando de tudo, do jardim e do riacho e da mata, de todo o grande e querido mundo. A senhorita não sente um amor enorme pelo mundo em uma manhã como está? E consigo ouvir as risadas do riacho daqui de cima. Já reparou como os riachos são coisas alegres? Estão sempre rindo. Até mesmo no inverno já os ouvi rir sob o gelo. Fico muito feliz que haja um riacho perto de Green Gables (Montgomery, 2019, p.40-41).

A vida de Anne é permeada por suas interações com os habitantes de Avonlea. Suas amizades, rivalidades e relacionamentos com os personagens locais, como Diana, Gilbert e Marilla, influenciam profundamente suas ações, emoções e criações artísticas, incluindo suas

²⁹ Roman Jakobson foi um importante linguista do século XX, pioneiro da análise estrutural da linguagem, da poesia e da arte.

³⁰ Julio Plaza foi um pesquisador, professor, gravador e artista espanhol de referência no campo da tradução intersemiótica em sua obra *A tradução intersemiótica* (2010).

estórias imaginárias. Ao longo do romance, Anne passa por um processo de amadurecimento e autoconhecimento. Suas experiências na escola, seu desejo de se destacar nos estudos e suas ambições literárias são reflexos de seu ambiente e das oportunidades que lhe são oferecidas.

Há muitas Annes diferentes dentro de mim. Às vezes, penso que é por isso que sou uma pessoa tão inoportuna. Se eu fosse apenas uma Anne, seria muito mais cômodo, mas eu não seria nem um pouco interessante quanto sou (Montgomery, 2019, p.178-179).

A estória se passa em uma época em que havia expectativas rígidas para as mulheres, especialmente no seu papel na sociedade. Anne desafia esses preceitos ao buscar maior instrução educacional ao mesmo passo em que não deixa de criar estórias inspiradas nas manifestações do ambiente ao seu redor, na observação da natureza, das pessoas e das situações que vivencia em Avonlea.

O trecho a seguir aborda o tema da imaginação de Anne, bem como o apoio dado pela sociedade devido ao fato de Anne ter quebrado o tornozelo enquanto caminhava “sobre a viga do telhado” (Montgomery, 2019, p.204).

Anne tinha bons motivos para louvar sua imaginação muitas vezes e com frequência durante as entediadas sete semanas que se seguiram. Mas ela não dependeu apenas da imaginação. Recebeu muitas visitas, e não houve um dia em que não aparecesse uma ou mais das meninas da escola trazendo para ela flores e livros e contando tudo o que acontecia no mundo juvenil de Avonlea. (Montgomery, 2019, p.205)

Em resumo, "Anne de Green Gables" é uma obra que demonstra, de várias maneiras, como a arte não se produz no vazio, pois há, na criação artística de Anne, na sua jornada de crescimento e nas suas interações com a comunidade e o contexto social de Avonlea uma forte correlação.

Puehler (2022, p.18) afirma que “o romance Anne de Green Gables já provou seu valor, pois suas contínuas adaptações e reedições reforçam o pressuposto sobre a qualidade do produto midiático”. E, para ratificar a importância da obra e sua excelência com os leitores, a autora cita Jauss (1994):

A maneira pela qual uma obra literária, no momento histórico de sua aparição, atende, supera, decepciona ou contraria as expectativas de seu público inicial oferece-nos claramente um critério para a determinação de seu valor estético (Jauss, 1991, p.31).

O TF e TA possuem uma conexão com múltiplos elementos culturais que se alternam e modificam ao longo do tempo, refletindo, conseqüentemente, uma sociedade e uma história; ou seja, a série é recriada por meio de signos não verbais. Amorim (2013, p.18) cita o

pensamento de Plaza e afirma que “a tradução cria um original do passado, realizando uma ponte entre pretérito-presente-futuro”.

O TA carrega elementos primitivos do seu objeto de partida; uma vez a cada tradução da história de Anne há a criação de um novo signo com sua própria essência. “A tradução, ao recortar o passado para extrair dele um original, é influenciada por esse passado ao mesmo tempo em que ela também como presente influencia esse passado” (Plaza, 2010, p.6).

O signo verbal transforma-se em signo não verbal com a utilização de recursos visuais, caracterizando-se como uma Tradução Intersemiótica. Hutcheon (2013, p.40) confirma essa chave de leitura quando escreve que “[...] as adaptações são recodificação, ou seja, traduções em forma de transposições intersemióticas de um sistema de signos (palavras, por exemplo) para outro (imagens, por exemplo)”.

A figura do tradutor é fundamental para a elaboração de todo o processo tradutório, já que utiliza conhecimentos linguísticos e culturais na produção de sua arte. A memória e o tempo movimentam a linha textual, pois, como afirma Plaza (2010),

[...] passado-presente-futuro, ou original-tradução-recepção, estão necessariamente atravessados pelos meios de produção social e artística, pois é na tradução dos momentos da história para o presente que aparece como forma dominante ‘não a verdade do passado, mas a construção inteligível de nosso tempo (Plaza, 2010, p.13).

Desta forma, a série *Anne com E*, em sua primeira temporada, não é apenas o resultado de uma simples transcodificação, mas sim de um produto novo com a inserção de elementos que agradam ao público. Podemos observar a modificação do destino de personagens e a inclusão de novos desdobramentos. Por exemplo, em *Anne de Green Gables*, Matthew sofre um ataque cardíaco e falece no penúltimo capítulo, intitulado *O ceifador cujo nome é Morte*, enquanto Anne já está na Universidade *Queen’s*. Na série, por outro lado, Matthew não falece, mas sofre de uma doença cardíaca, e Anne cursa a escola regular em Avonlea.

3.4 A teoria da adaptação

O processo de adaptação é formado por um novo signo a partir de outro preexistente dependendo da perspectiva do adaptador. A transcodificação³¹ também faz parte do roteiro do TA quando o adaptador transforma as palavras contidas no texto em imagem e som. Anne,

³¹ Transcodificação é a conversão de uma mídia para outro código. Fonte: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/transcodifica%C3%A7%C3%A3o>

descrita na obra literária, é modificada pela representação imagética do rosto da atriz Amybeth McNulty. Além disso, as frases proferidas pela protagonista expõem seus conhecimentos literários quando cita textos clássicos, o que denominamos de intertextualidade, ou seja, a presença de outros textos dentro da história.

Embora compartilhem a mesma estrutura narrativa, a série e o livro têm, cada uma, sua própria essência. No processo de adaptação, o resultado é um produto com “perdas e ganhos”. As “perdas” ocorrem em função da pouca ou nenhuma semelhança entre as mídias, enquanto os “ganhos” se manifestam por meio da incorporação de elementos à estrutura da adaptação.

Puehler (2022) expõe a relevância de se considerar o gosto/opinião telespectador como critério de elaboração do roteiro de uma adaptação:

No processo de adaptação, uma história já conhecida será recontada. Quem a reescreve precisa tornar tangível o universo criado pelo autor do texto-fonte, transformando este conteúdo em um novo produto midiático, obedecendo às características técnicas. Tornar a nova mídia atrativa ao público é fundamental, e tem suas especificidades. Em alguns casos, a distância temporal é um dos fatores de atenção. Os espectadores/leitores podem ter visões, crenças e valores bastante distintos. O leitor/espectador é essencial para que o sucesso ocorra ou não na apresentação da história recontada através da transposição de mídia” (Puehler, 2022, p.14).

A série e o livro possuem uma identidade, e ambas se utilizam da recepção do público para guiar o sucesso e possíveis modificações, para não afetarem a progressão essencial da história; “Adaptações são trabalhos autônomos (...) uma adaptação tem sua própria aura, sua própria ‘presença no tempo e no espaço, uma existência única no local onde ocorre” (Benjamin, 1968, p.214) *Anne com E* e *Anne de Green Gables* dispõem de componentes que se unem e mostram seu caráter essencial.

No trecho a seguir, Macedo (2021) reflete sobre a adaptação ser constituída de características atrativas ao público daquele determinado tempo e sociedade, sendo formadas pelos elementos principais do TF acrescidas de modificações conforme a relevância para o adaptador.

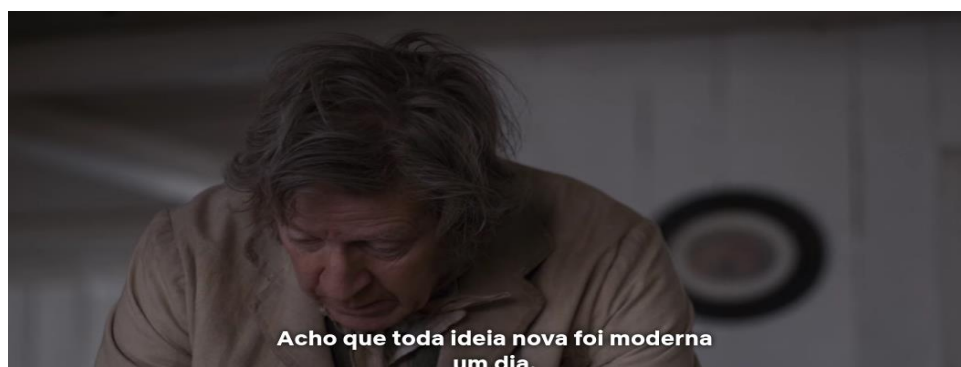
O tempo nesse contexto é um elemento crucial, porque, mesmo que parte do contexto original se mantenha, a passagem do tempo entre o momento em que a obra foi escrita e sua adaptação a modifica. É por isso que adaptações, com frequência, promovem mudanças na ambientação e no estilo. Ao contrapor as adaptações de *Romeu e Julieta* de Franco Zeffirelli (1968) e de Baz Luhrman (1996), Hutcheon (2013, p. 1997) considera que “o contexto de recepção determinou as mudanças na ambientação e no estilo”, já que “as culturas mudam com o tempo” (Macedo, 2021, p.46).

O conceito de fidelidade está presente nos Estudos da Adaptação e consiste na presença de elementos essenciais do TF transpostos na obra adaptada, gerando interesse e captação de audiência. Nunca haverá uma adaptação fiel ao texto-fonte. Ou seja, há particularidades caracterizadas no TA que estão presentes também no TF: a menina ruiva e órfã, a presença dos irmãos Cuthberts e sua residência em Green Gables; eles optam por um menino, mas recebem uma menina; a presença da Senhora Rachel Lynde e seus comentários inapropriados; a amizade de Diana e Anne, por exemplo, compõe esse conjunto de aspectos fixos presentes no TA que correspondem com fidelidade ao que é apresentado no TF.

Há também fatores que não estão presentes no TF e foram implementados no TA. Tais aspectos inseridos são moldáveis de acordo com a recepção do público, trazendo temas relevantes da atualidade, adicionados à reflexão que a obra propõe. Observa-se a inserção de novos personagens, a modificação da relação entre eles e a contextualização histórica e social contemporânea. Algo que podemos acrescentar também é a presença de elementos extras, proporcionando experiências diferentes ao telespectador. Macedo (2021, p.73) afirma que “Os posicionamentos e recursos visuais são elementos fortes em uma adaptação e importantes para as escolhas da direção, colaborando para a mensagem que se quer passar”.

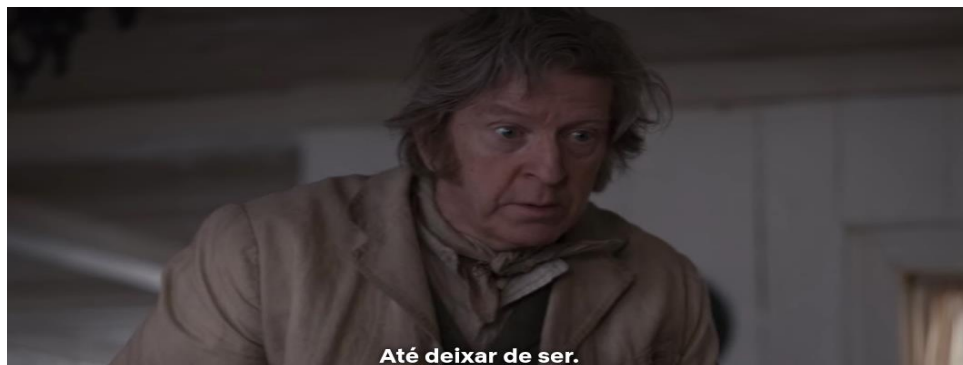
As cenas a seguir compõe o terceiro episódio e ilustram a recriação elaborada pela diretora da série a partir do livro de Montgomery. Beckett adicionou novos elementos, tais como falas e novos destinos aos personagens, sem perder a essência principal do texto. Um exemplo, pode ser observado quando Rachel Lynde, em visita aos Cuthberts, questiona a visita de Marilla ao Círculo de Costuras das Mães Progressistas. Rachel se dirige a Matthew e solicita sua opinião. Matthew responde com as falas presentes nas figuras 22 e 23.

Figura 22 – Matthew é questionado por Rachel



Fonte: Netflix (2017).

Figura 23 – Matthew responde Rachel sobre sua reflexão



Fonte: Netflix (2017).

É interessante observar que o personagem na série detém uma voz mais proeminente, demonstrando maior criticidade e emoção se comparado ao apresentado no TF. Essa mudança evidencia a relação social na construção de ideologias. Macedo (2021) cita Reddie (2020) para fundamentar esse acréscimo:

As adaptações de romances para o cinema e a TV sempre foram populares entre as massas. Nos últimos tempos, no entanto, as adaptações evoluíram para se adequar às sensibilidades e questões modernas. Uma adaptação impressionante é *Anne with E*, baseada no clássico atemporal *Anne of Green Gables*, escrito por Lucy Maud Montgomery (Reddie, 2020, n.p.).

Na sequência, Marilla esboça o início de uma mudança de mentalidade com relação à criação de Anne após a reunião com as mães progressistas. Ela reconhece a necessidade em abrir seus horizontes para novas ideias.

Figura 24 – Rachel e Marilla conversam sobre expandir seus ideais



Fonte: Netflix (2017).

Nota-se essa nova abordagem que inova a história original *Anne de Green Gables*, uma vez que, na adaptação, há questões adicionais para reflexão sob o eixo do contexto sócio-histórico.

3.5 O tempo e a memória

A construção da nossa memória e do tempo está assegurada nas nossas vivências diárias por meio de práticas individuais e coletivas. Como afirma Yates (2007, p. 54), “a lembrança é a recuperação do conhecimento ou da sensação ocorrida”, o que significa estarmos constantemente recuperando o passado para a construção do futuro, que se concretiza no presente de cada um, seja na realidade ou na ficção. Além disso, temos à nossa disposição diversas formas de registros, como retratos, escritos, desenhos, entre outros. Embora essa concepção seja amplamente difundida, é imprescindível considerar a importância que o registro escrito possui na nossa civilização. De forma geral, os livros possuem o poder de atravessar os séculos e se eternizar nas prateleiras de bibliotecas públicas e pessoais pelo mundo inteiro.

As bibliotecas são o local da memória escrita, viva e atemporal. Elas guardam os livros, e é por meio deles que podemos realizar a ligação entre passado, presente e futuro; além de podermos encontrar a memória coletiva e individual, que proporcionam diálogos e registro de revoluções na sociedade.

O ensaísta e escritor Alberto Manguel possui publicações sobre a preservação da memória e do tempo por meio dos livros, além de defender a manutenção e a valorização das bibliotecas. Em *Anne com E* (2017) e *Anne de Green Gables* (2019), a personagem principal incentiva o telespectador e o leitor, sempre defendendo a presença dos textos como algo positivo e fundamental na busca para auxiliar em sua rotina e construção intelectual, uma vez que tudo é exposto por meio de citações ao longo da história.

Bosi (2022) pondera sobre a significância da memória, destacando a capacidade de moldar e conectar presente, passado e futuro em uma dinâmica fluida e essencial. “Não esqueçamos que a memória parte do presente, de um presente ávido pelo passado, cuja percepção ‘é a apropriação veemente do que nós sabemos que não nos pertence mais’” (Bosi, 2022, p.20).

Manguel (2017) reflete o quanto o uso da metáfora na arte torna possível a construção de múltiplos signos. Eles são atualizados conforme o engajamento da memória e do tempo nos registros diretos e indiretos dos livros, nas bibliotecas e na coletividade.

A força de uma metáfora pode ser avaliada tanto por sua capacidade de evocar a ideia que está na sua origem como por sua capacidade de enriquecer e contaminar outras ideias. A metáfora do mundo como livro confirma adequadamente nossa impressão de que o espaço ao nosso redor comporta significado e de cada paisagem conta uma história, iluminando o ato da leitura com o sentido de decifração não apenas das palavras na página, mas do próprio mundo. Mundo e texto, viagem e leitura, são imagens concomitantes, facilmente evocadas na imaginação. Tanto a viagem como a leitura se desenrolam no tempo, tanto o mundo como o texto definem um espaço. A vida como uma viagem é, como vimos, uma das nossas mais antigas metáforas; já que ler é uma jornada através de um livro, a imagem conecta todas as três atividades, de modo que cada uma delas - ler, viver, viajar - se alimenta das outras e ao mesmo tempo as enriquece (Manguel, 2017, p.55).

O pensamento de Alberto Manguel é reforçado quando associamos a teoria acima ao contexto da protagonista, que busca utilizar a imaginação e as metáforas para alimentar sua autoestima e afugentar seus traumas. A arte de viver, para a personagem, é alimentar sua vivência e ressignificar sua história, utilizando palavras novas e aplicando essa diretriz ao seu cotidiano. A presença dessa ação torna o enredo cativante, e a recepção de suas aventuras pelo público torna legítimo o sucesso do livro e da série.

Nos Estudos da Tradução, as metáforas constituem uma ferramenta fundamental que permite ao tradutor executar um processo complexo, de múltiplas possibilidades de tradução, principalmente no que concerne à tradução de uma cultura para outra. A diretora da série buscou transcodificar trechos metafóricos importantes para o telespectador perceber os elementos essenciais existentes no texto de Montgomery. Por exemplo, em uma determinada cena, Anne sofre sua primeira rejeição na família Cuthbert. Nesse momento, podemos observar a metáfora do sentimento de rejeição presente de forma intensa no rosto da atriz com olhos vagos e na postura de seu corpo ao joelhar-se diante da fazenda de Green Gables; ela dirige o olhar para Marilla Cuthbert, expressando a rejeição sofrida.

Observa-se assim que as metáforas são importantes meios de propagação de vivências e culturas, sendo favorecidas por meio da leitura. A título de exemplo, podemos mencionar a

Teoria da Adaptação, proposta pela pesquisadora Linda Hutcheon³² em sua obra intitulada *Uma teoria da adaptação* (2013). Segundo a autora,

as histórias são, de fato, recontadas de diferentes maneiras, através de novos materiais e em diversos espaços culturais; assim como os genes, elas se adaptam aos novos meios em virtude da mutação - por meio de suas 'crias' ou adaptações. E as mais aptas fazem mais do que sobreviver, elas florescem (Hutcheon, 2013, p.59).

No entanto, para alcançar esse propósito, Hutcheon acrescenta “no modo contar, um romance pode fazer isso: ele pode nos conduzir às mentes e sensações dos personagens sempre que desejar” (Hutcheon, 2013, p.49). Desta forma, há engajamento do leitor e do telespectador, garantindo a sua participação na imersão de valores, aventuras, desafios e planos que a personagem Anne sonha e vive. A autora afirma que “os contextos de criação e recepção são tanto materiais, públicos e econômicos quanto culturais, pessoais e estéticos” (Hutcheon, 2013, p.54). Apesar da existência do TF, nas adaptações não há padronização do enredo.

Sabemos que a presença do Tempo é inerente às nossas existências; por meio dele, marcamos a vida, a morte, a memória e a história. Ao longo dos séculos, a humanidade tem buscado documentar suas experiências de diversas formas, como mencionamos anteriormente. Após esse registro, a memória é evocada, lembrando e preservando momentos vividos no passado. Sua importância é fundamental nos Estudos da Tradução, como destacado por Hutcheon: “Como membros do público, necessitamos de memória para experienciar tanto a diferença quanto a semelhança” (Hutcheon, 2013, p.47). Na série, as memórias da protagonista são usadas para sonhar e aprender a vencer seus próprios traumas. Podemos observar quando a personagem ressignifica momentos difíceis, tendo como resultado o impulso para seguir em frente.

A série *Anne com E* (2017), por ser uma obra artística visual e adaptada de um livro, comporta registro de tempo e de memória pelo ponto de vista da sociedade representada na narrativa. Podemos perceber a existência de personagens e eventos que asseguram uma memória social e coletiva no enredo, como a personagem Senhora Rachel Lynde e as reuniões ocorridas na sociedade de Avonlea, o que contribui para registrar o comportamento social vigente no início do século XX no Canadá.

Na história de Anne, nota-se conexões com os signos, como metáforas e uma linguagem apropriada para comunicar um percurso de verossimilhança. Podemos observar a

³² Linda Hutcheon “(born August 24, 1947) is a Canadian academic working in the fields of literary theory and criticism, opera, and Canadian studies.” (Tradução do autor) (nasceu em 24 de Agosto de 1947) é uma acadêmica canadense que trabalha nos campos da teoria e crítica literária, opera e estudos canadenses. Fonte: https://en.wikipedia.org/wiki/Linda_Hutcheon

presença da intermedialidade de Claus Clüver (2011), definida como sendo “todos os tipos de interrelação e interação entre mídias”, o que podemos observar no *corpus* (TF e TA).

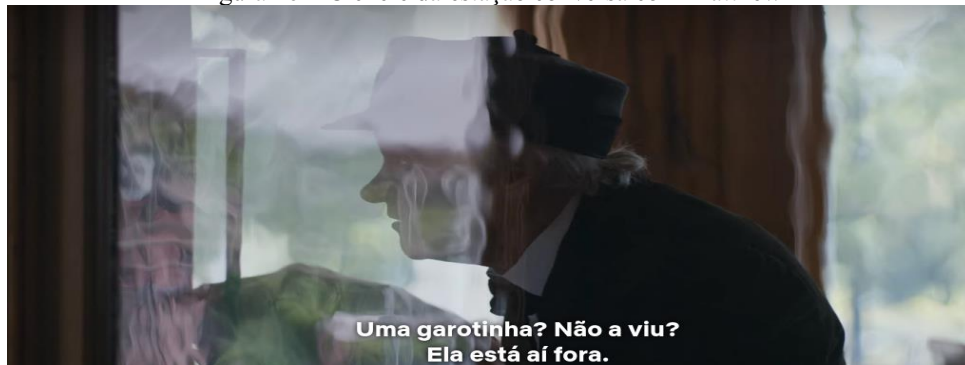
As cenas subsequentes ocorrem no primeiro episódio e apresentam Matthew na estação de trem, onde ele descobre, por meio do chefe da estação, que o órfão enviado para adoção pela Sr.^a Spencer é, na verdade, uma menina e não um menino, conforme esperavam.

Figura 25 – Matthew vai até a estação de trem



Fonte: Netflix (2017).

Figura 26 – O chefe da estação conversa com Matthew



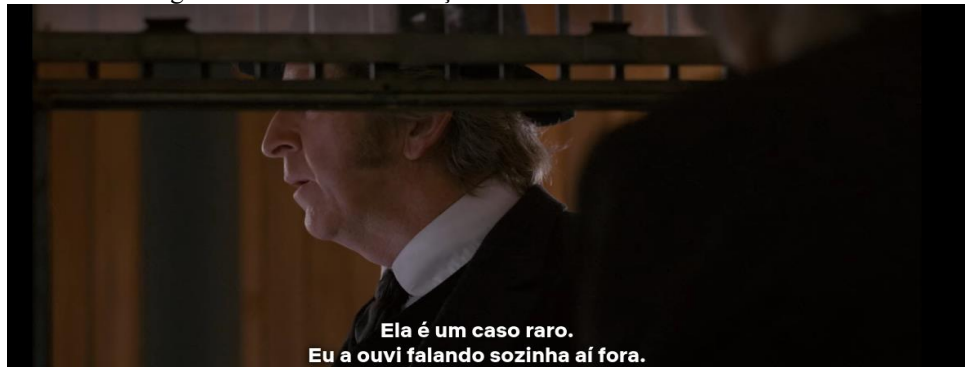
Fonte: Netflix (2017).

Figura 27 – O chefe da estação fala sobre a órfã que foi deixada na estação



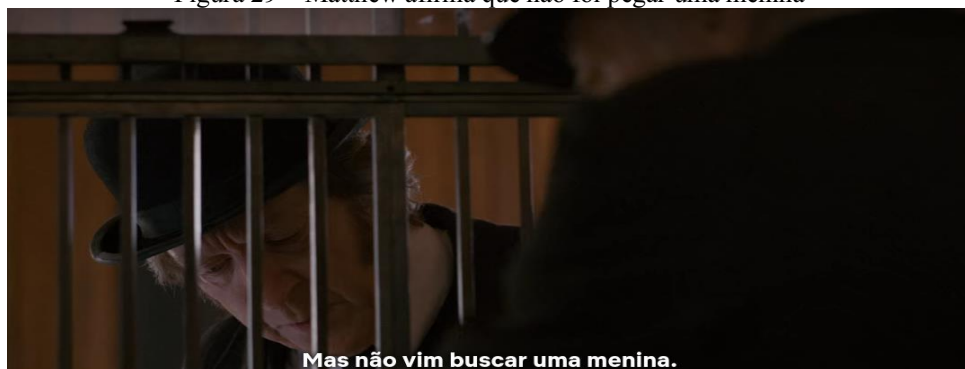
Fonte: Netflix (2017).

Figura 28 – O chefe da estação continua falando sobre a menina



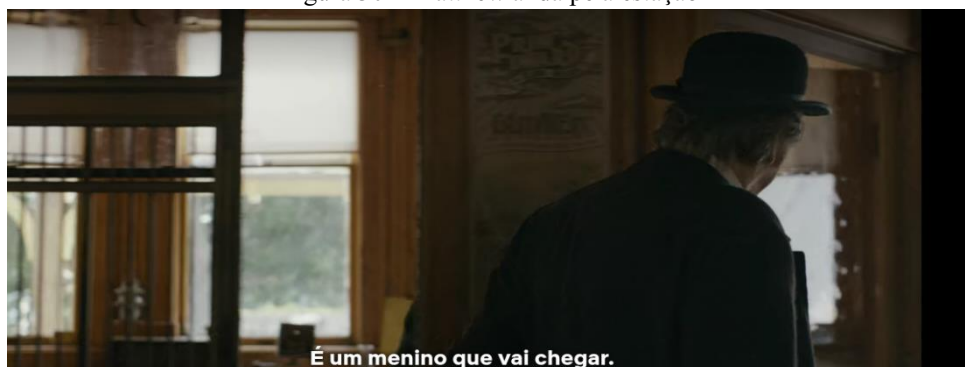
Fonte: Netflix (2017).

Figura 29 – Matthew afirma que não foi pegar uma menina



Fonte: Netflix (2017).

Figura 30 – Matthew anda pela estação



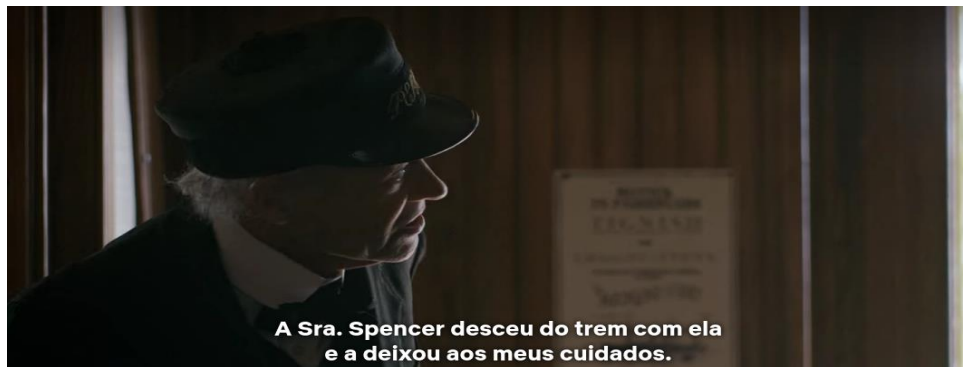
Fonte: Netflix (2017).

Figura 31 – Matthew e o chefe da estação dialogam



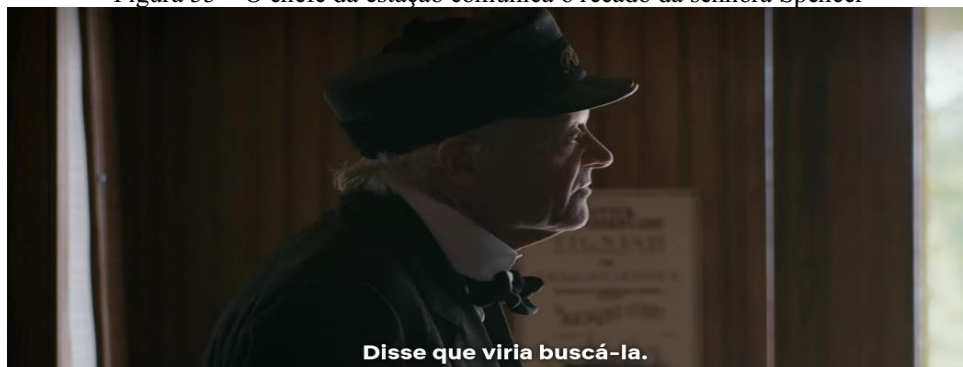
Fonte: Netflix (2017).

Figura 32 – O chefe da estação comenta sobre a senhora Spencer



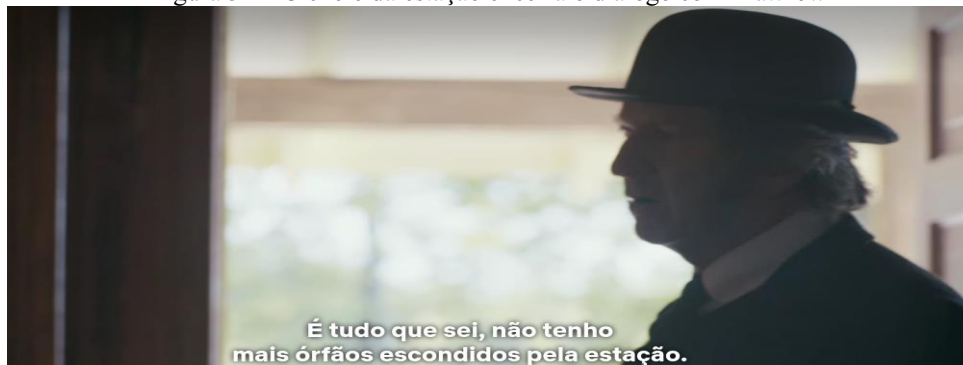
Fonte: Netflix (2017).

Figura 33 – O chefe da estação comunica o recado da senhora Spencer



Fonte: Netflix (2017).

Figura 34 – O chefe da estação encerra o diálogo com Matthew



Fonte: Netflix (2017).

No trecho a seguir, extraído do TF, observamos a representação da cena anterior. Percebemos que a ideia principal se mantém, com os mesmos personagens e o mesmo ambiente, incluindo a estação de trem, o chefe da estação e o desconhecimento de Matthew acerca da menina.

Matthew encontrou o chefe da estação trancando a bilheteria antes de ir para casa jantar e perguntou a ele se o trem das cinco e meia da tarde estava por chegar.
 - O trem das cinco e meia chegou e saiu faz meia hora - respondeu o brusco oficial. - Mas um dos passageiros que desceu está esperando pelo senhor... é uma menina.

Ela está sentada ali na brita. Eu perguntei se ela não gostaria de ir para a sala de espera do lado de fora. “Tem mais escopo para a imaginação”, foi o que ela disse. Ela é esquisita, devo dizer.

O chefe da estação assobiou.

- Então, houve algum mal-entendido - retrucou ele. - A senhora Spencer saiu do trem com aquela garota e deixou-a sob os meus cuidados. Disse que o senhor e sua irmã iam adotá-la de um orfanato e que o senhor chegaria aqui em breve. Isso é tudo o que sei... E não tenho nenhum outro órfão escondido por aqui (Montgomery, 2019, p.17).

Podemos acrescentar que no TA e no TF encontramos, respectivamente, a mesma expressão a respeito da característica marcante de Anne vista por outros olhos: “Mais alcance para a imaginação” e a frase no livro “Tem mais escopo para a imaginação”.

Considerando a afirmação de Clüver (2011, p.20) quando ele diz que “em todas as mídias podemos identificar dimensões de tempo e espaço”, é possível abordar o tema da memória, utilizando a concepção de Bosi (2022), que afirma ser a Memória o espaço em que a sociedade fixa suas raízes. A autora cita Pierre Nora³³: “a memória se enraíza no concreto, no espaço, gesto, imagem e objeto. A história se liga apenas às continuidades temporais, às evoluções e às relações entre as coisas” (Nora, 1984, p.19).

A afirmação acima pode ser observada a partir da cena em que Marilla perde o broche de ametista herdado por sua mãe. O objeto é considerado muito valioso pelas memórias que traz. Em certo momento, ela o procura no quarto e, ao não o encontrar, suspeita de Anne, por ser recém-chegada à Green Gables. Marilla interroga a menina e não acredita em sua resposta. Após uma série de ações, Marilla finalmente o encontra e pede desculpas a Anne. A cena e o capítulo que descrevem essa situação são bastante extensos e abordam várias tramas distintas.

No TF observamos a mesma sequência de ações contextualizadas de forma diferente do TA, onde a protagonista afirma que pegou o broche, colocou na altura de seu peito e guardou novamente na cômoda. Marilla não acha o objeto e castiga Anne a ficar no quarto até que confesse o destino do broche de ametista.

Bosi (2022) reafirma essa ligação por meio das palavras de Bergson: “Na realidade, não há percepção que não esteja impregnada de lembranças” (Bosi, 2022, p.35). Dessa forma, podemos considerar que este objeto se torna a materialização do amor e a presença materna.

Bosi (2022) também apresenta que a ideia da “ideologia e/ou mito” está intrinsecamente ligada à “memória coletiva”. O indivíduo é influenciado por ações dentro da sociedade, podendo ser benéfica ou prejudicial para si. A personagem Rachel pode ser

³³ Pierre Nora “(Paris, 17 de novembro de 1931) é um historiador francês da terceira geração da Escola dos Annales, associado ao campo da chamada Nova História. É reconhecido pelos seus trabalhos sobre a identidade francesa e a memória, o ofício do historiador. Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Pierre_Nora.”

considerada uma representação da sociedade canadense do século XX por apresentar preconceitos vigentes na sociedade de Avonlea. A Senhora Lynde não mede esforços para reafirmar o quanto Anne se desvia dos padrões físicos e comportamentais, tanto na série quanto no livro.

Rachel Lynde é vizinha de Marilla Cuthbert e a considera sua amiga. A personagem ama conversar e possui como característica principal a curiosidade pela vida alheia já que ela conhece todos de Avonlea. Essa personagem contribui para intensificar falas desagradáveis, com tendência à imposição de sua visão de mundo às pessoas que a cercam e seus preconceitos. O primeiro encontro entre ela e a protagonista é marcado por um discurso desrespeitoso sobre a garota. O texto-fonte apresenta um comentário proferido pela senhora Lynde com relação a Anne, que deixa Marilla desconfortável:

Fiquei de fato muito feliz quando a senhora Allan defendeu Anne, pois, se ela não tivesse feito isso, sei que eu acabaria dizendo algo severo demais para a Rachel diante de todos. Anne tem muitos defeitos, Deus sabe disso, e estou longe de negar isso. Mas sou eu quem a está criando, e não Rachel Lynde, que acharia defeitos no próprio anjo Gabriel caso ele morasse em Avonlea (Montgomery, 2019, p.233).

Observa-se que Marilla desabafa com Matthew seu desconforto aos defeitos que ela observa em Anne, como por exemplo o fato de Anne não estar em casa quando a Cuthbert chegou da reunião da Associação de Caridade de Avonlea, bem como ter esquecido de preparar o chá da tarde. Mesmo assim, Marilla demonstra sua raiva ao ouvir as palavras que a senhora Rachel Lynde dirige a Anne.

Para elucidar a análise crítica acerca da retextualização da Memória e do Tempo entre a obra e a série, torna-se necessário utilizar os estudos e pressupostos teóricos do sociólogo Norbert Elias (1998). Sob ponto de vista da sociologia figuracional, essa abordagem sustenta a seguinte afirmação: o indivíduo e a sociedade estão interligados em termos de poder, comportamento, emoções e conhecimento, em um contexto de evolução temporal e cronológica.

Em relação à questão do Tempo, na série *Anne com E*, torna-se necessário esclarecer a definição dada por Norbert Elias, quando afirma que

a palavra 'tempo' ([...]) designa simbolicamente a relação que um grupo humano, ou qualquer grupo de seres vivos dotado de uma capacidade biológica de memória e de síntese, estabelece entre dois ou mais processos, um dos quais é padronizado para servir aos outros como quadro de referência e padrão de medida (Elias, 1998, p. 19).

Podemos perceber, também, a representação da figura da mulher na série *Anne com E* atrelada à sociedade. Na cena da reunião do Círculo de Costuras das Mães Progressistas (CCMP), notamos a existência de relatos femininos no diálogo que se inicia tendo como tema uma sociedade que desgosta do nascimento de uma mulher, aprofundando questões de suas conquistas como a oportunidade de estudar em universidades e obter seu emprego.

O trecho abaixo completa o pensamento de Norbert Elias³⁴ sobre o tempo:

Portanto, o que chamamos ‘tempo’ significa, antes de mais nada, um quadro de referência do qual um grupo humano - mais tarde, a humanidade inteira - se serve para erigir, em meio a uma sequência contínua de mudanças, limites reconhecidos pelo grupo, ou então para comparar uma certa fase, num dado fluxo de acontecimentos, com fases pertencentes a outros fluxos, ou ainda para muitas outras coisas. É por essa razão que o conceito de tempo é aplicável a tipos completamente diferentes de contínuos evolutivos (Elias, 1998, p.28).

Bosi (2022, p.22) reafirma: “é preciso sempre examinar matizando os laços que unem memória e ideologia; laços que, antes da secularização moderna, amarravam a memória pública à memória individual”. De acordo com a assertiva, percebemos que o preconceito, o racismo e a xenofobia vivenciados pelas personagens eram aceitos com normalidade tanto no TF quanto no TA, refletindo o contexto histórico e social vigente.

Podemos observar os momentos em que Anne, de um modo geral, encontra as pessoas da sociedade de Avonlea pela primeira vez: a senhora Lynde, os colegas da escola, o seu professor e, na série, quando ela vai ao piquenique com os irmãos Cuthbert, e as pessoas da sociedade a xingam com comentários inapropriados sobre sua origem, sugerindo funções para ela no seio familiar de Green Gables.

Outro ponto ilustrativo da relação entre memória individual e social está na transição da protagonista para a adolescência, que é evidenciada pela menarca. No TA, percebemos o preconceito na reação de suas amigas quando, ao chegar à escola, Anne fala para suas colegas esse fato, no quinto episódio. Percebe-se a surpresa da protagonista ao constatar que as meninas compartilham o posicionamento ensinado por suas responsáveis, que consideram a presença do período menstrual como um fato secreto e vergonhoso. Isso demonstra a visão social de uma fase importante na vida de uma mulher daquela época.

³⁴ Norbert Elias é “(Breslávia, 22 de junho de 1897 — Amsterdã, 1 de agosto de 1990) foi um sociólogo alemão. Elias é um dos principais representantes da sociologia dos processos, também conhecida como sociologia das figurações ou Sociologia Figuracional”. Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Norbert_Elias Acesso em: 3 mai. 2023.

Figura 35 – Diálogo na escola 1



Fonte: Netflix (2017).

Figura 36 – Diálogo na escola 2



Fonte: Netflix (2017).

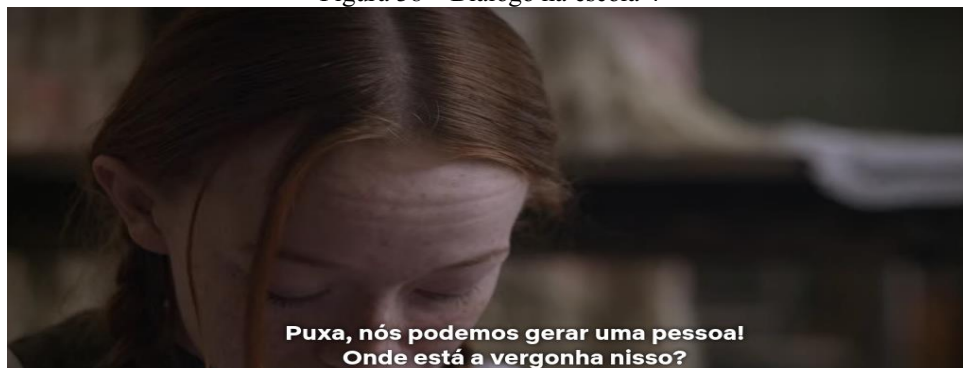
Em resposta, Anne cita Marilla e os ensinamentos que aprendeu em relação ao ciclo menstrual e sua visão positiva, conectando com o termo “plano divino”, que possibilita a geração de um bebê.

Figura 37 – Diálogo na escola 3



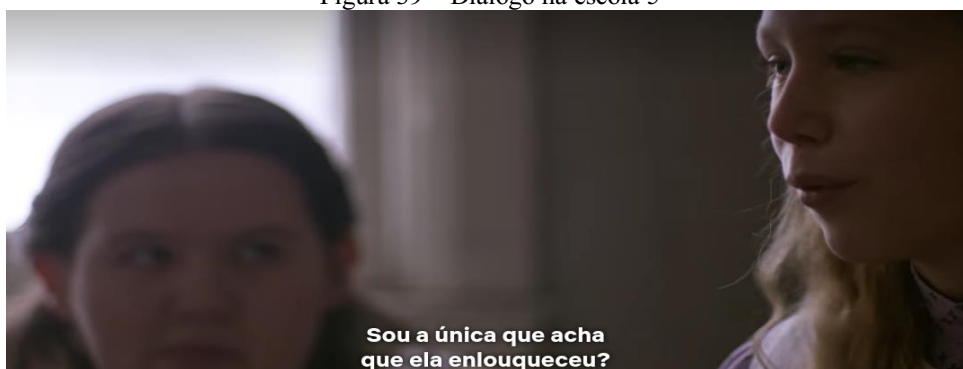
Fonte: Netflix (2017).

Figura 38 – Diálogo na escola 4



Fonte: Netflix (2017).

Figura 39 – Diálogo na escola 5



Fonte: Netflix (2017).

Figura 40 – Diálogo na escola 6



Fonte: Netflix (2017).

As amigas consideram a fala de Anne muito estranha e reforçam a visão que lhes fora ensinada em seus lares. Considerando o pensamento de Bosi (2022), podemos perceber a inserção da ideologia e a presença da memória social em cada uma delas, por meio de seus discursos e ações.

4 ANÁLISE DO TEMPO E DA MEMÓRIA EM *ANNE COME*

A série adaptada possui todos os elementos fundamentais à narrativa, tais como: espaço, tempo, narrador e personagens, fornecendo também fatos históricos em seu enredo. Esses elementos permitem ao leitor e/ou telespectador a apresentação da cultura e dos costumes da sociedade canadense na Ilha do Príncipe Edward.

Devido ao contexto histórico, podemos perceber como a protagonista Anne é vista de forma diferente pela sociedade, principalmente ao chegar na cidade de Avonlea. Parte desse estranhamento se dá devido ao fato de ela ser órfã e estrangeira, o que leva as pessoas a terem receio quanto à sua origem e a analisarem seu comportamento com cautela.

A presença de imigrantes no Canadá está marcada tanto na série quanto no livro de Anne, bem como a história da escritora Lucy Maud Montgomery, que possui raízes estrangeiras. Vale ressaltar o fato histórico da Diáspora Irlandesa causada pela Grande Fome³⁵; esse movimento fomentou a entrada no país em meados do século 19.

Podemos observar o relato de Anne sobre suas origens, e as pessoas reagem a essa narrativa com receio, observação e/ou aversão. A adaptação ao novo país e a criação de uma nova história tornam a rotina um desafio que a garota ressignifica com suas ações diariamente.

Bosi (2022) relaciona a influência da memória individual e da memória pública por meio das ideologias em voga nos discursos de uma sociedade. A presença de fatos históricos envolvendo a imigração e a Irlanda nos indica que a conexão entre memória, história, tradução e sociedade é dinâmica e variável.

A sociedade presente no TF e no TA pertence ao mesmo contexto do século XIX e início do século XX, pois dialoga com acontecimentos reais e fictícios inseridos em uma cultura marcada pelo tempo e pela memória. Segundo Bosi (2022),

A memória opera com grande liberdade escolhendo acontecimentos no espaço e no tempo, não arbitrariamente, mas porque se relacionam através de índices comuns. São configurações mais intensas quando sobre elas incide o brilho de um significado coletivo (Bosi, 2022, p.31).

Anne é uma personagem que caminha sozinha e se apropria da sua história, vencendo e modificando seu entorno. Por essa razão, podemos dividir a análise do estudo a partir da

³⁵ Grande Fome “ocorreu na Irlanda no século XIX (1845-1852) matou um milhão de pessoas e forçou a emigração de outros milhões de irlandeses. De acordo com historiadores, a contaminação de um grande volume de batatas impossibilitou seu consumo e matou de fome os irlandeses”. Fonte: <https://www.3rlab.com.br/a-grande-fome-da-batata-uma-doenca-que-entrou-para-historia/#:~:text=A%20grande%20fome%20que%20ocorreu,matou%20de%20fome%20os%20irlandeses.>

postura social vivenciada pela figura da mulher dentro dos seguintes eixos no enredo, respectivamente: 4.1 *A sociedade*; 4.2 *A educação*; e 4.3 *A cultura*. Em cada subtópico, existem perguntas que refletem a leitura do feminino nas estruturas sociais e individuais em Avonlea.

Por conseguinte, para responder às perguntas, serão apresentados trechos da obra e *print screens* (capturas de tela) das cenas veiculadas na plataforma de *streaming* Netflix, acrescidos de reflexões teóricas já expostas anteriormente.

4.1 A sociedade

A sociedade é constituída de pilares que sustentam e organizam uma comunidade em um determinado território, incluindo elementos como cultura, saúde, educação e segurança. Esses elementos dialogam entre si dentro dos padrões de comportamento humano e, conseqüentemente, marcam a história e a memória de um povo.

À vista disso, tanto na série quanto no livro, podemos encontrar, respectivamente, semelhanças e diferenças no comportamento social em Avonlea. Entre as semelhanças observadas estão a presença do preconceito com estrangeiros, a visão da mulher como procriadora e a reflexão sobre a importância da memória. Como elemento dissonante, há a inserção de relevantes temáticas da sociedade do século XXI, a reunião das mães progressistas discutindo a educação das filhas, a criação do Clube de Histórias de Avonlea e a existência de cenas com recurso de *flashback* apresentando traumas da protagonista, abrindo espaço para uma leitura psicológica e manifestações inconscientes que não estão presentes no TF. Jean Bellemin-Noël³⁶, da Universidade de Paris, aborda essas sutilezas comportamentais do psicológico das personagens relacionando a ficção,

a Literatura é o conjunto dos escritos explicitamente alinhados sob o signo da ficção (à margem do teórico e do didático), que reelaboram esse passado fremente de verdade secreta e que se acham submetidos de maneira direta à lei de seu desconhecimento. Ler a ficção com os olhos da psicanálise permite ao mesmo tempo oferecer aos textos uma outra dimensão e observar a escritura em sua gênese e no seu funcionamento. A atividade literária ganha com isso um regime de sentido suplementar, além de ser reconhecida como subversiva enquanto trabalho do Outro. As estruturas universais e a inefável singularidade do sujeito humano talvez se encontrem assim apreciadas com mais justeza, logo com mais justiça (Bellemin-Noël, 1983, p.98).

Bellemin-Noël esclarece o quanto a análise de tais processos inconscientes estão presentes nas obras humanas, principalmente naquelas desenvolvidas a partir da “imaginação”.

³⁶ Jean Bellemin-Noël foi um filósofo e escritor francês conhecido por seus trabalhos no campo da filosofia da ciência.

Essa imaginação é a alma da arte, exteriorizando os anseios e as angústias, bem como nossas lutas sociais e desejos de mudança. Um exemplo disso reside no conhecimento histórico do importante lugar da figura feminina e os múltiplos papéis assumidos na sociedade.

A série *Anne com E* instiga a reflexão e propicia uma análise minuciosa das representações da mulher, principalmente por meio da protagonista e outras personagens femininas. A personalidade e as ações de Anne são moldadas através de suas experiências de mundo e pelas impressões marcadas em seu íntimo pelo uso da memória escrita e oral. Ela ama escrever e falar sobre sua imaginação e projetos futuros com as pessoas que a cercam.

O questionamento suscitado dentro desse subtópico diz respeito à forma como a relação entre a mulher e a sociedade é evidenciada. Sendo assim, a primeira questão é: “Como a mulher é representada na sociedade?”. Percebemos que existem diversas personagens femininas na narrativa, que atuam conduzindo importantes decisões na sociedade, proporcionam mudanças estruturais interiores e exteriores. Desse modo, a pergunta será elucidada por meio da exposição de representações da mulher no TF e no TA.

A primeira representação do feminino está estabelecida sob a proposição “A mulher é detentora exclusiva dos cuidados com a família”. Essa afirmação é ocasionada pelas ações das personagens e suas falas. No TF e no TA não percebemos a presença da figura masculina como provedor dedicado aos cuidados com os filhos e o lar. A título de exemplificação, o personagem Matthew trabalha na fazenda Green Gables, o senhor Barry (pai de Diana) não participa de tais ações, nem o professor Phillips.

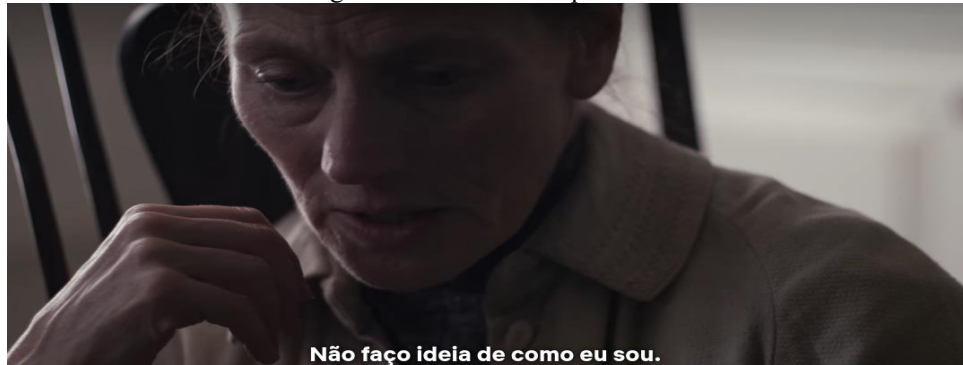
Silva e Guimarães (2019) inserem considerações sobre as diferenças de gênero e papéis na sociedade. O texto de Montgomery reflete e antecipa essa discussão vivenciadas na atualidade com relação ao papel da mulher.

O contexto em que se passa a história era marcado por uma profunda desigualdade de gênero, onde o papel das mulheres era bem definido. A presença desse debate no livro/série é importante, tendo em vista que, no campo da investigação histórica, as mulheres foram, por muito tempo, “excluídas da História”, como destacado por Michele Perrot (2006) (Silva e Guimarães, 2019, p.117).

Hooks (2022), em *O feminismo é para todos: políticas arrebatadoras*, questiona essa imposição da sociedade patriarcal sobre a mulher. Ela discute acerca da figura feminina estar atrelada à obrigação dos afazeres no lar e com os filhos, sendo o dever do homem cumprir a função de suprir as necessidades financeiras e ser líder.

Marilla dedicou sua vida ao lar e ao serviço do seu irmão Matthew. Na cena abaixo, no quarto episódio, a personagem reflete sobre o sentido da vida após visita a reunião de mães progressistas, que resulta em mudança de perspectiva.

Figura 41 – Marilla está pensativa



Não faço ideia de como eu sou.

Fonte: Netflix (2017).

O tempo diacrônico não interfere nas discussões sobre o espaço e participação da mulher na sociedade, como evidencia os títulos a seguir: *Anne of Green Gables* (1908), *Anne de Green Gables* (2019), *Anne com E* (2017) e *O feminismo é para todo mundo*³⁷ (2022). Apesar da diferença temporal ser notória, verifica-se que, em diferentes épocas, todas as obras dialogam. Contextualizamos nossa observação com *print screens* de cenas do primeiro episódio, buscando evidenciar esse sublugar da mulher na sociedade.

Figura 42 – Anne fala sobre o que consegue fazer 1



**-Por Deus, menina!
-Sei ordenhar e cortar lenha!**

Fonte: Netflix (2017).

³⁷ O título está grafado em minúsculo na obra publicada.

Figura 43 – Anne fala sobre o que consegue fazer 2



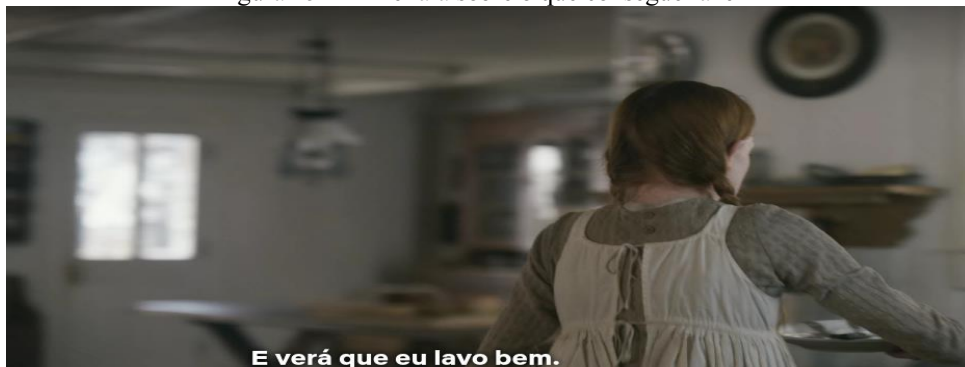
Fonte: Netflix (2017).

Figura 44 – Anne fala sobre o que consegue fazer 3



Fonte: Netflix (2017).

Figura 45 – Anne fala sobre o que consegue fazer 4



Fonte: Netflix (2017).

Observamos, nas figuras acima, o discurso da protagonista ao fornecer detalhes das suas habilidades com afazeres domésticos. No livro *Anne de Green Gables* podemos perceber outra perspectiva das cenas apresentadas anteriormente. Nos trechos a seguir, a personagem Anne busca apresentar suas qualidades e força de trabalho para ser aceita na família. O diálogo aborda uma conversa estabelecida entre Marilla e Anne oferecendo sua ajuda com as louças após uma refeição. Percebemos no discurso a tentativa da garota de ficar na fazenda de Green Gables com a família Cuthbert:

Quando a refeição terminou, Anne deixou de sonhar acordada e se ofereceu para lavar a louça.

- E você sabe lavar a louça direito? - perguntou Marilla, desconfiada.

- Sei, e muito bem. Mas sou melhor tomando conta de crianças. Já tive muita experiência fazendo isso. É uma pena enorme que vocês não tenham nenhuma criança aqui para eu tomar conta (Montgomery, 2019, p.42).

Anne lavou a louça com suficiente destreza, como pôde perceber Marilla, que acompanhou todo o processo com olhos de lince. Em seguida, não teve tanto êxito na arrumação da cama, pois ela jamais aprendera a lidar com edredom de penas. Mas, de algum modo, ela conseguiu arrumá-lo e deixá-lo liso sobre a cama, e depois Marilla, para se livrar dela, disse que ela podia ir se divertir fora de casa até a hora do almoço. (Montgomery, 2019, p.43).

Na sequência de representações acerca do tema “a mulher ser restrita aos afazeres domésticos”, ocorre o relato sobre a história de Anne a pedido de Marilla. Na figura 46, no primeiro episódio, elas estão indo ao encontro da Senhora Spencer³⁸ para esclarecer sobre o mal-entendido ocorrido no pedido de adoção e “devolução” de Anne para a adoção. Marilla solicita a Anne para contar sobre sua trajetória e o discurso de Anne expõe a representação feminina ser restrita ao lar, que notamos por meio da dificuldade em se dedicar aos estudos, enquanto trabalhava com os afazeres domésticos e cuidados com crianças nas residências que morou.

Figura 46 – Anne e Marilla conversam a caminho da residência da Senhora Spencer



Fonte: Netflix (2017).

O trecho representa o relato da personagem, demonstrando a sua experiência de vida antes da chegada em Avonlea, o momento em que prestou primeiros socorros e salvou bebês com a doença crupe³⁹:

³⁸ Senhora Spencer é a personagem responsável pelo processo de adoção de Anne para a família Cuthbert.

³⁹ Crupe é uma inflamação da traqueia e da laringe, normalmente causada por uma infecção viral contagiosa que causa tosse, um som estridente e alto (estridor) e, às vezes, dificuldade para inspirar (inspiração)”. Fonte: <https://www.msmanuals.com/pt-br/casa/problemas-de-sa%C3%BAde-infantil/dist%C3%BArbios-respirat%C3%B3rios-em-beb%C3%AAs-e-crian%C3%A7as/crupe>.

- O senhor e a senhora Thomas se mudaram de Bolingbroke para Marysville, e eu morei com eles até os oito anos de idade. Eu ajudava a cuidar dos filhos dos Thomas - havia quatro mais novos do que eu -, e posso lhe dizer que eles davam trabalho. (...) Anne terminou de falar com outro suspiro, mas de alívio desta vez. Ela evidentemente não gostava de falar sobre suas experiências em um mundo que não a queria (Montgomery, 2019, p.49).

- Não chore, Di - disse Anne com entusiasmo. - Sei exatamente o que fazer em casos de crupe. Você está esquecendo de que a senhora Hammond teve gêmeos três vezes. Quando você cuida de três pares de gêmeos, você naturalmente adquire muita experiência. Todos viviam tendo crupe. Espere só eu pegar a garrafa de ipecacuanha, talvez você não tenha uma em sua casa. Agora, vamos (Montgomery, 2019, p.157).

Para complementar a temática acerca da representatividade de Anne para vencer seus desafios, a série televisiva mostra situações sofridas pela personagem, desencadeadas por gatilhos de palavras escutados por ela durante seus diálogos com outras personagens. Essas palavras a transportam para um estado de apreensão, medo e insegurança e aparentam ser uma resposta aos traumas que ela sofreu. A diretora da série utilizou o recurso chamado *flashback*⁴⁰ para captar com exatidão os sentimentos e emoções internos vivenciados pela personagem e suas memórias negativas. Isso ocorre quando Anne recorda de momentos difíceis e traumatizantes vivenciados antes da chegada em Green Gables.

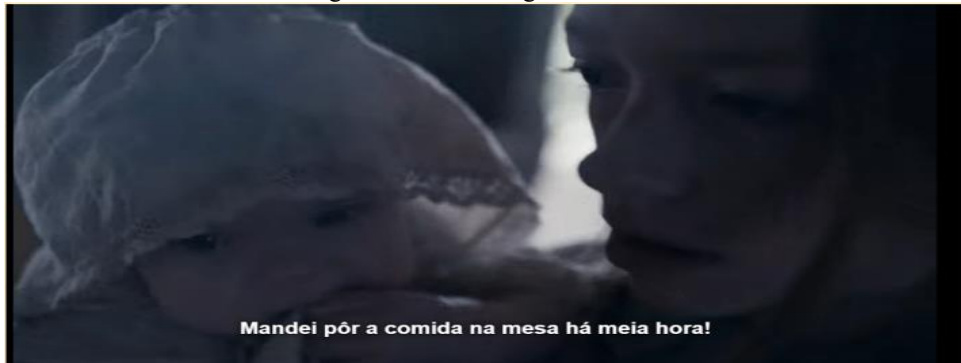
Macedo (2021) reforça acerca do uso de *flashbacks*:

Flashbacks têm como objetivo enxergar conhecimentos a que o espectador não teria acesso de outra forma, seja para complementar informações, seja para relembrar alguma situação que pode ter sido esquecida pelo espectador - no caso de *Anne with an E*, o recurso é usado, sobretudo, para contextualizar o histórico da personagem (Macedo, 2021, p.65).

Na imagem a seguir, no primeiro episódio, podemos perceber a presença do *flashback* devido à utilização de tons frios na representação. A personagem está com o olhar perdido, segurando um bebê nos braços, ao mesmo tempo que escuta ordens da dona da casa e esboça tristeza e preocupação em sua expressão facial. A cena abaixo complementa a questão do trabalho de Anne na casa da família Thomas. Macedo (2021, p.68) ainda acrescenta: “o *flashback* se coloca, assim, como um elemento de grande importância para a construção da personagem na adaptação”. Por meio dele, notamos a hesitação de Anne em obedecer às ordens vigentes na imagem abaixo, mas ela continua a ação dos cuidados com as crianças.

⁴⁰ *Flashback* é um recurso utilizado em filmes e séries para expor memórias dos personagens.

Figura 47 – Anne segura um bebê



Fonte: Netflix (2017).

No livro *Anne de Green Gables*, podemos perceber outras perspectivas do teor da cena explicitada acima. Nela, há somente a presença do relato de Anne sobre sua experiência de trabalho ao ser questionada pelas pessoas em Avonlea. Podemos observar mais detalhes das capacidades e trabalhos domésticos executados por Anne e o sentimento de surpresa e desafio para o público que a escuta.

Várias outras personagens femininas presentes na série e no livro podem ter exemplificações em relação ao trabalho doméstico vivido na época retratada. Desta forma, a diretora da série, Moira Walley-Beckett, propõe um discurso ideacional vindo da personagem Marilla. Por meio dela, podemos perceber o viés social e reacionário acerca das condições da vida feminina na sociedade. Na cena abaixo, a personagem em questão reage em relação ao sentido da sua vida. Ela está presente no quarto episódio da primeira temporada. A personagem Marilla Cuthbert, a mãe adotiva de Anne, questiona seu irmão Matthew Cuthbert sobre seu propósito de vida, que parece ser restrito a servi-lo e aos cuidados com afazeres domésticos na fazenda de Green Gables.

Figura 48 – Marilla dialoga com Matthew acerca dos afazeres domésticos restritos só a ela



Fonte: Netflix (2017).

Figura 49 – Rachel observa o movimento da rua dentro de sua residência



Fonte: Netflix (2017).

Figura 50 – Rachel espia por sua janela



Fonte: Netflix (2017).

As cenas mencionadas anteriormente fazem parte da aparição inicial de Rachel Lynde na primeira temporada da série. Nesse contexto, ocorre uma caracterização marcante da personagem, que se evidencia pelo seu forte vínculo com a observação da 'vida alheia'. Rachel é retratada como alguém profundamente interessada nas vidas e nos acontecimentos dos habitantes de Avonlea.

No trecho subsequente, é perceptível a apresentação de Rachel como uma personagem envolvida tanto em afazeres domésticos quanto em movimentos sociais dentro da comunidade. Isso destaca uma temática recorrente na narrativa, que é a divisão tradicional das responsabilidades de gênero, de forma que os trabalhos domésticos e o cuidado com o lar são frequentemente associados à figura feminina.

Rachel personifica essa norma social ao desempenhar um papel ativo nesses aspectos. Essa representação levanta questões importantes sobre o papel das mulheres na sociedade da época e como essas normas de gênero influenciaram as dinâmicas da comunidade.

Há muitas pessoas em Avonlea e fora de lá que são capazes de cuidar com atenção dos assuntos dos seus vizinhos à custa de negligenciar os próprios assuntos, mas a senhora Rachel Lynde era uma daquelas criaturas capazes, que conseguem lidar com

as suas preocupações e com as dos outros no mesmo pacote. Era uma dona de casa notável, seu trabalho estava sempre feito e bem-feito, ela “comandava” o Círculo de Costura, ajudava a administrar a catequese e era o pilar mais forte da Sociedade de Caridade e de Assistência a Missões Internacionais da Igreja (Montgomery, 2019, p.7).

Como segunda representação, temos a questão de o “nascimento de uma mulher ser um fato decepcionante para sua própria família”. Essa temática se manifesta nas conversas entre as personagens da série, que se passa em meados de 1890. A trama apresenta pontos históricos comuns em relação à figura da mulher em uma sociedade patriarcal da época.

A diretora Moira aborda essa discussão na série por meio CCMP. Esse grupo é composto por mulheres da aristocracia de Avonlea, esposas de fazendeiros e proprietárias de terras. Durante as reuniões, as participantes compartilham leituras relacionadas ao feminismo e discutem ideologias sobre a educação das mulheres, promovendo perspectivas mais amplas para o futuro de suas filhas. O desejo dessas mulheres é transformar a criação de suas filhas com base em discursos progressistas. No entanto, a criação das garotas, dentro do contexto da época, estava predominantemente voltada para a preparação para o casamento, o que limitava a liberdade feminina de buscar educação universitária e outras realizações além do matrimônio.

O texto de Hooks (2022), *O feminismo é para todo o mundo*, destaca a importância do discurso feminista para a promoção de mudanças que demonstram como a sororidade pode transformar a história da sociedade de Avonlea.

A sororidade feminista está fundamentada no comprometimento compartilhado de lutar contra a injustiça patriarcal, não importa a forma que a injustiça toma. Solidariedade política entre mulheres sempre enfraquece o sexismo e prepara o caminho para derrubar o patriarcado (Hooks, 2022, p.36).

A inserção do grupo de Mães Progressistas na adaptação foi fundamental para ampliar o pensamento dos espectadores em relação às muitas mudanças conquistadas na vida das mulheres por meio da união. Podemos considerar na história de Anne que a temática do movimento feminista foi incorporada para conscientizar e motivar o público sobre as lutas, demonstrando que uma adaptação tem a capacidade de dialogar com nosso tempo e história por meio da arte.

A personagem Senhora Andrews, no discurso subsequente, torna evidente a presença de sentimentos como o medo, a insegurança e o desânimo, resultantes da aversão ao nascimento de meninas naquele contexto histórico.

Figura 51 – Reunião das Mães Progressistas 1



Fonte: Netflix (2017).

Figura 52 – Reunião das Mães Progressistas 2



Fonte: Netflix (2017).

Nas figuras 51 e 52, podemos perceber pela fala da Senhora Andrews o compartilhamento de experiências da sua infância relacionadas a sua condição como mulher. Ela enfatiza como sua mãe carregava a carga negativa de ser mãe de uma menina, destacando um discurso marcado pela decepção social e pela desvalorização do nascimento de uma mulher.

A terceira representação feminina está presente no primeiro episódio e aborda o tópico “As mulheres têm suas capacidades de trabalho limitadas aos afazeres domésticos devido à sua condição física”. Na época retratada no TF e até mesmo nos dias de hoje, é comum a visão de que as mulheres tenham oportunidades restritas de trabalho, estudo e liderança.

Bosi (2022, p. 15) afirma “a memória oral é um instrumento precioso se desejamos constituir a crônica do cotidiano. Mas ela sempre corre o risco de cair numa ‘ideologização’ da história do cotidiano, como se esta fosse o avesso oculto da história política hegemônica”. Portanto, a necessidade de criar uma “memória oral” coletiva está ligada à ações práticas para modificar nossa história, promovendo discursos baseados no respeito e na igualdade.

As questões sociais do TF e do TA são semelhantes às enfrentadas na atualidade, inclusive com a persistente disparidade salarial entre homens e mulheres desempenhando a mesma função. Silva e Guimarães (2019), no trecho a seguir, comentam a trajetória de

dificuldades vivenciadas pelas mulheres e os confrontos contra o patriarcado. As conquistas progressivamente transformam as causas em realidades por meio do rompimento de convenções preexistentes na sociedade.

O caminhar das mulheres, ao longo da história, foi feito de enfrentamentos e desafios que, de uma maneira ou de outra, envolveu a necessidade de rompimentos. Fosse através de ações simples, cotidianas, propondo-se a realizar algo que era considerado fora dos padrões morais (Silva, 2012, n.p. *apud* Silva e Guimarães, 2019, p.119).

As mulheres trabalham e estudam no mundo contemporâneo. Entretanto, Hooks (2022) reflete, na atualidade, a necessidade do equilíbrio entre trabalho e o consumo para obtenção de qualidade de vida.

As mulheres já estão no mercado de trabalho há muito tempo. Se somos pagas ou se recebemos baixos salários, várias mulheres não pensaram que trabalho fosse tão significativo quanto a utopia feminista sugeria. Quando as mulheres trabalham para ganhar dinheiro a fim de consumir mais em vez de melhorar a qualidade da nossa vida em todos os níveis, o trabalho não leva à autossuficiência econômica. Mais dinheiro não significa mais liberdade, se as finanças não estiverem voltadas ao bem-estar (Hooks, 2022, p.88).

No livro subsequente da série, *Anne de Avonlea* (1909), Anne está com dezesseis anos e consegue obter seu primeiro emprego como professora em Avonlea; além de coordenar com Marilla a fazenda Green Gables, demonstrando que sua trajetória é exemplo de luta e realização no contexto feminino.

A cena seguinte ocorre após Matthew Cuthbert ter saído para a estação de trem com o propósito de receber o órfão solicitado para adoção⁴¹. Na figura 53, Senhora Lynde visita a residência de Marilla para obter informações sobre a saída incomum de Matthew. Marilla compartilha sua necessidade e o projeto de adoção de um menino.

Em resposta às palavras de Marilla, evidenciado na captura de tela, Rachel expressa suas discordâncias e preocupações em relação à decisão dos irmãos. Senhora Lynde compartilha notícias relacionadas a incidentes negativos envolvendo uma órfã. Como resposta, Marilla declara sua preferência por um menino.

⁴¹ Ver figuras 25 a 34.

Figura 53 – Marilla conversa com Rachel sobre a decisão de adotar um órfão



Fonte: Netflix (2017).

Podemos perceber a mesma representação mencionada anteriormente no TF. É notável a presença de mais detalhes na fala de Marilla sobre o processo de adoção, transmitindo um discurso com ênfase no fato de não desejar uma menina. É relevante destacar que, no TA, a conversa é estabelecida com Rachel e mantém o mesmo teor e argumentos acerca da decisão dos irmãos Cuthbert de adotar um menino para ajudar na fazenda:

- Bem, não vamos adotar uma menina - disse Marilla, como se envenenar poços fosse uma habilidade puramente feminina, que não deveria ser temida no caso de um menino. - Eu jamais sonharia em pegar uma menina para criar. Espanta-me que a senhora Alexander Spencer tenha feito isso. Mas, na verdade, ela não hesitaria em adotar um orfanato inteiro, caso cismasse com isso (Montgomery, 2019, p.14).

No TA, as sequências das figuras 54 a 58, no primeiro episódio, acontecem do lado de fora da fazenda, logo após Anne chegar em Green Gables e sair da carroça de Matthew. Podemos perceber o foco da câmera nas expressões faciais das personagens, o desfoque que fornece mais ênfase aos rostos das personagens principais da ação. É importante observar também as cores e contrastes utilizados na gravação do encontro.

Figura 54 – Primeiro encontro de Marilla e Anne 1



Fonte: Netflix (2017).

Figura 55 – Primeiro encontro de Marilla e Anne 2



Fonte: Netflix (2017).

Figura 56 – Primeiro encontro de Marilla e Anne 3



Fonte: Netflix (2017).

Figura 57 – Primeiro encontro de Marilla e Anne 4



Fonte: Netflix (2017).

Figura 58 – Primeiro encontro de Marilla e Anne 5



Fonte: Netflix (2017).

No TF, podemos perceber a mesma representação acima, com ênfase existente no texto, enfatizando a escrita de alguns termos, sendo elas as palavras “ela” e “deveria”, apontando para discurso marcado em um contexto de sentidos intrínsecos, que podemos recuperar como insegurança e surpresa na utilização do futuro do pretérito. Segue abaixo o trecho da obra para exemplificação:

Marilla veio rapidamente em direção a eles quando Matthew abriu a porta. Mas, quando seus olhos pousaram sobre a figurinha estranha usando aquele vestido apertado e feio, com longas tranças ruivas e olhos brilhantes e ansiosos, ela deteve-se de perplexidade.

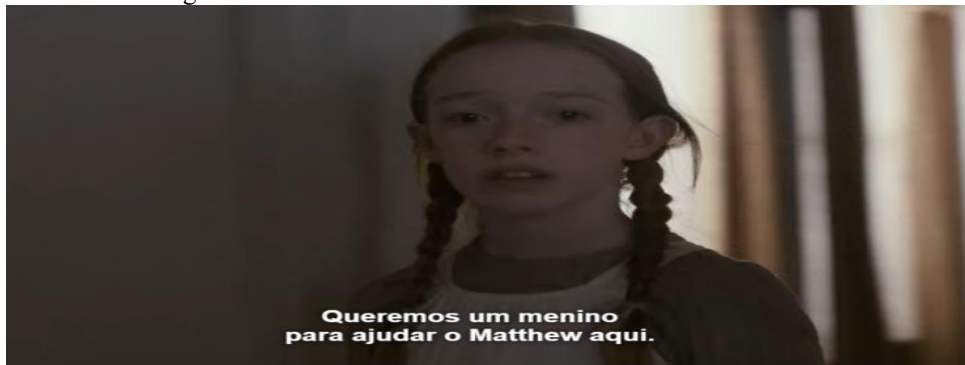
- Matthew Cuthbert, quem é essa pessoa - exclamou ela. - Cadê o menino

- Não havia nenhum menino - respondeu tristemente Matthew. - Havia apenas *ela*.

Ele apontou com a cabeça para a menina, lembrando-se de que ele sequer havia perguntado o nome dela.

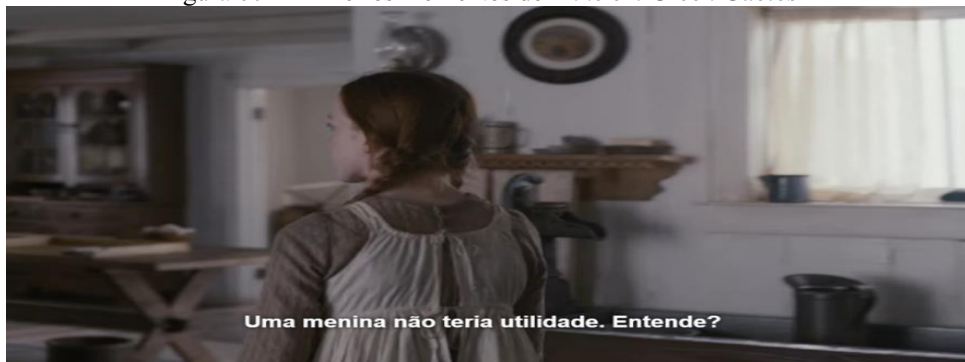
- Nenhum menino! Mas *deveria* ter havido um menino - insistiu Marilla. - Mandamos um recado para que a senhora Spencer trouxesse um menino (Montgomery, 2019, p.31).

Figura 59 – Primeiros momentos de *Anne em Green Gables 1*



Fonte: Netflix (2017).

Figura 60 – Primeiros momentos de *Anne em Green Gables 2*



Fonte: Netflix (2017).

No TF, Montgomery apresenta a cena acima da seguinte forma:

- E a senhora Spencer trouxe mais alguém além de você - prosseguiu Marilla depois que Matthew havia saído.
- Ela levou Lily Jones consigo. Lily só tem cinco anos, e é muito bonita, e tem cabelos castanhos. Se eu fosse muito bonita e tivesse cabelos castanhos, a senhorita ficaria comigo
- Não. Queremos um menino para ajudar Matthew na fazenda. Não vemos utilidade para uma garota. Tire o chapéu. Vou deixá-lo junto com a sua mala na mesa da antessala (Montgomery, 2019, p.34).

Josephine Barry mora em Charlottetown, centro da cidade, e representa na série um exemplo de modernidade, de mulher ativa, sábia, que fala com propriedade de suas experiências e tem gosto em compartilhar conhecimento com as pessoas a quem é afeiçoada por meio de suas leituras e diálogos reflexivos.

Senhora Barry é caracterizada da mesma forma no TF e no TA, mas com a presença de tramas adicionais, contextualizando temas de lutas em relação ao feminismo e à liberdade de expressão dentro do contexto social vivido naquela época. Ela alimenta a ansiedade dos jovens para o novo e suas diferentes perspectivas de mundo.

Existe distinção de sua aparição no TF e no TA. A personagem aparece pela primeira vez no TF em um incidente ocorrido durante sua visita à família de Diana em Avonlea. Anne e Diana são surpreendidas pela presença da tia Josephine dormindo na cama do quarto sobressalente. O cômodo havia sido reservado para Anne na casa de Diana para descansar após o retorno do concerto. As garotas chegam à casa e correm para o quarto. Em momento de diversão, elas pulam na cama e só depois percebem que a senhora Barry estava deitada lá. Após o incidente, Diana tentou explicar para sua amiga o mal-entendido sobre quem estava deitada na cama. Ela compartilhou sua visão sobre sua tia no seguinte trecho do livro: “Ela é muito recatada e formal e vai nos dar broncas terríveis por conta disso, eu sei” (Montgomery, 2019, p.171).

As atitudes tomadas por Anne e Diana resultam em sérias consequências na relação entre Josephine e a família Barry. No entanto, felizmente, Anne consegue reverter a situação após conversar com Josephine, explicar suas intenções e compartilhar alguns detalhes de sua vida. O resultado da conversa é positivo, e Anne acaba ficando mais tempo do que o combinado na residência, tornando-se amiga de Josephine. No seguinte trecho, Anne confia a Marilla acerca da senhora Barry:

- No fim das contas, a senhorita Barry era uma alma irmã - confidenciou Anne para Marilla. - Você não imaginaria isso pela aparência dela, mas ela é. A princípio, não dá para saber, como no caso do Matthew, mas depois de um tempo você percebe. Almas irmãs não são tão raras quanto eu imaginava. É esplêndido descobrir que há tantas delas no mundo (Montgomery, 2019, p.176).

No TF, sob a perspectiva de Diana, Josephine é retratada como: “Ela é velhíssima, setenta e tantos, e não acho que *algum dia* tenha sido criança” (Montgomery, 2019, p.171). A personagem é representada como uma figura feminina forte e destemida, apesar de sua aparência frágil, solitária e ranzinza. Há diferenças notáveis entre as narrativas do TF e da adaptação (TA). Por exemplo, na série televisiva, a Senhora Barry aparece pela primeira vez quando a irmã de Diana fica doente e Anne a salva; enquanto no livro essa primeira aparição ocorre durante o incidente dos pulos na cama.

A representação da figura feminina nessa personagem é marcada por altos e baixos, sendo direcionados ao respeito e à força para lutar pelos seus direitos. Na série, Josephine Barry é a personagem mais influente e impulsionadora de Anne para direções relacionadas ao propósito da vida. Ela faz Anne refletir sobre o comportamento social das pessoas e proporciona uma visão expansiva para além do seu tempo. Josephine discute temas que destacam as conquistas e a realidade das mulheres na sociedade, como a questão de o futuro das mulheres ir para além do casamento.

A quinta representação do feminino é a “Mulher ter voz e direito de escolha do seu futuro para além do casamento”, ou seja, a necessidade de as mulheres terem autonomia e agência em suas vidas, permitindo-lhes decidir sobre seu próprio destino para além das limitações tradicionais impostas pelo casamento. Essa afirmação destaca a importância da emancipação feminina e da igualdade de gênero, reconhecendo a necessidade de as mulheres poderem expressar suas opiniões, fazer escolhas educacionais e profissionais, bem como decidir sobre aspectos importantes de suas vidas sem serem restringidas pelo papel tradicional do casamento. Como exemplificação, utilizamos a personagem Senhora Barry, também chamada de “Tia Josephine”, que dialoga com Anne sobre suas escolhas na vida e oferece conselhos para ajudar Anne a lidar com suas inquietações e incertezas sobre o futuro. Esse discurso promove uma visão para além das estruturas patriarcais, alimentando o sonho de Anne em cursar o Ensino Superior.

Há várias cenas na primeira temporada em que podemos encontrar traços do discurso da Senhora Barry que atua como multiplicadora de sonhos, inspirando ações revolucionárias e pensamentos modernos para sua época. A sexta representação está relacionada à “visão otimista da força da mulher e sua liberdade de escolha em relação ao seu propósito de vida”. No entanto, essa representação não ocorre envolvendo Anne e a Senhora Barry no TF.

Na cena abaixo, retratada na figura 61 durante o sexto episódio, a temática do diálogo são as perspectivas de futuro em relação à mulher e o processo de autoconhecimento de Anne

ao falar acerca de seus objetivos, sonhos e projetos, sendo um deles não focar sua vida exclusivamente em casamento, reconhecendo seu próprio potencial. Ambas amam ler e explorar a literatura, trocam livros e sabedorias, o que promove um discurso da leitura como um mecanismo de libertação.

Figura 61 – Anne conversa com Josephine Barry



Fonte: Netflix (2017).

No sexto episódio, Anne visita a senhora Barry na casa de Diana, ouve-a compartilhar experiências de sua vida relacionadas ao amor e à vida, e ao final ela a aconselha a “viver sem arrependimentos” identificados nas figuras 62 e 63. Anne dá um beijo em seu rosto ao final dessa frase e sai correndo até a casa de Gilbert Blyther⁴². Ao chegar, ela percebe a casa está vazia, o que a deixa frustrada.

Figura 62 – Anne dialoga com a senhora Barry 1



Fonte: Netflix (2017).

⁴² Gilbert Blyther é personagem que estuda com Anne na escola de Avonlea, podemos perceber pela troca de olhares e diálogos no livro e na série que há sentimento entre eles, mas não confessado.

Figura 63 – Anne dialoga com a senhora Barry 2



Fonte: Netflix (2017).

4.2 A educação

A educação é um dos pilares fundamentais da sociedade, pois possibilita a expansão do conhecimento dos indivíduos e estabelece conexões significativas no contexto temporal e espacial de uma comunidade. O propósito desse subtópico é analisar como a representação da Educação é retextualizada na série *Anne com E* e no livro *Anne de Green Gables*, utilizando cenas e trechos das obras como exemplos. Para melhor compreensão, é importante esclarecer a definição de Educação que será adotada neste estudo: entendemos a Educação como a transmissão de valores e instruções, sob a perspectiva do conhecimento. Dessa forma, surge o questionamento central: “Qual é a perspectiva em relação à educação feminina?”

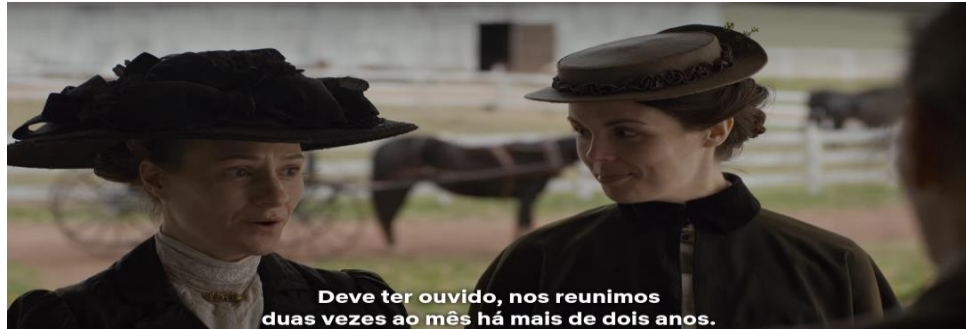
Marilla Cuthbert e Matthew Cuthbert adotaram Anne como filha, e a maioria dos habitantes de Avonlea ficou sabendo dessa boa ação. Inicialmente, essa decisão não era bem-recebida pela sociedade local. No entanto, à medida que a história avançava, as pessoas começaram a perceber mudanças positivas na vida do casal de irmãos, sugerindo uma transformação nas atitudes e opiniões da comunidade em relação à adoção de Anne.

Um dia, pela manhã, Marilla recebe a visita de duas mulheres, apresentadas como Senhora Bell e Senhora Andrews. O fato é que Anne, por ter sido recentemente adotada e, principalmente, por ser uma menina, é convidada a participar do CCMP, conforme explicado no tópico anterior sobre a visão da mulher na sociedade. Podemos interpretar que a reação da Cuthbert ao convite foi uma surpresa por vários motivos: o sentimento de inclusão no grupo de mães da comunidade, a existência dessas reuniões e a temática bastante moderna em relação à sua realidade.

As principais frases ditas pelas personagens nessa cena são: “Avisamos que temos opiniões avançadas” e “Acreditamos que a educação da mulher é tão importante quanto a do homem”. Chama atenção o fato de os encontros estarem ocorrendo “há mais de dois anos” e

apresentarem mudanças na sociedade de Avonlea em relação às oportunidades para as mulheres construírem uma carreira ao cursarem o Ensino Superior e obter sua independência financeira. Nas figuras 64 a 68, do terceiro episódio, é exibida a cena do convite feito para Marilla.

Figura 64 – Marilla é convidada para participar das reuniões do grupo de mães progressistas 1



Fonte: Netflix (2017).

Figura 65 – Marilla é convidada para participar das reuniões do grupo de mães progressistas 2



Fonte: Netflix (2017).

Figura 66 – Marilla é convidada para participar das reuniões do grupo de mães progressistas 3



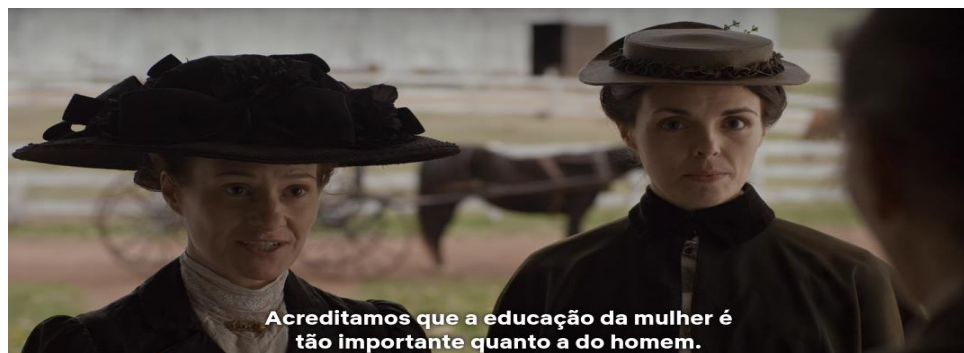
Fonte: Netflix (2017).

Figura 67 – Marilla é convidada para participar das reuniões do grupo de mães progressistas 4



Fonte: Netflix (2017).

Figura 68 – Marilla é convidada para participar das reuniões do grupo de mães progressistas 5



Fonte: Netflix (2017).

Após o convite, ocorre a primeira visita de Marilla ao CCMP. Nas cenas seguintes, participa do encontro, mas durante grande parte da reunião permanece calada, observando com olhar de reflexão e espanto a temática e as opiniões compartilhadas. A reunião trata de temas como o sufrágio feminino, o currículo escolar, os estudos superiores para as mulheres, as leituras feministas, as questões sociais e as novas ideologias advindas do Ateneu⁴³ em relação a ideias progressistas, por meio de correspondências, jornais e livros.

A escritora Lucy Maud Montgomery não apresenta as reuniões das mães progressistas; no entanto, é possível inferir a presença de discussões feministas ao longo do TF em ações e discurso das personagens.

Marilla busca orientar Anne acerca da importância dos estudos e do Ensino Superior para conquistar estabilidade financeira como mulher dona de sua história. Faz-se necessário informar que não há discurso direto relacionado ao nascimento da mulher como um fato marcante de resposta social negativa. Trata-se de recurso da diretora do TA para atualizar, atrair e levantar o público para essas questões por meio da adaptação.

⁴³ Ateneu é uma instituição de ensino. Fonte: <https://www.sinonimos.com.br/ateneu/>.

Puehler (2022) sustenta que Moira Beckett exerce uma influência positiva sobre o empoderamento feminino ao disseminar perspectivas, promover avanços, enfrentar desafios e valorizar os princípios emergentes na atualidade.

O lançamento da série *Anne with an E* ocorreu muito tempo depois do texto-fonte, possibilitando a liberdade e inovação evocadas por Stam (2006), colocando as falas da protagonista em consonância com o que as mulheres e meninas do século XXI pensam sobre as questões como a força da mulher, a importância da independência financeira, o casamento, entre outras abordagens (Puehler, 2006, p. 51).

Nas figuras 69 a 80, no terceiro episódio, é exibida a reunião do CCMP, realizada na residência de outras mulheres integrantes do círculo. As participantes conversam, bebem chá e bordam, caracterizando ações comuns para época. Sabemos do hábito de bordar estar associado ao costume antigo das mulheres noivas e gestantes na produção de enxoval, ligando uma visão tradicional a um grupo que busca o progresso.

O foco da reunião são notícias de periódicos progressistas enviados pela irmã de uma das participantes do movimento. A discussão é composta pela temática do movimento sufragista, a divulgação inicial de ideais feministas e a oportunidade de as filhas alcançarem a educação superior. Bell Hooks (2022, p.13) define o feminismo como “um movimento para acabar com o sexismo, exploração sexista e opressão”. Dessa forma, é possível verificar a inserção dessa discussão na série por meio da apresentação ao público das vitórias conquistadas por meio da conscientização e da sororidade.

Marilla é parabenizada pelas mães do CCMP por ter escolhido uma menina para adoção. Durante toda a reunião, a personagem expressou apenas uma frase verbalmente, mas seus gestos faciais e corporais demonstraram surpresa, cautela e insegurança.

Figura 69 – Reunião do CCMP 1



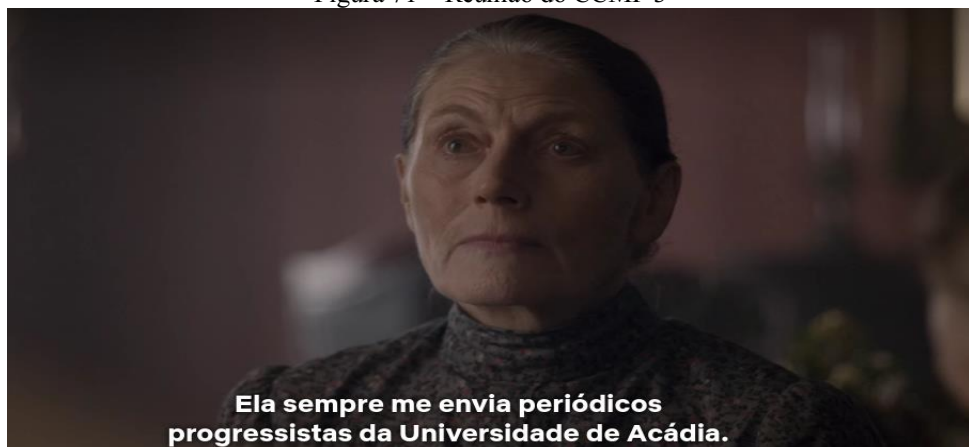
Fonte: Netflix (2017).

Figura 70 – Reunião do CCMP 2



Fonte: Netflix (2017).

Figura 71 – Reunião do CCMP 3



Fonte: Netflix (2017).

Figura 72 – Reunião do CCMP 4



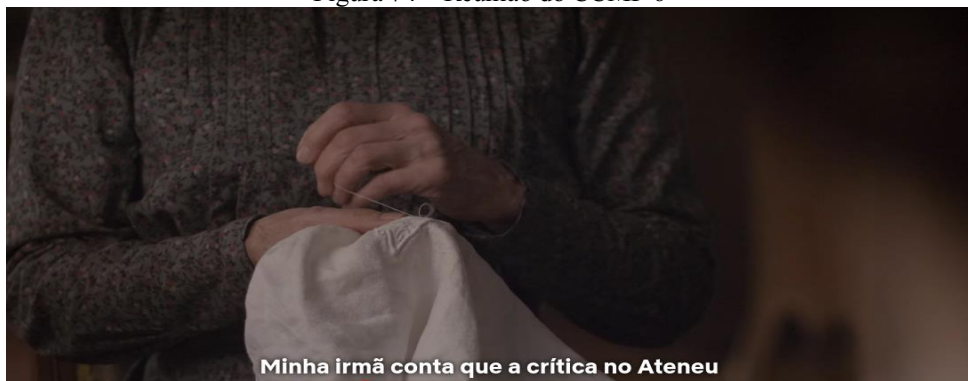
Fonte: Netflix (2017).

Figura 73 – Reunião do CCMP 5



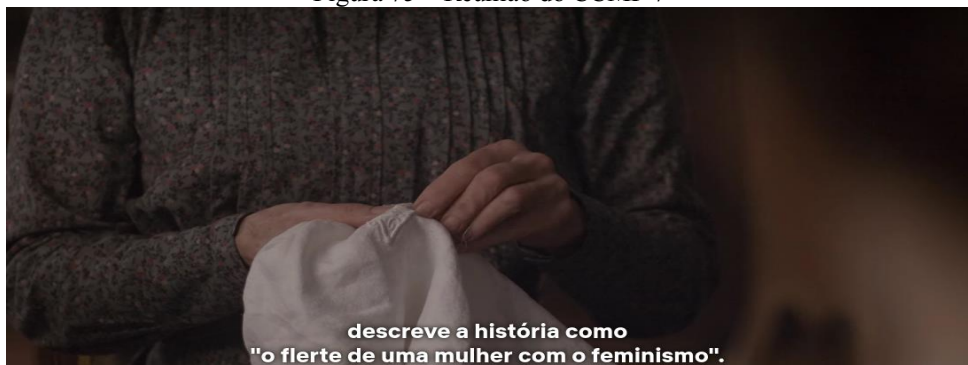
Fonte: Netflix (2017).

Figura 74 – Reunião do CCMP 6



Fonte: Netflix (2017).

Figura 75 – Reunião do CCMP 7



Fonte: Netflix (2017).

Figura 76 – Reunião do CCMP 8



Feminismo. Que palavra incrível!

Fonte: Netflix (2017).

Figura 77 – Reunião do CCMP 9



Muito interessante.

Fonte: Netflix (2017).

Figura 78 – Reunião do CCMP 10



Adorei a história. Mudou minha opinião sobre educação superior para mulheres.

Fonte: Netflix (2017).

Figura 79 – Reunião do CCMP 11



Fonte: Netflix (2017).

Figura 80 – Reunião do CCMP 12



Fonte: Netflix (2017).

Dentro da sequência das figuras 81 a 83, presentes no terceiro episódio, podemos perceber uma discussão a respeito da gestação de crianças do sexo feminino e sua ressignificação em relação aos padrões de época apresentados no TA.

Na reunião, está presente uma mulher grávida (não há a apresentação de seu nome na série) e, devido às limitações da época, não era possível saber o sexo do bebê antes do parto. As mães reunidas expressam o desejo do sexo da criança ser feminino e desejam as mudanças futuras almejadas em busca de solidificar com boas perspectivas, reflexões e ações.

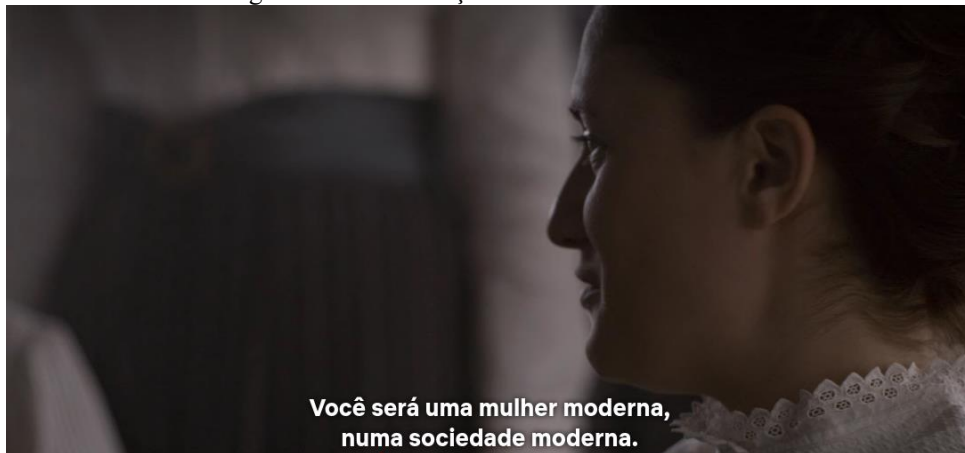
É interessante ressaltar que as ações do CCMP agem contra a crença das gerações passadas em relação ao nascimento de uma menina ser algo negativo. A fala presente na figura 82 é proferida pela personagem grávida, que reafirma as transformações sociais ocorrendo na sociedade representada: “Você será uma mulher moderna, numa sociedade moderna. Os tempos mudaram mesmo. É verdade.”

Figura 81 – Continuação da Reunião do CCMP 1



Fonte: Netflix (2017).

Figura 82 – Continuação da Reunião do CCMP 2



Fonte: Netflix (2017).

Figura 83 – Continuação da Reunião do CCMP 3



Fonte: Netflix (2017).

Desta forma, podemos fazer a seguinte reflexão com aspectos da sociedade expostos no TA e no TF: a representação do feminino na série promove diálogo com elementos da nossa

atualidade, antecipando muitas discussões e pensamentos modernos em relação à época retratada. No TF, temos somente a presença de falas recortadas, fazendo referência a partidos políticos, como quando Anne pergunta a Matthew e Marilla sobre suas preferências políticas entre ser progressista ou conservador.

Hooks (2022) expõe, no *Capítulo 2 - Conscientização: uma constante mudança de opinião* em seu livro *o feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras*, a apresentação histórica das lutas e entraves na formação do pensamento feminista. Destacamos a seguinte citação: “Através da conscientização, mulheres adquiriram força para desafiar o poder patriarcal no trabalho e em casa” (Hooks, 2022, p.26). A adaptação da série *Anne com E* criou espaço e voz para atualizar o público sobre as conquistas já obtidas pelo feminino e promoção de abordagem dos ideais de resistência em relação à figura da mulher.

O trecho abaixo resume o poder da união para obter a transformação na sociedade:

Se não trabalharmos para criar um movimento de massa que oferece educação feminista para todo mundo, mulheres e homens, teoria e prática feministas serão para sempre enfraquecidas pela informação negativa produzida na maioria das mídias convencionais. Os cidadãos desta nação não conseguirão conhecer as contribuições positivas do movimento feminista para a vida de todos nós se não enfatizarmos esses ganhos. Contribuições feministas construtivas para o bem-estar de nossas comunidades e da sociedade são frequentemente apropriadas pela cultura dominante, que então projeta representações negativas do feminismo. A maioria das pessoas não tem conhecimento da miríade de maneiras que o feminismo mudou positivamente nossa vida. Compartilhar pensamentos e práticas feministas sustenta o movimento feminista. O conhecimento sobre o feminismo é para todo mundo (Hooks, 2022, p.47).

Com base nas análises previamente apresentadas, é crucial fornecer exemplos das conquistas do movimento feminista no contexto brasileiro. Nesse sentido, a figura 84 representa a integração das discussões com as lutas sociais por meio de uma linha do tempo presente em um *website*, onde é divulgado um post relacionado ao Dia Internacional da Mulher.

As lutas femininas, apresentadas tanto no TF quanto no TA, estão interligadas pelos aspectos da realidade social. As principais conquistas das mulheres na sociedade brasileira estão destacadas na linha do tempo a seguir: em 1827, foi estabelecido o direito das mulheres de frequentar escolas; em 1879, obtiveram acesso ao Ensino Superior; em 1932, foi concedido o direito ao voto; em 1985, foi criada a delegacia para atendimento de mulheres; em 1987, surgiu o Conselho Estadual dos Direitos da Mulher; em 1988, foi assegurada a “igualdade a direitos entre os homens e mulheres perante a lei”; e em 2006, foi promulgada a Lei Maria da Penha.

Figura 84 – Linha do tempo mostrando a trajetória de lutas das mulheres brasileiras



Fonte: <https://www.bloglebes.com.br/mulher-brasileira-em-primeiro-lugar/>

Pela sequência acima, podemos perceber como o registro da luta das mulheres no Brasil é recente embora tenha trazido significativas mudanças. Essa história está marcada na memória coletiva e fixa transformações que perduram até os dias atuais, impulsionadas pela solidariedade entre mulheres, ou seja, elas moldando positivamente a história e o destino de muitas brasileiras.

A inserção dessas observações é importante para ilustrar a realidade vivenciada pelo feminino em busca de melhorias para as gerações futuras em um palco de mudanças e caminho para muitas outras conquistas.

É possível definir tópicos temáticos extraídos do TA e do TF para complementar a influência e a representatividade de lutas e conquistas:

- A força da mulher, suas habilidades e liberdade;
- A união das mulheres promovendo mudanças em relação ao feminino;
- A mulher ter diferentes possibilidades de atuação profissional;
- O casamento ser uma opção, não obrigação;
- A conquista da mulher no Ensino Superior.

Podemos observar que os elementos da linha do tempo da figura 84 possuem semelhanças com as ações das personagens femininas do TA e do TF, evidenciando um histórico de lutas do feminino por espaço na sociedade, tais como: a existência do CCMP, a presença da Senhora Josephine Barry, representando uma mulher independente e instruída; e Marilla, nas atividades agrícolas e administrativas da fazenda de Green Gables. Dessa forma, o

TA e o TF estão à vanguarda em relação ao tempo histórico quanto a luta pelo espaço feminino na sociedade.

A importância dos estudos, da leitura e da escola são relevantes nas falas da série e trechos da obra escrita. Por meio delas, observamos a prevalência de mensagens positivas acerca da capacidade da mulher em desenvolver uma carreira por meio da educação. A leitura também é um ponto marcante na série e no livro. Anne é leitora assídua e compartilha desse amor pelos livros com sua amiga Diana, com Josephine Barry e com outros personagens. Exemplificando com o seguinte trecho: “(...) Diana vai me emprestar um livro para eu ler. Ela diz que é um livro perfeitamente esplêndido e tremendamente emocionante” (Montgomery, 2019, p.100)

No quarto episódio do TA, Anne promove a criação do clube de escrita e leitura na floresta, chamado Clube de Histórias de Avonlea (figuras 85 e 86). Inicialmente, o clube é formado apenas por meninas, cujo objetivo principal é estimular a imaginação por meio da escrita de contos. Anne sugere que cada uma das participantes crie um pseudônimo como forma de assinatura criativa.

Figura 85 – Reunião do Clube de Contos 1



**Uma vez por semana,
leremos nossas histórias**

Fonte: Netflix (2017).

Figura 86 – Reunião do Clube de Contos 2



Fonte: Netflix (2017).

A presença do clube também ocorre no TF, sendo intitulado de “Clube de Contos”. Anne descreve os objetivos do grupo e seus pseudônimos escolhidos por seus membros para Marilla. O clube é composto por ela, Ruby Gillis, Diana Barry e Jane Andrews.

- É extremamente interessante - disse Anne para Marilla. - Cada menina tem que ler sua história em voz alta, e depois fazemos uma discussão. Vamos guardá-las como se fossem sagradas, e depois as leremos para nossos descendentes. Todas escrevemos usando pseudônimos. O meu é Rosamond Montmorency. Todas as garotas se saem muito bem. A Ruby Gillis é sentimental demais. Ela inclui muitos galanteios nas histórias dela, e você sabe que galanteios em demasia são piores do que a falta deles. Jane nunca inclui nenhum, pois diz que se sente ridícula quando tem que ler as histórias em voz alta. As histórias da Jane são extremamente prudentes. E a Diana inclui assassinatos demais nas dela. Ela diz que na maioria das vezes não sabe o que fazer com os personagens, então os mata para se livrar deles. Eu quase sempre tenho que dizer a elas sobre qual assunto devem escrever, mas isso não é difícil, pois tenho milhões de ideias (Montgomery, 2019, p.230).

Em resposta, Marilla não concorda com o grupo, pois considera ser uma “bobagem” e fala: “- Vocês vão encher suas cabeças de disparates e perder tempo que deveria ser gasto estudando as lições da escola. Ler histórias já é ruim o bastante, mas escrevê-las é pior ainda.” (Montgomery, 2019, p.230).

Ramalhete e Sten (2018) refletem sobre a ideologia presente em Marilla sobre a sua conduta em não apoiar o Clube de escrita criado por Anne e suas amigas.

A voz repressora e sarcástica de Marilla coaduna com uma versão amplamente difundida de que a leitura literária é uma tolice, é algo perigoso e que leitores são pessoas absortas em seu próprio mundo, que são viajantes. No entanto, mais uma vez ressaltamos a notabilidade da obra ao fazer inúmeras menções à importância da leitura literária. O *Clube de histórias* fundado por Anne, fora dos cerceamentos do contexto escolar, é ousado, uma vez que proíbe a entrada de meninos e subverte a normatividade da supremacia adulta na criação literária. Trata-se de um clube que demonstra a criatividade, a inventividade e o poder questionador de meninas

fomentado pela leitura. Questionador de preceitos, normas e de verdades tão engenhosamente pré-estabelecidas (Ramalhete e Sten, 2018, p.441).

Sabemos pela narrativa a razão para o argumento de Marilla acerca da leitura presente no trecho acima. A falta de escolha na infância por oportunidade de estudo e um futuro diferente não estavam no seu campo de escolhas, sendo resultado da construção cultural da sociedade que vivenciou no passado.

O direito de estudar e cursar o Ensino Superior é representação da educação feminina no TF e no TA. Em cena anterior, uma personagem comenta durante a reunião das Mães Progressistas que sua mãe tinha resistência em relação às mulheres cursarem o Ensino Superior, mencionando: “Bem, minha mãe também era professora do ginásio, mas deixou de lecionar quando se casou com meu pai, é claro” (Montgomery, 2019, p.48).

Uma das regras familiares estabelecidas por Marilla é a necessidade dos estudos, enfatizada quando questiona Anne sobre sua educação anterior: “Você chegou a frequentar alguma escola? - indagou Marilla (...) (Montgomery, 2019, p.50), além de impor: “Você terá de frequentar a escola” (Montgomery, 2019, p.65).

É importante observar o discurso crítico em relação à leitura para mulheres na fala da Senhora Barry, mãe de Diana, ao não avaliar os livros como algo benéfico ou capacitador para suas filhas, considerando-os inúteis e irrelevantes para a formação intelectual das jovens. A assertiva é exemplificada quando Anne é apresentada à família Barry e a matriarca expressa alegria por ver uma oportunidade de sua filha se afastar dos livros.

(...) Vai ser melhor para você do que ficar forçando a vista com esse livro. Ela lê exageradamente. - falou para Marilla enquanto as garotinhas saíam -, e não posso impedi-la, pois o pai instiga e apoia isso. Ela sempre está debruçada sobre um livro. Fico feliz que tenha uma amiga em potencial com quem brincar... talvez assim ela saia mais de casa (Montgomery, 2019, p.98).

Verificamos no TF a intenção da mãe de Diana de afastá-la dos livros por meio de sua amizade com Anne, demonstrando seu posicionamento a favor de uma educação feminina voltada para lidar com os afazeres domésticos.

Figura 87 – Primeiro encontro de Anne e Diana 1



Fonte: Netflix (2017).

Figura 88 – Primeiro encontro de Anne e Diana 2



Fonte: Netflix (2017).

Nas figuras 87 e 88, pertencentes ao segundo episódio, observamos o reflexo de Moira na criação de trechos do TA inexistentes no TF quando as personagens se conhecem e passeiam pelo jardim da casa, trocando suas primeiras palavras.

Diana e Anne contrastam em maturidade de diálogo, em imaginação, em ações, em experiências e em vestimentas, mas isso não impede que elas estabeleçam um forte elo de amizade.

4.3 A cultura

No presente tópico, abordaremos as representações intersemióticas dos comportamentos sociais presentes no TA e no TF. As experiências enfrentadas pela personagem Anne Shirley em Avonlea são predominantemente desafiadoras, sendo ocasionadas por comentários de grupos da sociedade, interferências de vizinhos e críticas relacionadas a sua aparência e seu corpo, o que sugere a voz da aristocracia seja preponderante.

A conduta dos moradores de Avonlea é reflexo da teoria apresentada por Neves (2021): o condicionamento cultural influencia o comportamento individual, resultando em ações que envolvem a manifestação de preconceito e insultos.

Para Laraia (2001), a cultura é responsável por determinar e justificar o comportamento humano e suas realizações. O indivíduo age de acordo com aquilo que conhece, com os seus padrões culturais, que serão aprendidos por meio do processo de endoculturação⁴⁴ ou socialização, ou seja, o aprendizado adquirido desde o seu nascimento. Cada indivíduo participa de sua cultura de maneira diferente, e sempre limitada, uma vez que é impossível que um sujeito possa utilizar ou aprender todos os elementos de sua cultura. Embora esse conhecimento seja limitado, deve existir um conhecimento mínimo compartilhado por todos os componentes de uma sociedade de forma que a sua convivência seja permitida entre os mesmos (Neves, 2021, p.18).

As ações presentes nas figuras 87 a 91 pertencem ao primeiro episódio, ocorrendo após o primeiro encontro de Anne com a Senhora Lynde. As cenas retratam a reação da personagem após seu desabafo verbal em resposta às críticas julgadoras que feriram os sentimentos e autoestima. Como consequência, ela corre sem destino. Podemos notar no TA que a representação utiliza elementos naturais e corporais para expressar os sentimentos da garota.

Macedo (2021) define o *close* como sendo “enquadramento em primeiro plano” (2021, p.69) e adiciona que: “A capacidade expressiva da atriz é realçada pelos enquadramentos fechados em seu rosto, muito presente em seus primeiros contatos com as personagens que farão parte de sua vida em Green Gables” (Macedo, 2021, p.70).

Os signos utilizados esboçam os sentimentos e angústia da protagonista após a sequência no cume de uma montanha. Nas figuras 89 a 93, existe a presença do recurso *close* em seu rosto esboçando dor, fragilidade, medo, insegurança e lágrimas de tristeza. Anne está vestida de forma completamente exposta e vulnerável ao tempo, em um dia nublado, sem cores vivas, com a ausência das flores silvestres amadas pela personagem.

⁴⁴ *Endoculturação* é um “processo que explica a transmissão e a aprendizagem de comportamentos dentro de uma mesma cultura (geralmente quando se é criança), feito pela educação, pela imitação e pelo condicionamento do meio social”. Fonte: [https://www.infopedia.pt/apoio/artigos/\\$endoculturacao](https://www.infopedia.pt/apoio/artigos/$endoculturacao).

Figura 89 – Anne corre no topo de uma montanha após o primeiro encontro com a Senhora Lynde



Fonte: Netflix (2017).

Figura 90 – Anne para no topo de uma montanha após o primeiro encontro com a Senhora Lynde



Fonte: Netflix (2017).

Figura 91 – Anne está com olhar triste e vago sob a montanha após o primeiro encontro com a Senhora Lynde



Fonte: Netflix (2017).

Figura 92 – Anne fecha os olhos no cume da montanha após o primeiro encontro com a Senhora Lynde



Fonte: Netflix (2017).

Figura 93 – Anne chora no topo da montanha após o primeiro encontro com a Senhora Lynde



Fonte: Netflix (2017).

Anne inicia sua jornada escolar ao chegar em Green Gables, demonstrando um entusiasmo notável para aprender e reencontrar sua amiga Diana. Seus colegas de classe exibem uma variedade de comportamentos: enquanto alguns a respeitam e estabelecem laços de amizade, outros fazem comentários sobre suas roupas e sua aparência. O professor da turma, por sua vez, busca destacar Anne do restante dos alunos e a desafia regularmente, encontrando sempre uma resposta bem-sucedida por parte dela.

Na escola, Anne sofre grande discriminação, pois, mesmo sendo muito inteligente, precisa aprender bastante conteúdo devido à sua falta de escolaridade anterior. Além disso, sofre por conta do seu senso de justiça com relação a algumas situações escolares típicas da época, como os castigos que as crianças eram obrigadas a sofrer por não saberem alguma resposta ou por considerarem as aulas, de certa forma, monótonas (Macedo, 2021, p.20).

No terceiro episódio, a Senhora Bell, uma das mães progressistas, comunica a Marilla de forma inesperada a expulsão do CCMP e sugere que Anne não frequente mais a escola

devido à garota ter compartilhado com suas colegas as experiências que vivenciou antes de ir para o orfanato, quando trabalhava e vivia na casa de outras pessoas. Na figura 94, a cena ilustra a resposta de Marilla ao visitar a residência da Senhora Andrews, na qual ela aborda os ideais progressistas e a falta de compaixão em relação ao passado de Anne, sem quaisquer referências familiares até chegar em Green Gables. Podemos caracterizar o comportamento aristocrático de Avonlea em muitos momentos pela demonstração de um ideal de perfeição, ainda que fictício, cerceado de hipocrisia.

Figura 94 – Marilla visita a casa de uma das mães progressistas

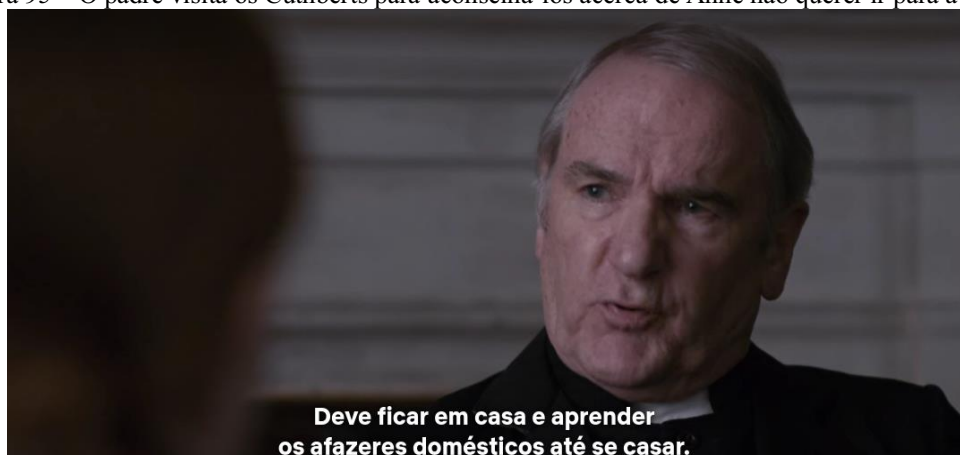


Fonte: Netflix (2017).

Ao final do terceiro episódio, Anne se enfurece com as brincadeiras do colega Gilbert Blythe, agredindo-o durante a discussão. Gilbert reconhece a culpa, ainda assim, o professor castiga somente Anne, evidenciando desigualdade no tratamento. Puehler (2022, p.52) afirma: “O tratamento desigual recebido pela mulher no início do século XX foi enfatizado na série através de situações que Anne foi tratada de forma desigual por ser mulher”. Após sofrer rejeição na escola e na sociedade de Avonlea, Anne decide parar de frequentar a escola.

Durante o quarto episódio da série, Marilla pede conselhos ao padre de Avonlea que sugere uma educação voltada apenas para as atividades domésticas, visando apenas o casamento. Marilla desaprova esse conselho e busca outras maneiras de ajudá-la a resolver essa questão, uma vez que deseja um futuro melhor para Anne e, para tal, acredita que a educação é a única forma de permiti-la crescer e se posicionar profissionalmente na sociedade.

Figura 95 – O padre visita os Cuthberts para aconselhá-los acerca de Anne não querer ir para a escola



Fonte: Netflix (2017).

No TF, os eventos mencionados ocorrem de forma diferente uma vez que não houve a intervenção de Marilla com a Senhora Andrews do CCMP e a presença do padre como conselheiro. Assim, a insatisfação de Anne em relação à escola acontece primordialmente devido ao abuso de autoridade do professor Phillips. O trecho a seguir apresenta o resultado da conversa de Marilla com a Senhora Rachel, pedindo ajuda para lidar com essa situação: “Marilla seguiu o conselho da senhora Rachel e nada mais foi dito a Anne sobre voltar à escola. Ela aprendia as lições em casa, fazia suas tarefas domésticas e brincava com Diana nos frios e roxos crepúsculos outonais (...)”. (Montgomery, 2019, p.132-133).

Na figura 96, retomando-se ao primeiro episódio, ocorre um diálogo entre Anne e Marilla enquanto as duas se dirigem à casa da Senhora Spencer para devolvê-la ao orfanato. A garota revela ter se tornado órfã aos três meses de idade e precisado trabalhar durante a infância; mesmo assim, alega ter preferido morar com as diferentes famílias do que no orfanato.

Figura 96 – Anne conta sobre sua história para Marilla (Episódio 1)



Fonte: Netflix (2017).

Podemos compreender que as situações vividas por Anne fazem parte das normas regidas na comunidade de Avonlea. A personagem aprende a reconhecer esses padrões para poder ajustar sua conduta e suas perspectivas de acordo com eles sem perder suas convicções. Utilizando as considerações do sociólogo alemão Norbert Elias (1998), quando um indivíduo e a sociedade estão em conexão com poder, comportamento, emoções e conhecimento em tempo evolutivo e cronológico, é possível compreender as transformações complexas das normas sociais, das estruturas de poder e das interações humanas ao longo da história.

Marilla exige que Anne se retrate por suas ações e, em seguida, a personagem se ajusta à norma da sociedade, indo até a casa da Senhora Lynde para pedir desculpas, mesmo tendo sofrido preconceito devido a aparência ruiva e magra, conforme retratado nas figuras 97 a 99 relativas ao primeiro episódio.

Figura 97 – Anne pede desculpas à senhora Lynde 1



Fonte: Netflix (2017).

Figura 98 – Anne pede desculpas à senhora Lynde 2



Fonte: Netflix (2017).

Figura 99 – Anne pede desculpas à senhora Lynde 3



Fonte: Netflix (2017).

A Sr.^a Lynde faz comentários julgadores novamente ao mencionar os cabelos de Anne em seu segundo encontro, o que causa bastante desconforto, mesmo com o discurso de retratação da garota após seu comportamento defensivo no primeiro encontro (figura 99). O fato de Anne ter cabelos ruivos denuncia suas raízes estrangeiras, não sendo bem-visto na sociedade de Avonlea. Isso é evidente em vários discursos da personagem, tanto no TA como no TF, pois ela sonha em ter cabelos pretos, como a maior parte da população.

O trecho a seguir ocorre antes do primeiro encontro de Diana com Anne, onde ela pergunta sobre a aparência dela e comenta novamente acerca da cor avermelhada de seus cabelos, expressando sua baixa autoestima.

Anne olhou para Marilla por entre os botões de macieira, e seus olhos brilhavam de interesse.

- Como é a Diana? O cabelo dela não é vermelho, não é? Oh, espero que não. Já é ruim o bastante que eu tenha o cabelo vermelho; mas eu definitivamente não conseguiria suportar isso em uma amiga do peito.

- Diana é uma menininha muito bonita. Ela tem cabelos e olhos pretos e bochechas rosadas. E é esperta e bem-comportada, o que é melhor do que ser bonita.

Marilla tinha tanto apreço pela moral quanto a Duquesa no País das Maravilhas e estava totalmente convencida de que a moral deveria ser acrescentada a todo e qualquer comentário feito a uma criança que estava sendo educada.

Mas Anne, de modo inconsciente, deixou a moral de lado e agarrou-se somente às deliciosas possibilidades que havia naquilo.

Ah, fico muito feliz que ela seja bonita. Além de a pessoa ser bonita, e isso é impossível no meu caso, a melhor coisa é ter uma amiga do peito bonita. (...).

(Montgomery, 2019, p.69).

O trecho acima está no plano das ideias de Anne, mas as ações das figuras 100 e 101 estão presentes no primeiro episódio, retratam o primeiro encontro entre Anne e Diana. Podemos perceber pelo diálogo entre elas que Diana faz associação das origens de Anne com

o fato de ser órfã e possuir, no primeiro momento, personalidade reservada por apresentar comportamento quieto.

Figura 100 – Anne dialoga com Diana 1



Fonte: Netflix (2017).

Figura 101 – Anne dialoga com Diana 2



Fonte: Netflix (2017).

O primeiro evento com a participação de Anne e os Cuthbert é um piquenique, onde todos da sociedade de Avonlea estão presentes. As figuras 102 a 107 que ocorrem no segundo episódio, podemos perceber os personagens observando a garota e proferindo falas desagradáveis e preconceituosas, causando sentimentos de rejeição e segregação. Bosi (2022, p.17-18) nos diz que “Parece que há sempre uma *narrativa coletiva* privilegiada no interior de um mito ou de uma ideologia. E essa narrativa explicadora e legitimadora serve ao poder que a transmite e difunde”. As ações dos participantes do piquenique externalizam a predominante ideologia presente em Avonlea, seja pelo modo de vestir ou pelas ações discriminatórias, ofuscando o brilho do respeito e do amor ao próximo transmitidos pelos irmãos Cuthbert em suas atitudes.

Figura 102 – Piquenique em Avonlea 1



Parece que os Cuthberts pegaram
uma órfã.

Fonte: Netflix (2017).

Figura 103 – Piquenique em Avonlea 2



-Um cachorro órfão!
-Sejamos caridosos.

Fonte: Netflix (2017).

Figura 104 – Piquenique em Avonlea 3



Será que a pegaram como filha
ou como empregada?

Fonte: Netflix (2017).

Figura 105 – Piquenique em Avonlea 4



Seu cabelo não é horroroso?

Fonte: Netflix (2017).

Figura 106 – Piquenique em Avonlea 5



**Ouvi dizer que eles a tiraram
de um asilo na Nova Escócia.**

Fonte: Netflix (2017).

Figura 107 – Piquenique em Avonlea 6



**Você é uma pequena órfã
Morou na lata do lixo**

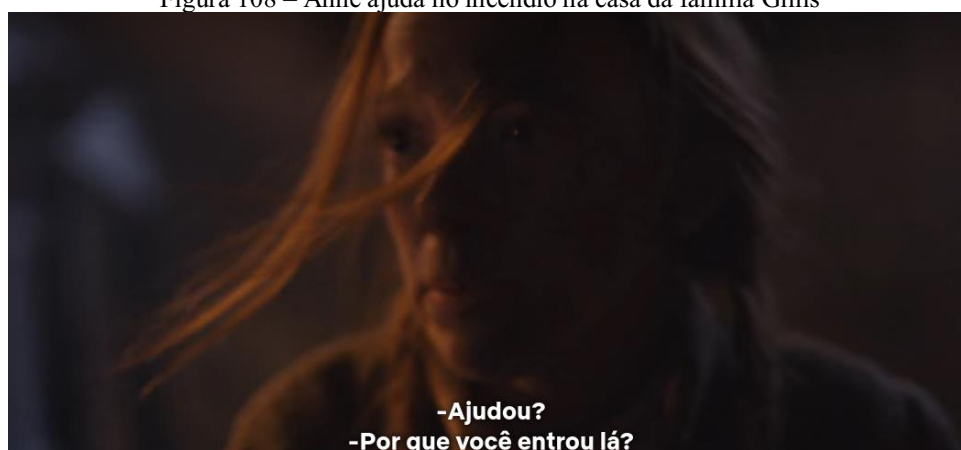
Fonte: Netflix (2017).

Anne consegue superar as ações de rejeição impostas na sociedade por meio do amor mútuo compartilhado com os irmãos Cuthbert, além da sua vivência antes de Green Gables.

Bosi (2022, p.16) afirma: “Do vínculo com o passado se extrai a força para formação de identidade”. Essa citação ajusta tudo o que ocorre em sua memória social e coletiva.

Em contrapartida, podemos incluir um evento que se destaca na pequena cidade de Avonlea no quarto episódio: um incêndio ocorrido na casa de Ruby Gillis, amiga de Anne. A comunidade se dirige até o local para prestar socorro e auxílio no apagar das chamas. Com determinação, Anne entra na casa e consegue fechar as janelas, salvando a casa. Ela alega ter adquirido conhecimentos sobre como enfrentar incêndios através da leitura de um manual enquanto estava no orfanato, visto que a leitura representava uma das poucas alternativas disponíveis para ela naquele período.

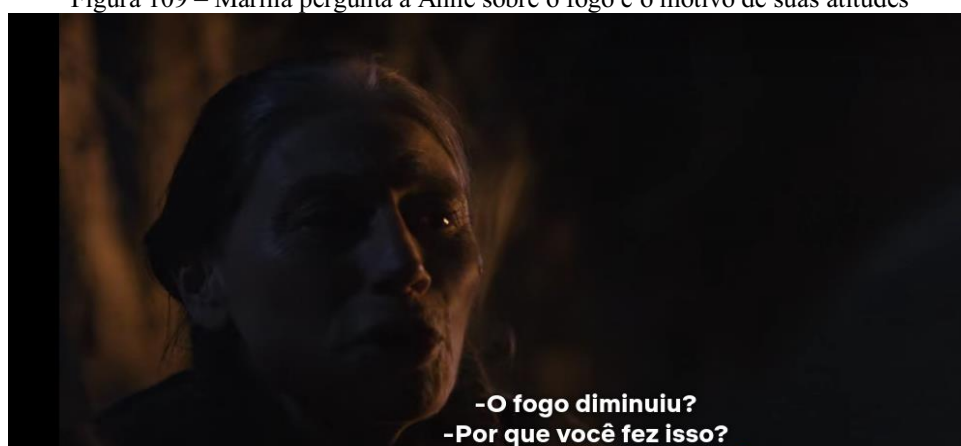
Figura 108 – Anne ajuda no incêndio na casa da família Gillis



**-Ajudou?
-Por que você entrou lá?**

Fonte: Netflix (2017).

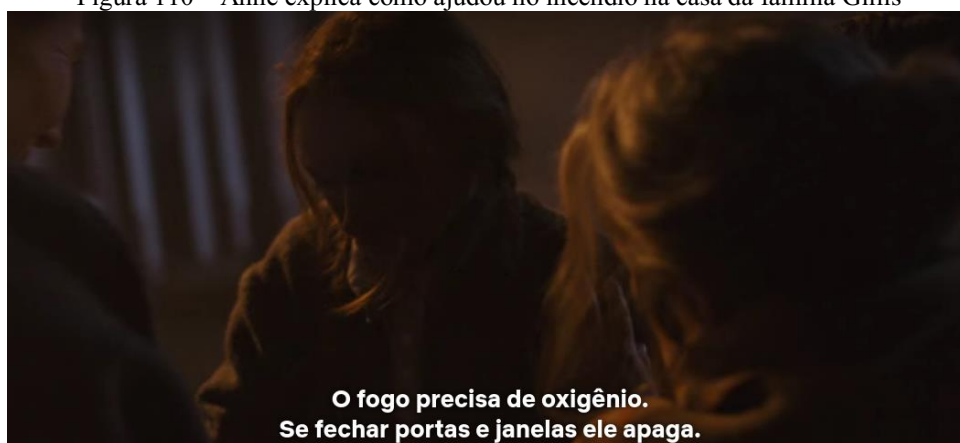
Figura 109 – Marilla pergunta a Anne sobre o fogo e o motivo de suas atitudes



**-O fogo diminuiu?
-Por que você fez isso?**

Fonte: Netflix (2017).

Figura 110 – Anne explica como ajudou no incêndio na casa da família Gillis



Fonte: Netflix (2017).

Figura 111 – Reunião da comunidade de Avonlea para ajudar a família Gillis.



Fonte: Netflix (2017).

Vale ressaltar que, após o incêndio, a comunidade de Avonlea continuou a mostrar solidariedade com várias famílias, dispondo-se a dar abrigo à família Gillis. Essa demonstração de união e apoio reflete a força da sociedade na construção e reconstrução do espaço de sua história.

As cenas das figuras 112 a 114 ocorrem no segundo episódio e percebe-se um dos momentos mais importantes da vida dos irmãos Cuthbert e de Anne. Marilla e Matthew decidem adotá-la de forma legítima e acrescentam o sobrenome Cuthbert ao dela, tornando assim seu nome, Anne Shirley Cuthbert. As cenas representam o momento em que eles anunciam a novidade a Anne e, em seguida, pedem à menina para assinar o livro da família. Anne demonstra sentimentos profundos de alegria e gratidão.

Figura 112 – Anne está emocionada após ser convidada a assinar o livro da família Cuthbert



Fonte: Netflix (2017).

Figura 113 – Marilla pede para Anne se acalmar, pois está emocionada pela sua adoção oficial pelos irmãos Cuthbert



Fonte: Netflix (2017).

Figura 114 – Anne afirma que nunca esteve tão feliz em sua vida



Fonte: Netflix (2017).

Como mencionado anteriormente, Anne apresenta baixa autoestima no TF e no TA. Ela frequentemente se refere à sua aparência como “desagradável” para si mesma e para os

outros devido as suas características físicas. Vários discursos na história reforçam o quanto é difícil para ela aceitar sua imagem e como gostaria de ser diferente. No trecho abaixo, Anne expressa esse sentimento de negação da sua imagem: “(...) Oh, eu seria capaz de suportar qualquer coisa se achasse que meu cabelo teria um lindo tom de acaju quando eu crescesse” (Montgomery, 2019, p.86).

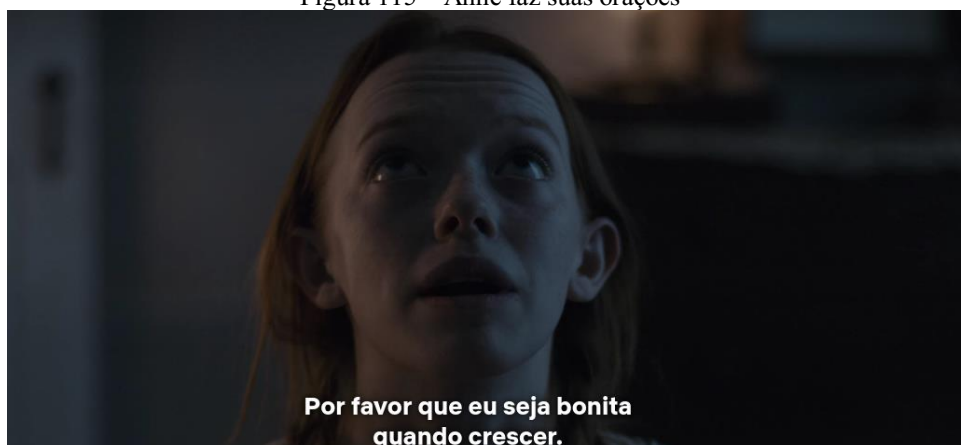
Macedo (2021) menciona a utilização do reforço negativo por parte de personagens para com Anne, promovendo um discurso excludente e racista, com destaque a personagem Senhora Rachel: “Uma parte importante da construção dos pensamentos e da personalidade de Anne é como ela se enxerga, sobretudo por ser ruiva, o que, à época, gerava preconceito entre certos grupos de pessoas, como visto na fala da Senhora Rachel Lynde” (Macedo, 2021, p.19).

Ramalhete e Sten (2018) reforçam a ideia de que a aparência é constituída socialmente como critério para desagrado ou exclusão social:

Os padrões de beleza até hoje são erigidos pelo critério da exclusão. Culturalmente, privilegiam-se os olhares e os ditames masculinos, uma vez que, nessa perspectiva, as mulheres devem ser vistas como acessórios, como meros adornos, que ficam mais apresentáveis quando se encaixam em certos arquétipos (Ramalhete e Sten, 2018, p.438).

Na figura 115, durante o primeiro episódio, Marilla ensina Anne a fazer suas orações. A garota pede em prece para que, quando for adulta, sua aparência seja diferente, sustentando a visão negativa que possui de si mesma.

Figura 115 – Anne faz suas orações



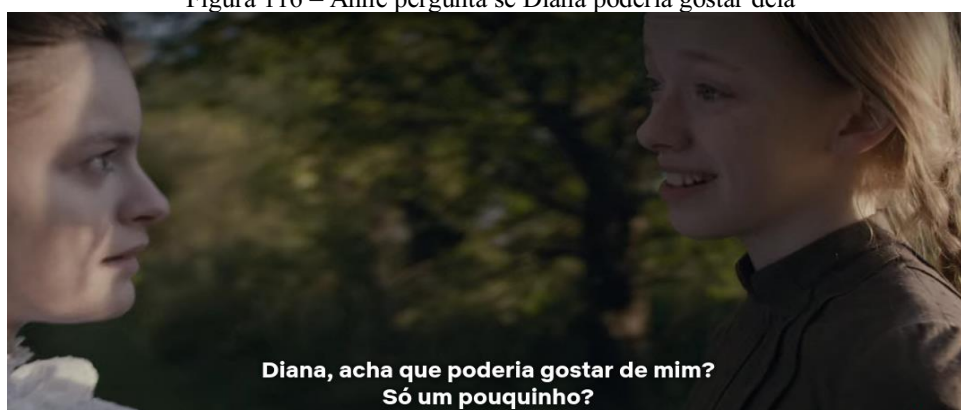
Fonte: Netflix (2017).

No segmento subsequente, o tema da negação da autoimagem perdura, e a Marilla aconselha a não pensar dessa forma, ensinando uma lição de vida a partir de um provérbio citando a um paralelismo entre virtude e beleza exterior.

- Você não deveria pensar tanto assim na sua aparência, Anne. Receio que seja uma menininha deveras vaidosa.
- Como posso ser vaidosa quando sei que sou feia - protestou Anne. - Amo coisas bonitas e odeio olhar no espelho e ver uma coisa que não é bonita. Isso me deixa triste demais... do mesmo modo como me sinto quando olho para uma coisa feia. Sinto pena porque a coisa feia não é bonita.
- Beleza sem virtude é rosa sem cheiro - Marilla citou o provérbio (Montgomery, 2019, p.87).

Considerando o que sabemos da história de vida de Anne, não é difícil imaginar o quanto ela sofreu e vivenciou como uma garota órfã e excluída da sociedade. No primeiro encontro com Diana, Anne carrega a insegurança e a solidão vividas até aquele momento, mas com a esperança de encontrar uma “alma irmã”, ou seja, uma amiga. Nas figuras a seguir, no primeiro episódio, Anne pergunta a Diana se ela “acha que poderia gostar” dela. Como resposta, ela olha com atenção para a garota e afirma possuir simpatia por Anne.

Figura 116 – Anne pergunta se Diana poderia gostar dela



Fonte: Netflix (2017).

Figura 117 – Diana responde Anne que sim



Fonte: Netflix (2017).

Em seguida, ocorre a proposta de Anne em realizar um juramento de amizade entre elas. Diana, primeiramente, se nega, pois não compreende o sentido da promessa; no entanto, Anne a convence após explicar o significado. A figura 118 ilustra esse momento.

Figura 118 – Diana e Anne fazem votos de amizade



Fonte: Netflix (2017).

No livro, ocorre o juramento de forma diferente. Anne e Diana utilizam somente as mãos para o juramento de amizade. Não se apresenta na série o fato de Diana comentar acerca da garota ser estranha e afirmar já ter ouvido falar dela por meio de outras pessoas; entretanto, a visão sobre Anne não é empecilho para a amizade delas. “Diana repetiu o ‘juramento’ com uma risada antes e depois. Em seguida, disse: - Você é uma garota estranha, Anne. Eu já tinha ouvido falar que você era estranha. Mas acho que vou gostar bastante de você” (Montgomery, 2019, p.99).

Em contrapartida, no trecho abaixo, Anne apresenta a si mesma como personalidade múltipla, como no trecho a seguir em que ela confessa achar sua personalidade cativante, demonstrando assim a construção de sua maturidade, autoconhecimento e autocuidado: “Há muitas Annes diferentes dentro de mim. Às vezes, penso que é por isso que sou uma pessoa tão inoportuna. Se eu fosse apenas uma Anne, seria mais cômodo, mas eu não seria nem um pouco interessante quanto sou” (Montgomery, 2019, p.178-179).

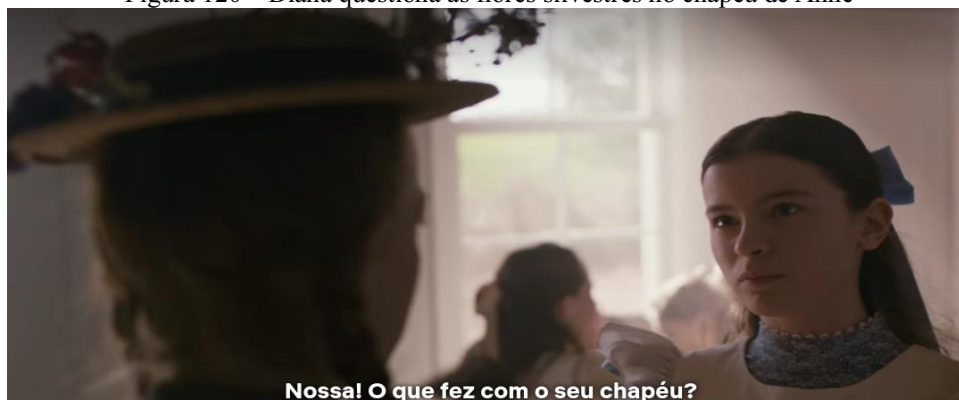
As cenas das figuras 119 a 121 ocorrem no terceiro episódio e exprimem a satisfação de Anne ao ostentar flores silvestres em seu chapéu enquanto caminha para a escola. As pessoas da sociedade consideram uma atitude ridícula o uso delas, conforme a reprimenda que Marilla faz.

Figura 119 – Anne está com chapéu cheio de flores selvagens



Fonte: Netflix (2017).

Figura 120 – Diana questiona as flores silvestres no chapéu de Anne



Nossa! O que fez com o seu chapéu?

Fonte: Netflix (2017).

Figura 121 – Anne explica sobre as flores silvestres em seu chapéu



Eu queria causar uma boa impressão,
e ele estava tão sem graça!

Fonte: Netflix (2017).

A abordagem do tema, no que diz respeito às flores silvestres, apresenta distinção com relação ao destino final da personagem. No TA, Anne recolhe as flores em seu caminho para a escola e tem a ideia de colocá-las no chapéu para enfeitá-lo. Já no contexto do TF, a ação ocorre com sua ida sozinha para a escola dominical, pois Marilla encontrava-se com enxaqueca. O

trecho abaixo exhibe a satisfação que Anne teve em adornar o seu chapéu e o quanto ela estabelece limite para a opinião do outro e decide pela construção do seu amor-próprio.

Anne começou irrepreensível, usando o vestido de cetinela branco e preto, que, apesar de decente com relação ao comprimento e certamente não passível de ser acusado de ser demasiado curto, se esforçava para enfatizar cada canto e ângulo de sua magra silhueta. Seu chapéu era um chapéu de marinheiro pequeno, chato e brilhante, e a extrema simplicidade dele também desapontara bastante a Anne, que se permitira em segredo imaginar nele laços e flores. As últimas, no entanto, foram fornecidas antes que Anne chegasse à estrada principal, pois, deparando-se no meio do caminho da trilha secundária com um frenesi dourado de ranúnculos balançados pelo vento e gloriosas selvagens, Anne rápida e generosamente adornou seu chapéu com uma coroa delas. Não importava o que outras pessoas achassem do resultado: ele havia satisfeito a Anne, e ela desceu a estrada alegremente, erguendo sua cabeça avermelhada, com seus adornos rosa e amarelos, com muito orgulho (Montgomery, 2019, p.91).

No trecho a seguir, são apresentadas as consequências de Anne ter colocado flores silvestres em seu chapéu. Marilla descobre quanto ao fato e a repreende. Nota-se as pessoas da sociedade consideram a atitude dela de usar flores silvestres no chapéu como ridícula, mas Anne rebate, demonstrando a importância da apreciação da natureza, especialmente das flores, e isso fazia bem a ela, defendendo seu gosto pessoal e confrontando a crítica social.

- Anne, a senhora Rachel me disse que você foi à igreja domingo passado com seu chapéu coberto de rosas e ranúnculos ridículos. De onde você tirou essa ideia estapafúrdia? Você deveria estar uma beleza de se ver!

- Ai. Sei que rosa e amarelo não me caem bem - começou Anne.

- Não lhe caem bem... que bobagem! O que foi ridículo foi você ter colocado flores em seu chapéu, não importa a cor delas. Você é uma criança muito irritante!

- Não entendo por que é mais ridículo usar flores no chapéu do que no vestido - protestou Anne. - Várias garotinhas ali tinham pequenos buquês presos aos seus vestidos. Qual é a diferença?

Marilla não seria arrastada da segurança daquilo que era concreto para os caminhos duvidosos do que é abstrato.

- Não me responda desse jeito, Anne. Foi uma tolice da sua parte ter feito isso. Jamais deixe que eu te pegue aprontando uma coisa dessas de novo. A senhora Rachel disse que pensou que ela ia afundar no chão, quando viu você entrar toda enfeitada daquele jeito. Ela só conseguiu se aproximar o bastante para lhe dizer que arrancasse aquelas flores quando já era tarde demais. E ela disse que as pessoas comentaram terrivelmente sobre isso. É claro que pensariam que eu deveria ter enlouquecido ao deixar você sair enfeitada daquela maneira.

- Oh, me desculpe - disse Anne com os olhos rasos d'água. - Jamais pensei que você se importaria. As rosas e os ranúnculos estavam tão bonitos e tinham um cheiro tão doce que pensei que ficariam adoráveis no meu chapéu. Várias garotinhas tinham flores artificiais em seus chapéus. Receio que serei uma provação horrorosa para você. É melhor me mandar de volta para o orfanato. Isso seria terrível; não acho que eu conseguiria suportar; é bem provável que eu acabe pegando uma tuberculose; e olhe que já sou bastante magra, sabe. Mas isso seria melhor do que ser uma provação para você.

- Quanta bobagem - disse Marilla, irritada consigo mesma por ter feito a menina chorar. - Não quero mandar você de volta para o orfanato, tenho certeza disso. Tudo que quero é que você se comporte como as outras garotinhas e que não faça papel de ridículo. Pare de chorar (...) (Montgomery, 2019, p.95-96).

Marilla fez alguns vestidos para Anne quando decidiu acolhê-la como filha, mas nenhum deles seguia a moda que ela tanto sonhava: roupas com a presença de mangas bufantes. O trecho abaixo exemplifica o momento social de participação da garota e se sente frustrada por estar utilizando uma vestimenta ultrapassada. A presença dessa moda na sociedade de Avonlea nos trajas promove essa reação em Anne.

“Todas tinham vestidos de mangas bufantes. Tentei imaginar que minhas mangas também eram bufantes, mas não consegui. Por que não consegui? Foi muito fácil imaginar que elas eram bufantes quando estava sozinha no frontão leste, mas foi terrivelmente difícil fazer isso lá, em meio às garotas que de fato tinham mangas bufantes” (Montgomery, 2019, p.93).

O uso de destaques em trechos do livro é observado com frequência e ocorrem para caracterizar e reforçar algumas palavras, dando ênfase aos sentimentos e expressões por meio do recurso itálico. Exemplificando a seguir com o termo *tão*, que apresenta a marcação do discurso, apresentando a relevância do esgotamento no contexto de sua aparência.

Não seria tão difícil se as pessoas parassem de falar mal da minha aparência - respondeu Anne com um sussurro. - Não me irrita com outras coisas; mas estou *tão* cansada de que falem mal do meu cabelo que isso simplesmente faz o meu sangue ferver. Você acha que meu cabelo de fato vai ganhar um lindo tom de acaju quando eu crescer? (Montgomery, 2019, p.87).

O mesmo ocorre com os termos a seguir no quadro 3.

Quadro 3 – Trechos do livro mostrando alguns usos do recurso de destaque itálico nas falas

“- Ah, *estou* agradecida - protestou Anne. - Mas ficaria muitíssimo mais agradecida se... se você tivesse feito pelo menos um deles com as mangas bufantes. Mangas bufantes estão muito na moda agora. Eu ficaria emocionada, Marilla, simplesmente por usar um vestido de mangas bufantes (Montgomery, 2019, p.90).

“Charlie Sloane está *caidinho* por você. Ele contou para a mãe, para *mãe* dele, preste atenção, que você era a menina mais inteligente da escola. E isso é melhor do que ser bonita (Montgomery, 2019, p.123).

“Acho que seu querido Gilbert Blythe *é* bonito - confidenciou Anne para Diana -, mas acho-o ousado demais. Não é de bom-tom ficar dando piscadelas para uma menina desconhecida (Montgomery, 2019, p.124).

Fonte: Livro Anne de Green Gables (2019) - Lucy Maud Montgomery.

O presente tópico aborda a temática da cultura, destacando que, em qualquer sociedade, existe um conjunto de hábitos transmitidos de geração em geração. Em Avonlea, por exemplo, é comum seguir um horário específico para o chá todos os dias. O trecho a seguir é uma observação de Marilla para Anne, enfatizando a importância do costume cultural de servir o jantar, incluindo o preparo para o chá para Matthew e Jerry: “(...)Você vai ter que servir o

jantar para Matthew e Jerry; então, fique atenta para não se esquecer de fazer o chá antes de se sentar à mesa, como da última vez (Montgomery, 2019, p.135).

Por fim, o pensamento de Norbert Elias nos permite observar que a presença do tempo é essencial ao indivíduo. Ele condiciona a sociedade a apresentar e a organizar padrões em uma cultura.

Assim como os relógios e os barcos, o tempo é algo que se desenvolveu em relação a determinadas intenções e a tarefas específicas dos homens. Nos dias atuais, o “tempo” é um instrumento de orientação indispensável para realizarmos uma multiplicidade de tarefas variadas (Elias, 1998, p.7).

E completa:

O indivíduo, ao crescer, aprende a interpretar os sinais temporais usados em sua sociedade e a orientar sua conduta em função deles. A imagem mnêmica e a representação do tempo num dado indivíduo dependem, pois, do nível de desenvolvimento das instituições sociais que representam o tempo e difundem seu conhecimento, assim como das experiências que o indivíduo tem delas desde a mais tenra idade (Elias, 1998, p.7).

A exemplo da fala de Elias, existe ligação entre o comportamento social e individual, uma vez que o tempo desempenha um papel fundamental em nossa história cotidiana. Ao refletirmos sobre conquistas históricas, como a aceitação do direito do voto para as mulheres em todo o mundo, podemos encontrar referências a esse fato nas obras de arte, e a série *Anne com E* é um exemplo desse vínculo.

Rodrigues (2012) afirma que diante da cultura, a tradução possui o poder de formar identidades e de construir o estrangeiro. O autor enfatiza que é por meio da linguagem que as identidades são construídas e mantidas, assim como é por meio dela que acolhemos os indivíduos que não fazem parte da nossa cultura, assim como buscamos assimilar algum elemento de uma cultura ao qual não estamos familiarizados ou até mesmo neutralizar algo ou rejeitar. Tudo por meio da comunicação. O indivíduo pode tomar decisões e posições com base no seu contexto cultural. Assim, através da linguagem e da tradução somos capazes de conhecer diversas culturas e de aprender diferentes costumes (Neves, 2021, p.20).

A obra literária *Anne de Green Gables* também segue o mesmo padrão. No trecho a seguir, Anne se dirige a Matthew com o objetivo de aprender sobre os partidos políticos presentes no Canadá: o Partido Conservador e o Partido Liberal. Ela começa citando o comentário da Senhora Lynde e, em seguida, expressa suas próprias considerações sobre seu posicionamento político.

(...) A senhora Lynde disse que o Canadá ficará entregue às moscas do jeito que as coisas estão sendo administradas em Ottawa e que isso é um terrível sinal de alerta para os eleitores. Ela diz que, se as mulheres pudessem votar, nós logo veríamos uma mudança abençoada. Você vota em qual partido, Matthew?

- Conservador - respondeu Matthew imediatamente. Votar no Partido Conservador fazia parte da religião de Matthew.

- Então, também sou a favor do Partido Conservador - disse Anne com determinação.

- Fico feliz porque o Gil... porque alguns dos garotos da escola são a favor do Partido Liberal. Acho que o senhor Phillips também vota no Partido Liberal, porque o pai da Prissy Andrews também vota nesse partido, e a Ruby Gillis diz que, quando um homem está cortejando uma garota, ele precisa concordar com a religião da mãe dela e com a opinião política do pai. Isso é verdade, Matthew (Montgomery, 2019, p.155).

Como observamos por meio da experiência de Anne e das pessoas ao seu redor, ela constrói e reforça sua história, utilizando a memória. Com o tempo desempenhando um papel central em sua vida, caracterizado pelo registro de suas histórias tanto por escrito quanto oralmente, sendo compartilhadas com Marilla, Matthew, Josephine, Diana e outros. "Nossa experiência elabora outras experiências, nossa memória elabora outras memórias" (Manguel, 2006, p. 163). Além disso, Frances Yates (2007, p. 23) argumenta que "a arte da memória é como uma escrita interior", enfatizando a importância da memória e do registro para a sociedade e as gerações futuras.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A literatura transmite mensagens e reflexões que perpetuam histórias e acontecimentos importantes para a sociedade. Os escritores possuem a capacidade de registro delas, assegurando a preservação da memória e do tempo difundidas. Os estudos da tradução auxiliam, desenvolvendo conexões culturais por meio das interpretações dos signos de uma obra em outro sistema linguístico.

A história de *Anne de Green Gables* apresenta um enredo envolvente. A personagem construída por Lucy Maud Montgomery é forte e determinada a mudar sua história, ressignificando e recriando o sentido da vida, mesmo após diversos acontecimentos negativos.

Anne com E (2017) discute diversos temas importantes para a figura feminina que dialogam com a atualidade em busca de valores, mudanças e reflexões. O TA promove o reconhecimento de Montgomery por todo o mundo, “vencendo” os séculos e obtendo do público a apresentação de questões sociais importantes. A diretora canadense Moira Walley-Beckett conseguiu atualizar o TF com vários temas contemporâneos, sem perder o eixo principal da obra original. Ela realizou a criação de um novo texto com características diferentes das outras adaptações preexistentes.

O objetivo geral da pesquisa foi analisar como ocorre a leitura do feminino no livro *Anne de Green Gables* e na série televisiva *Anne com E*. Desse modo, os subtópicos, *A sociedade*, *A educação* e *A cultura* auxiliam na elucidação dos objetivos específicos advindos por meio de questionamentos direcionados à relação intersemiótica entre o TF e o TA, tendo como alvo a análise da mulher e do tempo na linha de construção do feminino. As respostas dos subtópicos foram obtidas por meio do recurso *print screens* (captura de tela), contendo cenas relevantes da primeira temporada, relacionadas ao trecho da obra escrita.

Em *A sociedade*, o foco da análise foi orientado para atender ao questionamento “Como a mulher é representada na sociedade?”. As respostas obtidas no TF e no TA consistem na visão da mulher limitada aos cuidados domésticos e dos filhos. Em contrapartida, a personagem Anne demonstra capacidade de enfrentar e lidar com qualquer atividade que lhe seja proposta. Outro fato é o nascimento da mulher ser considerado frustrante para a família e, por fim, a perspectiva positiva com relação à liberdade de escolha do futuro.

O tópico *A educação* foca na exposição da relação do feminino e da educação. A pergunta “Qual é a perspectiva em relação à educação feminina?” foi respondida a partir da reunião do CCMP, que promove a discussão de ideias feministas e a promoção do ingresso de meninas no Ensino Superior para criação de uma sociedade moderna. Anne funda, com suas

amigas, o Clube de História de Avonlea e inicia a formação de mulheres conscientes do seu papel de leitoras do seu futuro. Em contrapartida, Marilla e a mãe de Diana desaprovam a leitura e formação fora do contexto escolar.

O questionamento “Quais são os comportamentos sociais apresentados no corpus?” retrata o tema *A cultura*. No TF e no TA percebemos similaridades na abordagem das relações sociais e costumes, sendo elas: o comportamento preconceituoso e hipócrita dos moradores de Avonlea com pessoas estrangeiras; a aparência física e social são valorizados em detrimento do diferente e espontâneo; a união da comunidade em situação de risco iminente à vida; e a presença do costume de servir chá rotineiramente.

Nos pressupostos teóricos foram utilizadas as teorias de Plaza (2010), Hutcheon (2013), Clüver (2011), Elias (1998), Hook (2022) e Bosi (2022) para aprofundar a leitura da figura feminina na série *Anne com E*. Para complementar, dissertações sobre *Anne de Green Gables* foram utilizadas para ampliar o campo de conhecimentos. Artigos científicos publicados em revistas eletrônicas e páginas na *web* constituíram fontes de referência de pesquisa.

Durante a análise dos dados, foram identificadas informações relevantes para entender o motivo da tardia publicação dos escritos de Montgomery em seu próprio país. Esses dados revelam os desafios enfrentados por mulheres escritoras para publicar, uma vez que o governo canadense não as reconhecia como “pessoas” com direitos políticos e independência financeira. No Brasil, também se verificou a existência de políticas restritivas em relação às leituras permitidas para mulheres durante o século passado. Além disso, foi observado que o tempo e a memória desempenham um papel fundamental na transformação da sociedade.

As marcações enfáticas no TF, por meio do recurso itálico, revelam elementos extras para a construção da entonação. Foram identificados no TA recursos *flashback* e *foco* motivando o telespectador na captação dos sentimentos e ações dos personagens, promovendo reflexão sobre o estado psíquico do ser humano após eventos traumáticos da vida. Por fim, interessante ressaltar a visão histórica utilizada para tornar o enredo mais próximo da contemporaneidade, com a apresentação de problemas históricos de outras culturas.

Na pesquisa, foi observada a tradução intersemiótica no TA, a qual foi obtida por meio do TF, representando a realidade sociológica da mulher em sua coletividade, compartilhando seus medos, comportamentos e anseios frente à sociedade da época. O TF segue como multiplicador de adaptações futuras, pois possui palavras-chave que dialogam com o contemporâneo e com futuras gerações, sendo atemporal. Ao analisar a figura da mulher, ficou evidente que ela é moldada por ações na busca de promover reflexões e discussões sobre os

papéis enfrentados pelas mulheres na sociedade contemporânea, com o objetivo de transformar a realidade estabelecida.

A análise de *Anne de Green Gables* e *Anne com E* agregam positivamente os estudos feministas, conseqüentemente na sororidade. O tempo e a memória na construção da ideologia social refletem na relevância dos resultados, conjunto de relações. Desse modo, com base nos resultados obtidos, podemos compreender a importância do vínculo dos TF e TA nos discursos sociais.

A idealização do projeto ocorreu a partir do conhecimento da obra de Lucy Montgomery por meio da série *Anne com E* (2017). Surgiram diversos questionamentos, tais como: a relação entre a vida da escritora e sua obra; quantos livros haviam sido publicados?; por que havia poucos estudos sobre suas obras?; por que várias adaptações de Montgomery estavam espalhadas pelo mundo, enquanto no Brasil não havia nenhuma antes da série?; curiosidade acerca do tema feminino em texto do início do século XX, entre outros.

A obra original e a série focam no feminino, cujo tema é relevante e atemporal. O estudo utilizou das teorias dos Estudos da Tradução acrescidos de leituras do Feminismo e Memória para fundamentação. As descobertas foram o relevante papel da personagem Anne como reflexo das futuras gerações quanto ao feminismo; a reflexão da ligação entre sociedade, e ideologia; e o diálogo entre memória coletiva e individual vinculada aos comportamentos sociais. Observamos a influência do mercado editorial brasileiro na reedição das coletâneas de Anne; houve diversas edições após o lançamento da primeira temporada da série em 2017.

Um ponto a destacar são as características da edição de *Anne de Green Gables* utilizada, publicada pela editora Ciranda Cultural no ano de 2019. A capa do livro é vermelha, existe a ilustração da protagonista em frente à fazenda Green Gables, o título possui três fontes diferentes na cor branca. Os elementos paratextuais presentes nas abas internas possuem linguagem repetitiva e persuasiva, com ausência de características marcantes da protagonista. A estrutura interna do livro é formada por folhas papel jornal e possui uma linguagem não fluida com a presença de notas de rodapé.

Como sugestão para futuras pesquisas, existem as seguintes propostas: pesquisa focando na dificuldade de identificação das primeiras edições no Brasil do livro *Anne de Green Gables*, sendo a primeira ocorrida em 1939 pela editora Companhia Nacional; os contextos sociais e históricos que existiam; uma importante investigação na busca precisa por informações das publicações existentes até nos dias de hoje; a elaboração de estudos voltadas para o texto original; tradução para o português dos textos que estão no idioma original e a edição adaptada

no intuito da criação de uma tradução comentada; e adaptação da obra para o quadrinho em contexto brasileiro.

Concluimos, assim, que existe necessidade de explorar e traduzir para o português os textos de Montgomery. A força do feminino está nos textos da escritora canadense e nas suas adaptações. A personagem principal, Anne Shirley, representa vanguarda em seu tempo. O presente estudo provou que as relações intersemióticas promovem ações importantes para conectar culturas e, na adaptação de uma mídia, existem múltiplos contextos de criação dentro dos sistemas linguísticos de uma sociedade. Esperamos que o projeto auxilie e motive pesquisadores a dar continuidade aos estudos de Montgomery dentro do campo dos Estudos da Tradução.

REFERÊNCIAS

AMORIM, Marcel Alvaro de. Da tradução intersemiótica à teoria da adaptação intercultural: estado da arte e perspectivas futuras. **Itinerários**, Araraquara, n.36, p.15-33, jan./jun. 2013

BELLEMIN-NOEL, J. **Psicanálise e literatura**. São Paulo: Cultrix, 1983.

BENJAMIN, W. The task of the translator. *In*: SCHULTE, R; BIGUENET, J. (Org). **Theories of translation**. Chigado: University of Chicago Press, 1992. p. 71-92.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social**. 4 ed. Cotia: Ateliê Editorial, 2022.

BRAGANZA, V. M. The Author of ‘Anne of Green Gables’ Lived a Far Less Charmed Life Than Her Beloved Heroine. **Smithsonian Magazine**, Washington D.C., Abr/maio, 2023. Disponível em: <https://www.smithsonianmag.com/arts-culture/lm-montgomery-anne-green-gables-life-180981839/>. Acesso em 3 maio de 2023.

CLÜVER, C. Intermidialidade. PÓS: **Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG**, Belo Horizonte, v.1, n.2, nov/2011, p. 8–23. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistapos/article/view/48493>. Acesso em: 17 nov. 2023.

ELIAS, Norbert. **Sobre o tempo**. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

GOMES DA SILVA, M.; SILVA GUIMARÃES, R. H. da. Anne With An E: história da educação em série. **Caminhos da Educação** diálogos culturas e diversidades, [S. l.], v. 1, n. 3, p. 111-131, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufpi.br/index.php/cedsd/article/view/2436>. Acesso em: 19 set. 2023.

HOOKS, Bell. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. Trad. Bhuvli Libanio. 19 ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2022.

HUTCHEON, Linda. **Uma teoria da adaptação**. Trad. André Cechinel. 2. ed. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2013.

JAKOBSON, Roman. On Linguistic Aspects of Translation. *In*: BROWER, R. A. (ed.). **On Translation**. Cambridge, Mass: Harvard University Press, 1959. p. 232-239

JAUSS, Hans Robert. A história da literatura como provocação à teoria literária. Trad. de Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994.

LARAIA, R. de. B. **Cultura: um conceito antropológico**. 14. ed. Jorge Zahar Ed. Rio de Janeiro, 2001.

LEDWELL, J.; MITCHELL, J. Introduction. *In*: Anne around the world. Montreal, McGill - Queen's University Press, 2013. p. 3 – 25.

MACEDO, Kátia Barros de. **Anne Shirley do século XXI: a reconstituição da personagem na série Anne With An E.**, 2021, 87 f., Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em

Estudos da Tradução, Florianópolis, 2021. Disponível em:
https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFSC_58fc859b11607384f3c505a75bfc94f0. Acesso em:
 14 ago. de 2023.

MANGUEL, Alberto. **Biblioteca à noite**. Trad. Samuel Titan Jr. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

MANGUEL, Alberto. **O leitor como metáfora: o viajante, a torre e a traça**. Trad. José Geraldo Couto. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2017.

MONTGOMERY, Lucy Maud. **Anne de Green Gables**. Trad. João Sette Camara. Jandira: Ciranda Cultural, 2019.

MONTGOMERY, Lucy Maud. **O caminho Alpino: A história da minha carreira**. Trad. Patricia Rasmussen. Jandira: Principis, 2020.

NEVES, Jéssica Thaiany Silva. **Anne of green gables: análise imagético-textual entre livro e novela gráfica pela tradução intersemiótica**. 121 f., 2021. Dissertação. (Mestrado em Linguagem e Ensino) - Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades. Campina Grande, 2021. Disponível em:
<http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/xmlui/handle/riufcg/17934> Acesso em: 8 fev. 2023

PAGE, Aubrey. ‘Anne With An E’: How ‘Breaking Bad’s Moira Walley-Beckett Is Updating Anne for 2017. **Collider**, 2017. Disponível em: <https://collider.com/anne-with-an-e-moira-walley-beckett-interview/> Acesso em: 16 set. 2023

PLAZA, Julio. **Tradução intersemiótica**. São Paulo: Perspectiva, 2010.

PUEHLER, Luciane Marlova Fontanela. **Anne with an E por meio da transposição midiática e do feminismo**. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Curitiba, 2022.

RAMALHETE, Maria Passos; STEIN, Samira da Costa. Crítica ao eterno feminino em Anne de Green Gables de Lucy Maud Montgomery. **Travessias Interativas**/ São Cristóvão (SE), n.16, v.8, p. 432–443, 2018. Disponível em:
<https://periodicos.ufs.br/Travessias/article/download/10301/7919>. Acesso em 22 set. 2023.

REDDIE, Amala. **Anne With an E: A Reflection on Representation**. CambridgeEditors’Blog, 4 de setembro de 2020. Disponível em:
<https://cambridgeeditors.wordpress.com/2020/09/04/anne-with-an-e-a-reflection-onrepresentation/>. Acesso em 1º/08/2021.

SILVA, Marcelo Gomes. **“Por meio da resistência”**: processo de profissionalização docente no Manifesto “Ao Professorado de Minas” (1900). 134 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

STAM, Robert. Introdução. A literatura através do cinema: realismo, mágica e a arte da adaptação. Trad. de Marie-Anne Kremer; Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

YATES, Frances Amelia. **A arte da memória**. Trad. Flavia Bancher. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

WATERSON, Elizabeth Hillman. Anne of Green Gables – and afterwards. In: Anne around the world. Montreal, McGill - Queen's University Press, 2013. p. 27 – 34.

ANEXO A – TRECHO DA APRESENTAÇÃO PRESENTE NA AUTOBIOGRAFIA *O CAMINHO DO ALPINO: A HISTÓRIA DA MINHA CARREIRA* ESCRITA PELA

TRADUTORA



Fonte: (Montgomery, 2020, p. 7).